

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

LUIZ NUNES DE ALMEIDA

**RIO TIETÊ
ESTRADA LÍQUIDA DOS ROMEIROS DO DIVINO
ESPÍRITO SANTO**

Mestrado em Ciências Sociais

**São Paulo
2008**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

LUIZ NUNES DE ALMEIDA

**RIO TIETÊ
ESTRADA LÍQUIDA DOS ROMEIROS DO DIVINO
ESPÍRITO SANTO:**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à comissão examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Hojaij Gouveia.

**São Paulo
2008**

BANCA EXAMINADORA

Para Vitor Luis

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Eliane Hojaij Gouveia, orientadora, que acreditou no projeto e orientou-me com dedicação, de modo especial agradeço o apoio e a compreensão que me dispensou nos anos de pesquisa, dando exemplo de respeito e estímulo no trabalho, municiando-me com referências bibliográficas utilíssimas e que continua sendo minha bússola intelectual. Registro aqui minha gratidão pela leitura atenta e generosa, pelos comentários, correções e sugestões para elaboração da dissertação.

Registro no mesmo sentido os reparos e sugestões da comissão examinadora que participou da minha qualificação, composta pelas professoras Dra. Terezinha Bernardo e Dra. Márcia Merlo que leram, criticaram e avaliaram a pesquisa que resultou o aperfeiçoamento da dissertação.

Aos professores, colegas e funcionários do Programa, agradeço o apoio. Menciono as professoras Josildeth Gomes Consorte, Carmem Sylvia Junqueira, Ana Amélia da Silva que sempre me incentivaram a ir em frente, elogiando e lapidando meu trabalho e não poderia deixar de lembrar os amigos de mestrado Rosângela R. Praxedes, Lucélia T. Guimarães, Sandra Mara Tenchena, Helena Mendes da Silva, Jair Bercê e Vânio Flávio Dias Ferreira aos favores, companheirismo, crítica construtivas e paciência.

Devo um agradecimento especial a João Antônio Proença e Antônio Amaro Sobrinho, diretor e ex vice-diretor da Irmandade de Anhembi, a Nilvo Camalioni, diretor da Irmandade de São João de Conchas e a Fábio Camargo, ex diretor da Irmandade da Capela de São Sebastião do Sub-distrito de Laras de Laranjal Paulista que me introduziram nos meandros da vida social e religiosa de suas Irmandades e permitiram que eu conhecesse e adentrasse nos mistérios da devoção popular de parte do povo caipira paulista. Homens da mais perfeita cortesia que nunca deixaram de me acolher e que, de alguma forma, ajudaram-me a escrever sobre a tradição deles.

Por seus nomes, gostaria de agradecer a todo o povo do Divino da região do médio-Tietê, evocando alguns caipiras que, em entrevistas ou conversas informais, ofereceram dados preciosos para a base do meu estudo e mais ainda, pelo que, involuntariamente, forneceram como objeto de investigação. Merecem ainda meus agradecimentos, pela ajuda durante a jornada da pesquisa, os

amigos Flávio Pécchio, professor e fotógrafo e Ozair Lopes de Carvalho, Irmão do Divino de Anhembi, a quem lhes devo tamanha gratidão. Os auxílios fotográficos tornaram-se verdadeira colaboração. Registro minha gratidão a Daniel André Machado, Marcos Lisboa Garcia, Tiago Nunes de Almeida, responsáveis e colaboradores na produção gráfica, diagramação e digitação da dissertação e a Silvio Luis da Silva que corrigiu detalhadamente o trabalho, e que, além disso, deu sopro renovador ao texto na fase decisiva da dissertação.

Além de todos os citados individualmente, tenho mesmo que agradecer à Rejânia, companheira de tantos anos que suportou galhardamente todo o tempo do trabalho e concebeu-me um filho no mesmo período. Boa parte da minha pesquisa foi feita durante a expectativa da chegada do nosso filho Vitor Luis; outro tanto, enquanto o mesmo engatinhava, depois andava, logo corria, ou então era carregado por nós e pelos Irmãos do Divino, nos almoços e pousos que compartilhávamos.

Em especial, finalmente agradeço o Divino Espírito Santo que me concedeu todas as dádivas nesses dez anos que passei com suas Irmandades, como investigador e pesquisador, pois é ele a fonte de todas as graças e doador de todos os dons. A todos meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Neste trabalho, oferecemos uma reflexão sobre os aspectos conceituais e interpretativos do universo simbólico das Irmandades do Divino Espírito Santo das cidades de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, localizadas no médio-Tietê, Estado de São Paulo. Para alcançarmos nosso intento, apresentamos uma perspectiva história da criação das Irmandades do Espírito Santo e analisamos o comportamento, as crenças, a fé e as promessas das comunidades em foco. Também lidamos com as festas do Divino e suas peculiares manifestações de fé, que se dão antes e durante as celebrações. Este procedimento nos dá subsídios para oferecer uma perspectiva etnográfica das manifestações religiosas da cultura popular dos grupos analisados, o que fazemos com base nos conceitos de Clifford Geertz, Carlos Rodrigues Brandão, Alfredo Bosi, Julieta Scarano, Márcia Contins e outros autores importantes das áreas de Ciências Sociais e Cultura Popular.

Palavras chave: Irmandades do Divino Espírito Santo, Cultura Popular, religiosidade e identidades.

ABSTRACT

This dissertation, presents a reflection on the conceptual aspects of symbolic universe of the Holy Spirit Communities of the cities of Anhembi, Laranjal Paulista and Conchas, located in the mid-Tiete river, State of São Paulo. In order to achieve our goals, we present a historical perspective of the creation of the Holy Spirit Communities in general and analyze the behavior, believes, faith and promises to Holy Spirit of the specific communities we focus on. We also deal with the Holy Spirit Parties and its peculiar manifestations of faith, which take place before and within the celebration. This procedure allows us to offer an ethnographic perspective on religious manifestations of popular culture of the analyzed groups, which is done based on the concepts of Clifford Geertz, Carlos Rodrigues Brandão, Alfredo Bosi, Julieta Scarano, Márcia Contins and other important authors of the Social Sciences and Popular Culture.

Key words: Holy Spirit communities, Popular culture, religiosity, identity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA	09
CAPÍTULO I – A IRMANDADE	25
1.1 - Breve histórico da origem das Irmandades	25
1.2 - As Irmandades do Divino do médio-Tietê	31
1.3 - Compromisso, Estatuto e Regulamento	47
1.4 - A Simbologia das cores do Divino	54
CAPÍTULO II – A VIAGEM	57
2.1 - A caminhada do Divino	57
2.2 - A derrubada das canoas nas águas do rio Tietê	66
2.2.1 - Um pouco de história da derrubada das canoas de Anhembi	75
2.3 - O embarque fluvial da Irmandade	78
2.3.1 - O pouso do Divino	89
2.3.2 - O comer e beber juntos	97
2.4 - A região, o rio Tietê e os moradores	102
CAPÍTULO III – A FESTA	110
3.1 - A origem da festa do Divino	115
3.2 - A festa do Divino do médio-Tietê	121
3.3 - A Folia do Divino	130
3.4 - Os Amortalhados	142
3.5 - O milagre do Divino	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162
ANEXOS	170
I – Patente de admissão	170
II – Estatuto	171
III – Regulamento para viagem da Irmandade do Divino São João	175
IV – Relação de pousos da Irmandade de Anhembi, ano de 2006.	176
V – A região do médio-Tietê	177
VI – As canções da folia do Divino das Irmandades de Anhembi e de São João de Conchas	178

APRESENTAÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA

A vivência da fé dos leigos da Igreja Católica ou Grupos Religiosos do Catolicismo são estreitamente relacionadas com o fenômeno religioso que se convencionou chamar de Irmandades do Divino Espírito Santo. Tais Irmandades são comuns entre os moradores de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, municípios situados na região de Botucatu, Estado de São Paulo. Essas Irmandades, além de serem um registro vivo da história local, enfatizam as manifestações de religiosidade peculiares da região.

As comunidades religiosas do Divino Espírito Santo têm suas origens na região, em meados do século XIX e, até hoje, sobrevivem por força da fé de seus seguidores, que promovem romarias e festas para o Divino Espírito Santo. Dadas as peculiaridades destas manifestações religiosas, a presente dissertação toma, por base de estudo, as crenças, o estilo de vida e os trabalhos dos agentes religiosos católicos que deram origem às Irmandades e as festas do Divino que marcam a religiosidade popular do local.¹

Nesta dissertação, o aspecto antropológico é o parâmetro para mostrar o processo de construção simbólica das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê, especificamente das cidades de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, assentadas sobre organizações de lideranças leigas, responsáveis pela manutenção

¹ Valer-se da religiosidade popular para elaborar um trabalho científico não é prerrogativa deste pesquisador, haja vista que as diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Literatura já se ocuparam do termo para explicar, a partir de significados concernentes a cada uma das áreas mencionadas, a sua utilidade na vida espiritual das “camadas subalternas”.

de um patrimônio cultural inesgotável, cuja força é revitalizada anualmente pelas reuniões em torno da “Bandeira do Divino”.²

Para realizar esta dissertação, foi feito um balanço da pesquisa em duas fases: a primeira refere-se ao período de campo do primeiro semestre de 1997 ao segundo de 2003, quando iniciei meu projeto e a segunda, a partir do ingresso no mestrado em 2004, que permitiu a produção de um mapeamento dos rituais e do ciclo de vivências da comunidade de moradores católicos do médio-Tietê. Além disso, foram tratadas suas representações do mundo, ou seja, uma dinâmica interna dos grupos filiados às Irmandades e seus sistemas culturais, com especial atenção para as perspectivas da devoção popular e seus sentidos para a região, enquanto manifestação tanto da fé cristã, quanto da história de um povo que rememora, a cada ano, suas atividades festivas tradicionais mais importantes.

A produção etnográfica que sustenta este trabalho prende-se às análises das relações pré-estabelecidas no catolicismo popular praticado pelos integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, denominados “Irmãos do Divino”,³ homens de diversas classes sociais e de diversas idades, que levam a presença do Espírito Santo aos lares das pessoas. Segundo narrativas colhidas, o poder da

² Neste trabalho, adotamos a grafia “Bandeira do Divino” por ser designativa da representação simbólica do Espírito Santo – Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Na esfera da romaria e da Festa do Divino do médio-Tietê, a Bandeira é um objeto sagrado. O Divino é representado pela imagem de uma pomba branca e sua força é transmitida através do toque, do beijo, do enlaçamento em seu manto feito de pano vermelho, coberto de fitas coloridas e fotos penduradas como forma de pedidos dos devotos ao longo da caminhada dos irmãos. Sua presença é desejada por todos.

³ Expressão usada para designar os membros e/ou integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo. No presente estudo, os agentes religiosos do Divino são denominados sacerdotes do povo, guardiões do Divino, voluntários, caminhantes, navegantes e viajantes, o que lhes empresta uma identidade diferenciada pelos postos que ocupam. São esses agentes que resolvem o equilíbrio de trocas de alianças e posições e, com seu trabalho, reconstruem a família cristã, privilegiando a organização comunitária. O uso das aspas para o termo “Irmão do Divino” se justifica pelo fato de ser este, como veremos, uma relação de afeto entre eles e não uma relação de consangüinidade.

ação dos agentes do Espírito Santo anima a população a viver uma fé, protagonizada por uma ardente devoção ao Divino.

Assim, chegamos ao cerne deste estudo: tecer uma reflexão sobre o universo simbólico das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê, especialmente no que tange à história dos modos de ser coletivos e sua visibilidade religiosa, cujas peculiaridades são socialmente transmitidas, por meio de particulares concepções de espaço, tempo, sociedade, transcendência. Assim, tornou-se objeto deste trabalho analisar o estilo de vida religiosa dos seus seguidores, presumindo a existência de um estoque de bens simbólicos próprios das relações das Irmandades com os preceitos da Igreja Católica.

Entre os aspectos estudados, destacam-se as relações dos indivíduos com as famílias e com a Igreja Católica, cuja memória remete a conteúdos veiculados pela cultura local. Também são analisados os integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo quanto à representação que fazem do mundo e seu estilo de vida ligado a uma idealização de condição de consagrados de Deus, por caminharem com o Espírito Santo.⁴ Neste sentido, oferecemos uma visão da construção das Irmandades do Divino Espírito Santo centrada na vontade da população em obter a cura, livrar-se dos perigos das doenças, desavenças, vícios e desafios da sociedade no dia a dia.

Para Brandão (1986), na crença popular, a noção de cura milagrosa pressupõe classificações relativas à doença, à saúde, às felicidades e aos infortúnios inseridos em referenciais cosmológicos e doutrinários, como forma de

⁴ Em uma leitura à luz do catolicismo, a religião cristã é a única cujo Deus é tripartido: Pai, Filho e Espírito Santo. O Espírito Santo é o terceiro elemento da trindade e não tem imagem humana definida como a de Jesus, o filho, nem uma autoridade temerosa como a de Deus, o Pai. No imaginário popular, o Espírito Santo é uma divindade próxima. O Espírito Santo é “Fogo”, “Língua de Fogo”, uma “Pomba”, a “Pomba do Divino”.

ver-se livre de constrangimentos infringidos pela potência do mal. Assim, também traçamos um quadro cosmológico e doutrinário sobre os rituais sagrados, as romarias e as festas anuais de louvor ao Divino Espírito Santo.

No que foi identificado no levantamento bibliográfico e na pesquisa de campo, o surgimento das chamadas Irmandades do Divino Espírito Santo remete ao tempo da ocupação da Depressão Periférica Paulista, na primeira metade do século XIX, quando as febres malignas ou moléstias do campo como tifo, maleita e sezão constituíam obstáculos para os pioneiros na luta pela acomodação e posse da terra.⁵

Além destas doenças, os entrevistados atestam, que uma avassaladora pandemia de febre amarela causadora de muitas mortes fora controlada pela expedição fluvial de Luis Manoel dos Santos, um humilde posseiro de terras, oriundo de Minas Gerais, que se embrenhou pelo rio Tietê descortinando a região com sua Bandeira do Divino e socorrendo os habitantes ribeirinhos das tormentas, das importunações e das infelicidades das doenças do campo, com remédios prodigiosos e divinos; o que fazia pela prática de solidariedade, fraternidade, partilha e pagamentos de promessas.

⁵ Sobre a extensão da área, que se situa no centro oeste paulista, o historiador Edgard Carone (1991) descreve que, em quase toda a sua extensão, esse território está localizado numa área conhecida pelo nome genérico de Depressão Periférica Paulista, que se inicia nos últimos contrafortes do Planalto, atingindo os primeiros da serra de Botucatu. Os estudos de Sérgio Buarque de Holanda detalham com riqueza esta expansão. Em seu livro *Caminhos e Fronteiras* (2001), relata que a história expansiva dessa região começou a partir do final do século XVIII, quando o rio Tietê foi o caminho das Monções, uma nova fase do sertanismo paulista, após as primitivas bandeiras quando os aventureiros desciam de canoas o rio Tietê até a foz e, de lá, seguiam o curso do rio Paraná com destino às minas de ouro de Cuiabá, no Mato Grosso. De acordo com Holanda, os monçoeiros paulistas que partiam de Porto Feliz representaram uma nova expressão da força expansiva dos bandeirantes, promovendo a ocupação territorial do interior do Estado de São Paulo e a formação de novos povoados. “Até aos primeiros decênios do século passado, quando as viagens fluviais para o Cuiabá se foram tornando cada vez mais raras. As últimas, sabe-se que ocorreram por volta de 1838, ano em que uma epidemia de febre tifóide grassou nas margens do Tietê, deixando poucos sobreviventes entre o que ainda restava dos mareantes e pilotos de Porto Feliz” (Holanda, p. 151).

Pelo que apuramos dos velhos informantes com quem conversamos, muitos foram os motivos da confluência dos moradores ribeirinhos do rio Tietê com a fé vivenciada pelos seguidores das Irmandades do Divino, que permanecem unânimes na oração a Deus, através do Divino Espírito Santo. Segundo os entrevistados, “*esta história de fé remove montanhas*” e outros obstáculos para superar as dificuldades frente às doenças, às distâncias, à solidão e, muitas vezes, às maiores catástrofes. João Benedito Furtado, 83 anos, em 2006, que já foi diretor da Irmandade de Anhembi, comenta:

Se a nossa Irmandade existe há quase dois séculos, é (sic) porque existe o devoto principal protagonista dessa história. A mediação dos antigos rezadores do Divino revestiu-se de grande importância para o povo humilde da roça.

A respeito da produção dos serviços religiosos católicos camponeses, Brandão (1986) diz que:

De acordo com as várias tradições acreditadas no lugar, a mediação religiosa agenciada é feita através do trabalho de especialistas que sabem dizer mais palavras e produzir melhor os atos rituais bons para colocar o fiel ao alcance de uma resposta adequada de algum Ser de crença religiosa (Brandão, p.152).

Para a realização deste trabalho, dois livros foram de suma importância: “A Interpretação das Culturas” de Clifford Geertz (1989), que retrata a cultura como sistema simbólico, e “Deuses do Povo” de Carlos Rodrigues Brandão (1986), que descreve como o povo subalterno cria, transforma e usa os seus próprios sistemas de crenças como formas culturais de resistência.⁶

⁶ A respeito, vide Zaluar (1983), onde a autora trata da questão da resistência cultural do catolicismo popular.

Percorrendo os caminhos sugeridos por estas obras, chegamos à compreensão das relações causais que regem as Irmandades do Divino Espírito Santo. Com uma abordagem das Ciências Sociais que privilegia a história social e cultural da sociedade caipira paulista, identificamos a conduta dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo como um domínio popular de socialização e de atribuição de significados regulados por parâmetros sociais. De antemão, podemos afirmar que parte dos moradores dos municípios de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, encontra, na religião praticada pelos integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, uma forma de ajustar suas ações e estabelecer a ordem cósmica no plano da experiência familiar, comunitária e vicinal, favorecida por este espaço sagrado, que constitui o espaço sagrado das lembranças dos antepassados.⁷

Nesse sentido, as análises empreendidas no trabalho de campo foram feitas com o intuito de mostrar que a maior parte da literatura analisada se refere, diretamente, às festas do Divino, como um evento de caráter folclórico, por “*misturar divertimento e religião*”, ou seja, não considera a resistência do catolicismo de “reza” e de “viola”, como um “*sistema que se atualiza como um dos setores do saber popular que retraduz, dialeticamente, para os seus sujeitos, o modo de vida de suas classes e suas variações*” Brandão (1986, p. 204). Em concordância com o autor, acredito que, neste estudo, estamos diante de um sistema de significados presente na cultura caipira paulista para fazer as representações de seu próprio mundo:

⁷ Os fiéis do Divino permanecem unidos em torno das Irmandades. Em toda a região do médio-Tietê, elas são um exemplo de unidade aglutinadora da vida comunitária capazes de ajustar as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e mais próxima do sagrado. Sagrado que alimenta a todos, tanto do interior, quanto do exterior da comunidade.

A resistência desse catolicismo de "reza" e de "viola" consiste na sua capacidade de se preservar como um sistema religioso comunitário e não eclesiástico, mas ainda hoje funcionalmente eficiente como portador de serviços e símbolos acreditados entre os seus praticantes (Brandão, p. 204).

Esta interpretação de Brandão nos auxilia a entender a dinâmica do conjunto de fenômenos que abarcam as romarias e festas das Irmandades do Divino Espírito Santo das cidades de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas com matrizes de interpretações enraizadas sobre as diferentes concepções de mundo e da história da sociedade local. A pesquisa se estruturou, então, na observação dos rituais e das vivências dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo. Assim, anotamos interesses, curiosidades e convicções, o que rendeu um corpus deveras extenso. Dada a extensão do material disponível, selecionamos alguns itens para aprofundar as pesquisas. Decidimos, nesta seleção, priorizar os dados relacionados aos comportamentos ritualísticos das Irmandades do Espírito Santo, cerne do trabalho. Esta escolha se deu porque as romarias e festas fortalecem a união dos fiéis e permitem compreender como diferentes grupos sociais constroem suas concepções da história e apresentam maneiras de pensar de origem comum, mas que, na exteriorização, podem variar de grupo para grupo e até mesmo de indivíduo para indivíduo.

Não é recente o questionamento deste pesquisador sobre as Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê. O interesse pelo tema data de algum tempo, mais precisamente em 1997, quando fiz os primeiros contatos com os admiradores das Irmandades do Divino Espírito Santo, das cidades de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas. Desde então, passei a

elaborar uma investigação experimental interativa sobre a concorrida festa do Divino da região para o trabalho de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais na PUC – São Paulo, sob a orientação da Profª Drª Terezinha Bernardo.

Impressionou-me a riqueza dos rituais das romarias de grupo das Irmandades do Divino Espírito Santo, sobretudo o ritual dos “Amortalhados” e a oração do “Santo Terço”, cantada pelos Irmãos do Divino nos pousos. Esses rituais manifestam o amor dos irmãos e dos fiéis a Deus, especialmente na simplicidade com que os povos humildes do campo e das cidades acolhem as pessoas e contam suas histórias e tradições, ou seja, constroem sua cultura.

Com base nos ditos de Geertz (1989), entendemos que a cultura não é costume, mas estruturas de significados, ou seja, um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, através dos quais os homens, dão formas inteligíveis às suas experiências:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, com densidade (Geertz, p. 24).

Os símbolos sagrados (religiosos), defende Geertz, funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo, o tom, o caráter, a qualidade de vida, seu estilo, disposições morais e estéticas, a sua visão de mundo. Toda religião, enquanto parte de um sistema cultural, transforma-se, adequando seus ritos às novas realidades. A cultura é dinâmica e a religião, como parte da cultura, como

sistema de símbolos, submete seus rituais e mitos a processos de releitura, de re-significação.

Portanto, a religião também é dinâmica. É necessário ainda, segundo Geertz (1989), aprender o sistema de símbolos produzidos e vivenciados pela coletividade e a dimensão que adquirem para se compreender, com propriedade, um sistema religioso e, para isso, procuramos definir o ethos cultural do povo caipira, enquanto uma visão de mundo que expressa a forma com que a coletividade concebe a sua existência na natureza. Vivenciar a cultura é promover o ordenamento do caos, não apenas pela religião, mas também por meio dela.

Alfredo Bosi (1992), um dos autores brasileiros que se dedicou aos estudos da cultura popular, defende que a cultura é compreendida como manifestação e criação de um povo, inserida no cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens como propiciadora de interpretações e reproduções da realidade social com teores e valores sem divisibilidade, ou seja, sem recortar em partes, a existência popular. Conforme a concepção antropológica, mais fecunda para o autor, a cultura brasileira,

é o imaginário do povo formalizado de tantos modos diversos, que vão do rito indígena ao candomblé, do samba-de-roda à festa do Divino, das assembléias pentecostais à tenda de umbanda, sem esquecer as manifestações de piedade do catolicismo que compreende estilos rústicos e estilos cultos de expressão (...) cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentescos, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os

provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras, tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentir, o modo de andar, o modo de vestir, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas do padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho, mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar (Bosi, pp. 323 - 324).

A relação amistosa com os devotos do Divino Espírito Santo permitiu-me conhecer, aos poucos, as condições da vida caipira tradicional,⁸ ou seja, sua cultura. Com isto, pude perceber que a prática religiosa do meio rural é um critério de identidade importante para mostrar como diferentes estruturas de sentimentos têm peso na vida de cada cidadão e no processo de evangelização, aos moldes das antigas ordens religiosas estabelecidas desde o tempo do Brasil Colonial.

Assim, para esta dissertação, programei uma primeira parte constituída de observação sistemática que começou no sábado de aleluia de 1997, com a “Derrubada das canoas”, em Anhembi, e terminou em 2003, com festa do Divino do Sub-distrito de Laras, em Laranjal Paulista. Os dados coletados foram analisados pelos caminhos da memória e escolhidos os que se apresentavam adequados ao mestrado. Além disso, retornei para uma segunda etapa de campo, no período de 2004 e 2006, conferindo a qualidade das informações, reencontrando meus primeiros entrevistados e retomando os contatos com os participantes que possuem uma relação mais íntima com as Irmandades do Divino Espírito Santo, classificados como: os afiliados (Irmãos do Divino), rezadores, benzedeiros, hospedeiros (chamados de festeiros) e outros como:

⁸ Pelas palavras de Antônio Cândido (1982), o termo caipira tradicional é um conceito alusivo ao modo de vida, de ser, de se relacionar com os vizinhos e com a natureza. Caracteriza-se pelo seu jeito de se sociabilizar e pela solidariedade, característica do mutirão, festas religiosas, cooperação vicinal e, sobretudo, pela forma com que esse homem se organiza em agrupamentos chamados de bairros rurais. Tal definição será empregada em todo o trabalho.

familiares, amigos, convidados, cozinheiros, serventes e curiosos. Foram considerados os critérios de expressividade, envolvimento, cargo ou função nas respectivas entidades, antiguidade, grau de reconhecimento e participação na expressão.

A teoria escolhida para interpretar os dados selecionados das histórias de vidas dos devotos ou seguidores das Irmandades do Divino foi o da memória. Seguramente, ao trabalhar com a memória, tem-se a lembrança de que é, segundo Halbwachs (1990):

Em larga medida, uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se, já vem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com algumas de nossas impressões, a lembrança se distinguiria, por definição, dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma idéia do que foi nosso passado (Halbwachs, p. 71).

Neste sentido, a memória é viva, uma vez que o ato de lembrar dispõe de um movimento que sai do presente, vai para o passado retornando novamente para o presente. Portanto, trabalhar com a memória é trabalhar com a reconstrução que se efetiva mediante este movimento de ir e vir tal qual uma lançadeira, isto é, têm-se elementos do presente incorporado aos do passado. Tem-se um fundamental envolvimento com o grupo. Nas palavras de Halbwachs (1990).

Neste período de retomada das vivências de campo, a técnica utilizada para a interpretação dos dados selecionados foi a do levantamento das histórias de vidas, teoria escolhida que caracterizou a metodologia empregada durante a maior parte do trabalho. Nas entrevistas, encontrei o caminho para o entendimento das experiências (religiosas e sociais) dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo, bem como alguns processos relativos à constituição do sujeito religioso, o que resultou em real aprofundamento do exercício coletivo de popularização das comunidades-religiosas do Divino Espírito Santo, cujas práticas são constituídas por duas etapas distintas: adesão e formação de identidade, envoltas pelo *ethos* gerador de disposição e comportamentos. Segundo enfatiza Geertz (1989):

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeira, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida (...). O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (Geertz, pp. 104-143).

Na minha vivência de pesquisador, constatei que os melhores resultados da pesquisa foram conseguidos nas conversas informais com os membros mais importantes dos três grupos do Divino abordados neste trabalho. Os Irmãos do Divino se tornaram meus conhecidos e os meus principais interlocutores pela vivência que tivemos durante o período de campo, onde participei de quase todas as etapas das romarias e festas das suas respectivas Irmandades, o que

possibilitou compreender os comportamentos ritualísticos de cada um desses pequenos grupos religiosos de um ano para o outro.

No início, percebi que o uso do gravador os incomodava bastante, quando reuníamos nos intervalos dos cafés, almoços e pousos para prostrar ou simplesmente ouvir sobre a importância do papel religioso e social das Irmandades do Divino Espírito Santo, associações autônomas do sagrado de base católica.

Ao longo de quase uma década, passei dias e horas a fio com os religiosos do Espírito Santo, observando sua história, modo de vida, costumes, hábitos, gestos, música e espiritualidade, o que fez com que criássemos laços de confiança. Em razão disto, pude ver e participar do modo que vivem e procurei entender como se sentem em relação ao sagrado e às próprias tradições. Foram momentos de extrema riqueza para compreender a religiosidade popular brasileira como expressão e criação de indivíduos interagindo em comunidade.⁹

Apesar de ter elaborado um roteiro para as entrevistas, houve a preocupação de deixar a pessoa bastante à vontade para narrar suas histórias, que, muitas vezes, tomaram um rumo totalmente diferente do planejado, mas muito mais rico. O fato de eu ser morador da região facilitou a realização da observação etnográfica porque a minha história e a da família dos “Nunes” confunde-se com os “almoços” e os “pousos do Divino”. Para não perder o foco do trabalho, deixei claro, que estava ali realizando uma pesquisa sobre a atividade social e religiosa das Irmandades do Divino Espírito Santo na ordenação do seu espaço sagrado, levando em consideração a forte veia de pertencimento

⁹ A respeito dos estudos de comunidades associados ao entendimento da vida em comunidades rurais católicas, veja-se dentre outros Zaluar (1983).

de seus seguidores, no sentido de compreender o homem e sua cultura. Proposta aceita pelos entrevistados que disseram confiar em mim, em virtude da minha posição como “um conhecido”.

Não houve critério assumido para determinar quantas histórias de vida deveriam ser coletadas durante a pesquisa. Muitos dos dados foram frutos da convivência com os Irmãos do Divino. Do total de vinte e seis histórias de vidas colhidas, dezoito foram selecionadas para este estudo, sendo nove da Irmandade de Anhembi, cinco da Irmandade de São João de Conchas e quatro da Irmandade da Capela de São Sebastião do Sub-distrito de Laras, em Laranjal Paulista. Os sujeitos entrevistados foram selecionados em razão da citação de seus nomes em histórias orais já ouvidas.

Também fizeram parte da pesquisa fiéis seguidores e pagadores de promessas das três Irmandades (homens e mulheres). Foram gravadas sessenta horas de entrevistas, mas muitas das revelações interessantes foram anotadas em cadernetas devido ao constrangimento de alguns ao uso do gravador.

O trabalho está dividido em três capítulos, assim delimitados: No primeiro capítulo, “A Irmandade”, traçamos o perfil da Irmandade do Divino Espírito Santo da região do médio-Tietê. Iniciamos com um apanhado histórico da formação de Irmandades e prosseguimos com definições mais afeitas a este estudo, dando ênfase especial às peculiaridades da Irmandade estudada. Servem-nos de subsídios alguns relatos feitos pelos entrevistados e o aparato teórico de estudiosos do assunto como Matos (2001), Boschi (1986), Scarano (1978), Azzi (1978), Mauss (2003), Brandão (1986), Geertz (1986), Strauss (1982) e Junqueira (2001), dentre outros. O intuito é esclarecer ao leitor a real função social da

Irmandade do Divino no médio-Tietê, fomentando a leitura com dados colhidos durante a pesquisa, relacionando-os com a necessária compreensão dos termos, ditadas pelos pesquisadores mencionados.

No segundo capítulo, percorremos os caminhos da viagem do Divino. Descritivamente, oferecemos um panorama físico do trajeto das Irmandades e, subjetivamente, damos conta das perspectivas e crenças dos fiéis. Também nos apropriamos dos aspectos históricos para fornecer uma perspectiva atual da presença das romarias na região, contrastando-a com a sua historicidade, o que fazemos com o auxílio de depoimentos dos fiéis e algumas fotos ilustrativas de momentos específicos dos rituais envolvidos, como: a Derrubada das canoas, os cafés, almoços e pousos, que contribuem para a compreensão da presença do Divino na vida dos povos caipiras estudados. Auxiliam-nos, neste trabalho, autores como Junqueira (2001), Geertz (1989), Contins (2003), Natividade (2006), dentre outros.

No terceiro capítulo, detemo-nos na festa do Divino propriamente dita e, também, valemo-nos de alguns depoimentos de fiéis e fotos ilustrativas das atividades realizadas durante a festa, o que confere uma maior proximidade da pesquisa científica aqui realizada com a vivência dos fiéis na fé. Para este intento, a perspectiva histórica é retomada e aprofundada, o que é feito com o auxílio dos estudos de Azzi (1998), Brandão (1974), Moraes Filho (1979), Durkheim (1989), Mauss (2003), Contins (2003) dentre outros.

Na conclusão, oferecemos uma possível interpretação dos dados apresentados, retomando os aspectos conceituais e interpretativos do universo simbólico das Irmandades do Divino do médio-Tietê, apresentadas nos capítulos

precedentes e ainda, refletimos a respeito de nossa participação neste universo no período em que a pesquisa de campo se deu.

Por fim, a respeito das escolhas procedimentais deste trabalho, cumpre salientar que, embora haja uma divisão metodológica de apresentação, a discussão não pretende separar os aspectos teóricos dos prático-analíticos. Ao contrário, a tentativa é de proporcionar uma análise que, teoricamente embasada, possa trazer aspectos cotidianos ao aparato teórico e vice-versa, tornando a literatura interpretativa do que aqui é dito não apenas aquela do pesquisador e do *corpus* analisado, mas sim e, sobretudo, “nossa”, posto que o leitor é também peça fundamental do pensamento aqui exposto e crítico primordial de nossos propósitos de pesquisa.

CAPÍTULO I – A IRMANDADE

Uma vez que esta dissertação se dá a respeito das particularidades e peculiaridades das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê, entendemos fazer necessário, uma apresentação da origem das Irmandades, como um primeiro passo para iniciarmos nossa discussão. Assim, neste capítulo, detalhamos seu funcionamento e suas raízes.

1.1- Breve histórico da origem das Irmandades

As Irmandades católicas foram algumas das formas que os leigos encontraram para vivenciar a fé e praticar a caridade no tempo do Brasil Colonial. Elas nascem à imagem daquelas já existentes em Portugal, desde o século XIII, ligadas às confrarias de finalidade filantrópica e caritativa com idênticos cultos e festividades de suas congêneres européias, exercendo, ao mesmo tempo, atividades sociais semelhantes, tanto no que diz respeito à proteção de seus membros necessitados, quanto às não associadas. Cristiano José Henrique Matos (2001), resume bem o espírito religioso da época, dizendo:

O caráter laical do catolicismo colonial tinha como exemplo típico nas confrarias ou Irmandades. Tratava-se de organizações religiosas de leigos católicos que, refletindo a própria estratificação social da Colônia, dedicava-se principalmente à promoção do culto. Simultaneamente desenvolviam um papel social de grande importância na época, pelo fato de assegurar, a seus membros, uma certa proteção na vida, assistido-os nas necessidades e garantindo um enterro decente após a morte (Matos, p.148).

As Confrarias e as Ordens Terceiras formadas por pessoas leigas foram os caminhos encontrados pelo Estado absolutista português na concretização de seu projeto colonial e pela Igreja Católica na tarefa de evangelização. Matos (2001) sustenta que as Irmandades brasileiras organizavam-se comumente de acordo com a posição étnico-social de seus membros, promoviam a solidariedade entre seus afilhados e funcionavam como agentes de seguridade social, dando assistência na hora do desconforto (enfermidade, prisão, morte, entre outros infortúnios).

Os registros sobre o assunto demonstram que tanto o Estado quanto a Igreja Católica implementaram um intenso controle sobre as Irmandades, determinando que todas elas confirmassem seus “compromissos” à fiscalização dos visitantes eclesiais e da autoridade régia, na tentativa de impedir que elas se tornassem corporações livres, independentes e representativas dos anseios da sociedade e fugissem ao controle dos poderes eclesial e temporal, que demonstravam pouco entender do caso. Mesmo sendo o compromisso necessário e obrigatório para a criação de uma nova Irmandade, é certo que muitas se constituíram sem que possuíssem documento algum. Caio Boschi (1986), enfatiza que:

Em alguns casos, isso se explica por conta da existência de Irmandades de obrigação por oposição à devoção. Enquanto as primeiras estavam sujeitas às jurisdições eclesiais e seculares, possuindo livros internos próprios, regendo-se por normas estatutárias convencionadas pelos seus pares e submetendo suas contas às autoridades, as outras eram isentas dessas formalidades e nem sempre tiveram vida longa (Boschi, p.17).

Nos estudos de Matos (2001), encontramos informações de que, nas associações religiosas de leigos, que refletiam a própria estratificação social da Colônia, dava-se muito maior importância às categorias raciais e sociais, sem se integrar a qualquer finalidade profissional. Nelas, a solidariedade grupal ganhou expressão concreta por assegurar a seus membros proteção na vida. As Irmandades davam aos negros, pardos e mulatos a oportunidade de desabafar suas agruras e suas necessidades e até mesmo influir no seu destino. Procuravam, assim, tornar sua sofrida existência um pouco mais suportável, assistindo-os nas enfermidades e, na morte, garantindo-lhes um enterro decente.

Corroborando com sua perspectiva, o estudo de Julieta Scarano (1978) que, de modo análogo, analisa a formação das Irmandades brasileiras, enfatizando que o século XVII marca um período de grande expansão das agremiações católicas, congregando determinados grupos em diversas áreas do país. Segundo a autora, essas associações religiosas penetraram no interior, com a expansão do povoamento e apareceram, quase simultaneamente, de norte a sul do país, com os primeiros exploradores. Puderam se desenvolver graças à criação rápida de vilas propícias ao seu aparecimento, uma vez que são um fenômeno tipicamente urbano.

No seu livro sobre as Irmandades de Pretos de Nossa Senhora do Rosário, no Distrito Diamantino, no século XVIII, Scarano (1978) demonstra como uma associação religiosa com posição étnica e social encontra pleno florescimento em Minas Gerais, por manter características de seus modelos de origem que se encontram, sobretudo, nas regras das Misericórdias.

Na região como, aliás, em toda às Minas Gerais, será também os setecentos, o período áureo das Irmandades, a época da

construção das igrejas, quando aquelas se tornaram realmente o centro dos encontros da população local, que assim podia satisfazer suas tendências gregárias e lúdicas, além de atender seus próprios interesses. Mesmo os escravos, considerados seres à parte naquela sociedade, encontravam nas Irmandades uma ocasião de agir como criaturas humanas, de saber lutar pelo seu grupo (Scarano, p. 2).

Em consonância com informações de outros historiadores pesquisados, Scarano (1978) afirma que:

As Misericórdias fundavam e mantinham hospitais, sendo, portanto, indispensáveis à população. A criação de hospitais sempre fez parte das tarefas de várias confrarias medievais, mas esse era o intento principal das Misericórdias, que são de origem bastante remota (...) As Misericórdias gozavam de grande popularidade nos países da bacia Mediterrânea e papas como Inocêncio III, por exemplo, que exortavam os fiéis a construir hospitais. Gozaram também de reis lusitanos que lhes concederam mercês e mesmos recursos financeiros (Scarano, p. 27).¹⁰

Para a autora, eram nas “Misericórdias” que manifestavam realmente o espírito religioso da população que congregava os elementos das mais variadas categorias sociais. Segundo ela:

Tais elementos eram homens e mulheres, que levavam a vida comum, mas que patrocinavam o culto, construíram igrejas, paramentavam-nas, organizando assim, a vida católica local. Realmente, o leigo da Irmandade mineira se considerava a própria Igreja, julgando poder intervir em quase todas às questões eclesiásticas. Via no padre apenas aquele que tem capacidade de dizer missa e distribuir os sacramentos e, somente nessas

¹⁰ Sobre o assunto, ver Fritz Teixeira de Sales (1963), Julieta Scarano (1978), Caio César Boschi (1986) e Acácio Sidnei Almeida Santos (1996).

oportunidades, sobrepunha aos membros das Irmandades (Scarano, 1978, p. 28).

Esses estudiosos da religiosidade popular brasileira nos mostram que, a partir do século XVII, já era possível traçar um mapa religioso de caráter laical no Brasil. Matos (2001), Scarano (1978) e Boschi (1986) nos dão uma visão geral do assunto, confirmando que a manutenção das Confrarias e/ou Irmandades era uma abertura fundamental para as coisas de Deus e da Igreja, sem que se fizesse obrigatória a presença dos padres. Da mesma forma, classificamos as Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê que, apesar de independentes, têm base comum, ou seja, um compromisso lavrado em termos semelhantes, o que lhes empresta um caráter de organização coesa.

Estudando os compromissos das Irmandades católicas, Caio Boschi (1986) enfatiza:

Para a Igreja, elas oferecem a dupla vantagem de serem, simultaneamente, promotoras de sedes da devoção, como também eficiente instrumento de sustentação material do culto. No primeiro aspecto, substituíram o papel precípua do clero como agentes e intermediários da religião. No segundo, arcando com os onerosos encargos dos ofícios religiosos, eximiram esse mesmo clero de combater a instituição do Padroado régio. Dessa maneira, do ponto de vista do Estado, para além de aliviá-lo do compromisso de aplicação dos dízimos eclesiásticos recolhidos na implementação do culto religioso, dos irmãos leigos acabaram por absorver a responsabilidade dos serviços sociais para todas as populações coloniais (Boschi, p. 65).

Com base nas análises empreendidas pelos autores mencionados, sobre a estrutura espiritual dos leigos do catolicismo, é possível dizer que um dos

aspectos básicos da religiosidade popular é a sua dimensão social, ou seja, a propositura de uma existência cultural que envolve a pessoa em sua realidade, abrangendo todas as dimensões de sua existência como indivíduo na comunidade. Ao entender que a religiosidade popular é uma abertura fundamental para Deus, uma existência cultural que a religião adota num determinado grupo social, Riolando Azzi (1978) escreve:

De fato, são as manifestações religiosas como as procissões as romarias e as festas dos santos padroeiros que constituem geralmente os motivos principais para que o povo possa expressar sua vida social. A religião é um dos estímulos mais forte que o povo da Colônia encontra para romper o isolamento em que vive dada à precária condição de desenvolvimento urbano (Azzi, p.154).

Sob esta perspectiva, Augras (1998, p. 127) destaca que

o meio brasileiro parece constituir-se em um mundo privilegiado à riqueza do seu folclore, que preferimos chamar de cultura popular, pois está vivo e atuante, intrinsecamente inserido na vida diária do povo, a presença dos cultos animistas, o fervilhar de inúmeras influências culturais que mutuamente se modificam, a imensidão geográfica e a variedade humana fazem do Brasil um complexo fascinante para os estudos da Antropologia cultural.

Por este prisma, podemos interpretar a atividade religiosa dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê como um sistema de crenças com possibilidade de demonstrar que o mundo é repleto de forças que promovem a sua dinamização.

É na religião que os subalternos criam suas crenças mais duradouras, derivando-as da docência erudita das igrejas, ou

recriando-as segundo suas próprias experiências em todos os setores de trocas sociais (Brandão, 1989, p.17).

1.2 As Irmandades do Divino do médio-Tietê.

As abordagens de Matos (2001), Scarano (1978), Azzi (1978) e Boschi (1986) sobre a constituição das Irmandades brasileiras tornaram-se basilares para os interesses desta dissertação, centrado nas Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê.¹¹ Nosso intuito aqui, é de caracterizar os nexos, entre as concepções do repertório de crenças de um determinado grupo da população, o “caipira básico”, em partilhar de um mesmo ideal de vida, de acordo com as normas, que regem as Irmandades que os aproximara ao Ser Divino. No caso dos sujeitos de quem falo, a religião é o explicador mais usual e, muitas vezes, o mais acreditado.

Nesta perspectiva, o primeiro aspecto a ser ressaltado sobre as Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas é a sua finalidade protetora em conformidade com os cânones da Igreja Católica. Exercem, assim, importante papel espiritual e social, como em muitos setores do Brasil, ratificando os significados do catolicismo popular e dando assistência na hora da desgraça (enfermidades, mortes). Essa versão é sustentada pelas narrativas de velhos seguidores das Irmandades locais, cujas lembranças refletem preocupações semelhantes as dos pais, avós e dos primeiros povoadores, cujo compromisso pactuado com o Divino exigia prática de virtudes cristãs como: visitar enfermos da febre amarela e verificar as suas necessidades,

¹¹ Seguindo modelo de Scarano nesta dissertação, indistintamente adotamos as palavras “Irmandades”, “confrarias”, “associações-religiosas”, “comunidades-religiosas”, “entidades-religiosas”, “grêmios” “organizações-religiosas”, “agrupamentos” e outras do mesmo teor, não afetando seus aspectos históricos e sociais.

fornecer-lhes o que fosse preciso e socorrer os que necessitavam de ajuda orgânica e espiritual, bem como enterrar os mortos.

Para compreendermos esse estado de coisas, consideramos a estreita ligação dos “Irmãos do Divino” com as forças sagradas, especialmente no que tange aos ritos de fé (solenes, públicos, obrigatórios e regulares) das romarias e festas das Irmandades do Divino, na tentativa de transubstanciar a sua natureza. Bastou focalizarmos a solenidade dos atos e as intenções e/ou desejos dos que assistem ao culto das Irmandades, para encontramos uma religiosidade eminentemente propiciatória semelhantes às ligadas às práticas descritas por Frazer¹² como magia simpática, para obter êxito e afastar ou curar males. Como bem observa Antônio Cândido (1976):

Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água, e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro de agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como seguimento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural (Cândido, p.175).

Certamente, essa realidade trouxe, para o povo simples e os pobres das cidades e das roças do médio-Tietê, a responsabilidade não só de ocupar um espaço na Irmandade do Divino Espírito Santo, como de trabalhar em prol da fé e dos ensinamentos cristãos “*na confiança, num Deus que governa o mundo e em cujas mãos está o destino do homem*”, conforme explicitou um dos meus entrevistados.

¹² Para melhor compreender sobre a magia simpática, consulte-se James Frazer (1982) em O Ramo de Ouro.

As Irmandades do Divino Espírito Santo, no entendimento da gente simples que habita a região do médio-Tietê, constituem-se testemunho de uma identidade (pertença)¹³ refletida em uma autêntica experiência de fé cristã, a valorizar a freqüência dos ritos e sacramento da Igreja Católica. Eles agem como se constituíssem uma religião, ou seja, um canal aglutinador de desejo, expressão e reivindicação perante o Divino, assimilando valores do povo caipira do interior paulista, por congregar elementos das mais variadas categorias sociais como formas diversas de organização social, multiplicidade de modos de relação com a natureza, de vivência com o Sagrado e de relação com o profano.¹⁴

Assim, segundo observei acontece com as Irmandades do Divino Espírito Santo, que julgam poder intermediar o homem com Deus, pedindo ao Divino a possibilidade de cura e redenção dos erros humanos, oferecendo como penitência viagens de canoas, ônibus, caminhão e a pé por casas e sítios da região, fazendo pousos, almoços e festas, com ofertas de orações e cânticos de louvores. As Irmandades do Divino reafirmam a existência de um mundo sagrado e a crença de que o homem pode participar desse mundo por ter poder de dar nome às coisas e fazer uma discriminação entre as coisas de importância secundária e as religiosas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram.

Clifford Geertz, em seu livro *A Interpretação das Culturas* (1989), faz uma leitura muito própria do que é religião, ao dizer que religião é:

¹³ Sobre o conceito de identidade veja-se Stuart Hall em: *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1999). A respeito dos processos de constituição do padrão identitário de pertença religiosa vide Roland Campriche (1991).

¹⁴ Nesse sentido, observa Marcell Mauss (2003) que “as religiões sempre criam uma espécie de ideal em direção ao qual se alçam os hinos, os votos, os sacrifícios, e que as interdições protegem” (Mauss, p. 59).

Um sistema de símbolos que atua para... estabelecer poderosas, penetrantes e duradoras disposições e motivações nos homens através da... formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e... vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que... as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, pp.104 -105).

Trata-se de um verdadeiro movimento social criativo, no qual todos se sentem ligados e fortalecidos pela própria crença em Deus. No caso das Irmandades do Divino Espírito Santo, mesmo os que não fazem parte da Irmandade, mas compartilham da mesma fé, consideram a ação dos Irmãos do Divino como de primordial importância. São no interior dos rituais das romarias entre cafés, almoços, pousos e nas festas que cada aspecto, cada objeto, tem sentido coletivo e valor para a história de vida de cada um dos habitantes do médio-Tietê, comprometidos com a causa do Espírito Santo, que envolve toda a sua vida, desde o nascimento até a morte.

As três Irmandades do Divino Espírito Santo estudadas aqui são oriundas de um mesmo tronco. Elas tornaram-se o mais importante centro de vocações religiosas de pessoas que se reúnem para reavivar rituais próprios com funcionalidade de religião que são revelados, anualmente, no ciclo de Pentecostes.¹⁵

Calcados nos princípios de reciprocidade e solidariedade, os seus seguidores recriam os elos interpessoais através da fé, ou seja, a união criatura/criador. O senso de proximidade entre o homem e Deus é um dos traços marcantes da religiosidade popular. Essa força sutil e poderosa fortalece os

¹⁵ Pentecostes é celebrado como a festa do Divino, porém a data não coincide, necessariamente, com a solenidade oficial da Igreja.

devotos do Divino Espírito Santo como irmãos de fé, durante as viagens e festas, que são celebradas anualmente.

Nas palavras dos entrevistados, *o Divino é que viaja. Os irmãos guardam o percurso, porque Deus escolhe aquele que deve acompanhá-lo.* É sob esta perspectiva imaginária que se moldam os hábitos e os costumes cotidianos dos agentes religiosos do Divino Espírito Santo que, por sua vez, permite uma sólida estruturação familiar e comunitária, em prol do respeito aos antepassados que muito lutaram pela sobrevivência do povo. Os Irmãos do Divino formam um grupo que, segundo Geertz (1989) tem a religião como um sistema solidário de crenças e práticas que os une na mesma “comunidade moral”, que une todos que a ela aderem no sentido de religião.

Comentando a respeito da prática de sua Irmandade apresentar-se como característica de uma religião, quando entrevistado, o velho Irmão do Divino Benedito Mariano,¹⁶ orgulhosamente enfatiza:

Isto aqui é uma religião familiar que nunca vai acabar, porque foi feita uma promessa. Os mais antigos como o meu bisavô fizeram a promessa ao Divino Espírito Santo por causa de uma epidemia que dava no povo: a febre amarela. Aqui na nossa região ninguém mais sofre da maleita, pode até morar se quiser em cima d'água que não tem mais maleita. Dante mais, parece que dava maleita até em pedaço de pau de tanto que dava, chegava o tempo dela, dava. Daí foi feito o pedido para o Divino viajar no rio. Meu pai recebeu esta missão de meu avô e passou para nós. Ele foi proeiro da Irmandade de Anhembi e me ensinou o serviço. Sou

¹⁶ Benedito Mariano, 72 anos em 1997, Irmão do Divino com maior tempo de viagem na Irmandade de Anhembi traz consigo a lembrança dos bons tempos da Irmandade: São 63 anos só de viagem. Orgulhosamente, Mariano diz que, enquanto tiver fôlego, continuará viajando e pilotando um dos batelões da Irmandade de Anhembi. Seu Dito Mariano, como é chamado pelos companheiros, além de ser puxador de rezas e de terços cantados, é um dos proeiros mais experientes do grupo do Divino de Anhembi, o qual intitula como o mais expressivo, por possuir o maior número de integrantes assentados.

filho mais velho e desde criança minha mãe e ele ensinaram os filhos a amar o Divino Espírito Santo que guardo sempre dentro do coração. O Divino é o nosso Deus. Eles contavam histórias das angústias do povo que vivia nas beiradas do rio Tietê. Diziam que numa ocasião a Irmandade relaxou, deixando de viajar por alguns anos desguarnecendo os mecanismos de defesa dos moradores, o que acarretou a volta da epidemia da febre amarela que penetrou mata adentro, matando inúmeras pessoas e até animais. Eles costumavam contar que a mortandade fora tanta que famílias inteiras eram encontradas estendidas dentro de suas casas. Criações tombavam nos pastos e até os mourões das cercas aparentavam infectados com a peste arrasadora. Diziam que os corpos tinham que ser arrastados ou carregados de carroças de tantas que eram as pessoas que morriam por causa da maleita. Todos tinham medo do contágio, amedrontados muitos moradores abandonaram suas propriedades, largando tudo para trás: casas, sítios, fazendas, animais, fazendo com que os Irmãos do Divino se reunissem novamente para auxiliar os doentes e enterrar os mortos. De que esta nossa missão não pode acabar. Se a Irmandade deixar de cumprir o papel para a qual foi eleita, a doença pode voltar e a mortandade de pessoas e de criações vai ser muito maior. Por isso, temos o dever de passar esta missão para essa juventude que aí está o compromisso que a nós foi confiado. Acredito que já fizemos o que tínhamos que fazer. Estamos viajando de teimoso, são 63 anos só de viagem. O nosso “Pai” é quem manda. Toda a nossa vida foi no sítio. A maioria que viaja vem do sítio. Todos pobres. Aqui entre nós dá para contar as pessoas remediadas, a maioria é pobre, pessoas simples. Dante mais, cada qual trabalhava na roça para si, hoje a maioria da juventude é empregado, até nós que somos velhos estamos empregado. Aumentou a dificuldade. Não é todo patrão que dá dispensa para viajar na Irmandade. Hoje a nossa vida está muito custosa. Não é mais como era no tempo de dante, quando a gente plantava arroz, feijão, milho, mandioca, hortaliças, criava animais e fazia um pouquinho de tudo, antes de viajar e quando voltava para casa dava para terminar o serviço. A viagem da nossa

Irmandade começou com uma canoa feita de casca de paineira e pela promessa que foi feita, não devia passar de uma novena, mas como o povo da região é muito religioso, cada ano os pedidos da visita dos irmãos aumentava um ou dois dias e chegamos a fazer até 28 pousos. Acredito que a raiz da Irmandade do Divino desta região é aqui na cidade de Anhembi que dante mais era um arraial da freguesia de Tietê. Aqui era tudo mato. O povo naquele tempo morava na beira do rio. Meu pai me assentou na Irmandade para cantar de foliãozinho quando tinha dez anos de idade e graças a Deus nunca parei de viajar. É esse o nosso compromisso e a nossa obrigação.

Dito Mariano impõe seu ponto de vista e retoca as lembranças com o olhar e presença de um velho. Entende que as caravanas, carregando a Bandeira do Divino, tiveram peso significativo, no fim da febre amarela. Ele acredita na necessidade de se preservarem os códigos da experiência social das Irmandades do Divino Espírito Santo que ele próprio define como religião e como trabalho de igreja. Ele e toda a “velha guarda” são os responsáveis por passar adiante as histórias de 150 anos atrás, quando a caminhada dos Irmãos do Divino era mais árdua.

Percebo que o velho Irmão do Divino tenta, a todo o momento, conciliar sua memória com as lembranças dos outros velhos, mas não há como negar que, mesmo dentro desse processo de conciliação, tenta reforçar suas lembranças, a partir do seu ponto de vista mais ou menos brando.¹⁷

O velho irmão traz consigo a lembrança dos penosos tempos da Irmandade. Relata que: *Hoje está muito mudado, antes não era assim*. Durante as

¹⁷ A respeito de tal processo vide Halbwachs (1990, p.34) que diz: “Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta apenas que eles nos tragam seus testemunhos: É preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre base comum”.

nossas conversas, dava para perceber o seu receio de que a tradição chegue ao fim. Dito Mariano ensina, aos novos filiados, a riqueza do papel da Irmandade do Divino na constituição dos universos caipiras, mesmo sabendo que agora, na cidade, já não se fazem mais rezas “*como no sítio, antigamente*”. Emocionado, nas entrevistas, costumava enxugar, com um lenço de pano, as lágrimas que corriam pelo rosto surrado pelo tempo e pelo trabalho duro da roça. Guarda ele, porém, os “*recursos dos objetos simbólicos da fé*” e dos cultos caipiras usados para bendizer, suplicar e agradecer o Divino, como lembra Brandão (1986):

O rezador caipira, velho conhece como um especialista as fórmulas rituais e os momentos de usá-las em diferentes tipos de “rezas” em nome de Deus e dos seus Santos, concentra o poder inquestionável de redimir, salvar, abençoar pessoas e propriedades, atualizar dívidas e regrar as obrigações simbólicas dos vivos e dos mortos (Brandão, p.153).

Seu Benedito, “Dito Mariano”, lavrador e puxador de rezas, nasceu e foi criado no bairro rural do Baguari, em Conchas, onde trabalhava na lida da roça, plantava e colhia até aposentar-se por idade. Atualmente, vive com a mulher, filhos e netos numa humilde casinha alugada em uma rua de terra na cidade de Conchas. O casal teve oito filhos, sendo que os três filhos homens viajam com o pai na Irmandade do Divino Espírito Santo de Anhembi.

O veterano Irmão do Divino, como já explicitiei, conhece os segredos católicos da fé. Ele guarda, na cabeça, o dicionário dos perigos do mal a evitar e das entidades sagradas do bem a quem recorrer, para pedir e agradecer. Na sua visão, o atrativo oferecido pelas Irmandades do Divino do Espírito Santo tem algo de concreto e de muito valor sócio-cultural, para as áreas rurais e urbanas do médio-Tietê. Elas ocupam um lugar central na religiosidade popular porque se

desenvolveram e se enriqueceram com elementos das tradições religiosas indígenas e africanas, constituindo-se, por isso, um catolicismo multifacetado, de grande diversidade cultural.

Podemos dizer, de antemão, que grande parte da população católica tradicional do médio-Tietê encontra, nas Irmandades do Divino Espírito Santo, estabilidade e equilíbrio para suas vidas, visto que possuem características religiosas capazes de formular a própria experiência social que perdura entre os devotos do campo e da cidade. Segundo a confirmação dos seus integrantes, a sua legitimidade representa, dentro de um contexto sócio-cultural, o espaço sagrado dos antepassados, em razão de ter sido a primeira a cimentar a formação cultural do povo caipira do médio-Tietê. Para um dos entrevistados, “o comportamento religioso da Irmandade é muito forte, não existe força igual”.

Observando as ações e motivações da população dentro do trabalho religioso e social das Irmandades do Divino Espírito Santo, tornou-se possível empreender uma análise que desvendasse as relações deste projeto de ordem, que traz, no seu bojo, a força que o povo caipira tem de clamar por libertação. Desde o fim das agruras das doenças, os caipiras mantêm, de uma forma ou de outra, valores religiosos herdados de seus ancestrais, independentemente de sua classe social. Pelo que apuramos não há muito consenso sobre o local ou data, que marcaram o início do processo de consolidação das Irmandades do Divino Espírito Santo, que alcançaram, com seu papel religioso, imensa popularidade entre os fiéis do médio-Tietê, a ponto de essa piedade se manter inabalada, sobretudo, no seio das populações mais humildes de sítios, vilas, bairros rurais e cidades da região.

À luz dos relatos e dos poucos documentos encontrados, provavelmente o grupo do atual Sub-distrito de Laras de Laranjal Paulista foi o primeiro a fazer a romaria oficial ao Divino. Não tardou para que a antiga Freguesia de Tietê (cidade de Tietê) no rio acima e o arraial do Anhemby (cidade de Anhembi) no rio abaixo seguissem o exemplo. Atualmente, a vanguarda é detida pela cidade de Anhembi. Evidentemente, a ordem de nascimento do movimento espontâneo das Irmandades é irrelevante para a constatação de que não se trata de uma corrida, posto que tais grupos estudados não mantêm entre si uma competição, mas a edificação do conhecimento acumulado de um povo que sabe manter as suas raízes, ou seja, sua cultura.

Na caminhada e na festa, conseguem recriar uma prática ritual, na qual um grupo grande sente-se ligado e fortalecido por meio de ritos que elaboram nova cosmo-visão e situa o indivíduo no seu *ethos*. O homem, através da cultura, promove um ordenamento do mundo.¹⁸ Tal como apresenta Geertz (1989): “*A religião é parte do ethos de uma cultura, é um fragmento do sistema cultural como um todo*”.

Com o seu peculiar plano religioso, as Irmandades do Divino de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas ganharam nome, e, tornaram-se, portadoras de uma concepção religiosa própria, merecedora de um respeito generalizado, por parte dos habitantes da bacia hidrográfica do rio Tietê, entre os rios Sorocaba e o Piracicaba.

Em tempo de sociedade moderna de baixa memória que dispensa o antigo, na construção do novo, homens e mulheres, de todas as idades e

¹⁸ A respeito das abordagens organizar o mundo pelo Sagrado consulte Mircéia Eliade: O Sagrado e o Profano (s/d).

camadas sociais mantêm viva a presença da Igreja Católica, que se reelabora nos momentos de cerimônias das romarias e festas das Irmandades do Divino Espírito Santo, que, como uma família aberta, sem fronteiras, atualizam suas vivências e tendências de solidariedade e fé.

Na trajetória histórica das Irmandades do Divino Espírito Santo, vários tempos, vários espaços estão interligados, várias tradições estão sincretizadas, cultivando o sentido de família e comunidade. A pesquisa mostrou que ainda é através da noção de família que se estabelece o vínculo entre o culto ao Espírito Santo da Irmandade e o da Igreja Católica que, enquanto religião, está imbuída de conceitos integradores como a reciprocidade e a vivência comunitária. É algo muito mais extenso que não se resume à religião, ela recria a família tradicional brasileira¹⁹ que é uma das unidades elementares da organização social, tão importante aos católicos. É na família que se transmuta e se conserva a tradição católica. A Irmandade é uma por todos e seus integrantes refletem isso, agindo como uma família. Para os católicos, a verdadeira religião começa no interior da família, é onde há verdadeira profissão de fé.²⁰

Em sua definição de família, Levi Strauss (1982) inclui a possibilidade de outros membros participarem da família. É a família nuclear que é o modelo em que nós pensamos, quando falamos de família. Mas, quando ele inclui outras pessoas nesse núcleo, já se aproxima bastante das chamadas “famílias extensas”, nas quais encontramos grandes exemplos de relações de partilha, de

¹⁹ O ponto de partida indispensável para a compreensão da família patriarcal tradicional brasileira encontra-se em Casa Grande e Senzala (1987) de Gilberto Freyre e Repensando a Família Patriarcal (1982) de Marisa Corrêa.

²⁰ Durkheim (1989) e Mauss (2003) afirmam que uma sociedade, não se reproduz somente porque os indivíduos se relacionam e pensam o mundo, mas porque seu movimento e dinamismo derivam da eficácia de forças sociais ativas. Forças que estão ligadas aos ritos e mitos cotidianos, à dinâmica que cada grupo imprime no viver.

cuidado e de proteção, que são capazes de promover melhor qualidade de vida, tanto material quanto física e espiritual. Segundo o diretor da Irmandade de São João de Conchas, Sr. Nilvo Camalioni, a presença de famílias ou pessoas pobres sem distinção de raça e cor (brancas, negras, mestiças, pardas) nunca foram um impedimento e jamais transformarão as Irmandades do Divino Espírito Santo em mais desorganizadas ou menos família, muito pelo contrário, diz que:

Elas propiciam um momento tão sublime na vida da gente e daqueles que querem viver em comunidade. Elas representam à vontade do Divino Espírito Santo. Deixo tudo prá traz, para me dedicar ao Divino. Peço a ele por toda a minha família, à minha filha que é doente e por todo o povo que acolhe os nossos irmãos.

As relações estabelecidas entre os devotos do Espírito Santo desenvolveram-se com base em confianças mútuas e/ou fraternas. A lembrança desse acontecimento está presente na memória coletiva do grupo e todos ajudam a recriá-la. É o que Halbwachs (1990) chama de interpretação das lembranças. A história faz parte da vida grupal das Irmandades do Divino como uma corrente de pensamento contínuo, o que possibilita um encontro com o passado que sustenta o presente.

Por isso, é, para as populações das cidades e das roças, importante que a história dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo seja narrada e que faça parte do dia a dia de todos. Essa história é uma das bases de toda a tradição familiar das Irmandades. É parte da memória mais antiga destes agrupamentos sociais e é o que liga os moradores aos antepassados que ajudaram a construir o bairro, a vila, a capela, a cidade e mantêm a tradição viva. É assim que Halbwachs (1990) acredita que a memória se apóia no grupo e se

desenvolve num quadro espacial, sem o qual não seria possível recuperar o passado. A pesquisa mostrou que, para esses pequenos grupos sociais, há uma necessidade latente de mostrar nomes e lugares por onde os antepassados passaram e imprimiram sua marca. Em diversos momentos, com os integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, ouvi menção a esses antepassados: *aqui tem a mão de meu pai, de meu avô, de Nhô Avelino Alves, de Nhô Venâncio, de Seu Salvador Amaro, de Seu Pedro Godói*, o que comprova a valorização da tradição, da história do povo.

A longa convivência com os adeptos do Divino possibilitou compreender a ampliação da fé católica, na região do médio-Tietê e os postos que as Irmandades do Divino Espírito Santo ocupam, nos espaços de práticas do catolicismo popular, em que a ordem mítica e/ou sacral é tida como a única plena de valor. É a partir desse horizonte comunitário cristão, entre sujeitos iguais, que a população local entrevistada compreende o mundo no qual tudo é visto como uma vontade de Deus, ou seja, para a gente simples do interior paulista, todas as realizações na vida dependem da vontade de Deus.

O repertório de crenças e as práticas do Sagrado das Irmandades do Divino Espírito Santo são sistemas tradicionais em constante movimento, atingindo antigos e jovens participantes de seus rituais. Assim, Brandão (1986) chama atenção para a importância da noção de trânsito em substituição à oposição entre tradição e inovação. Diz ele:

Trata-se de um sistema religioso legítimo que se atualiza como um dos setores do saber popular que retraduz dialeticamente, para os seus sujeitos, o modo de vida de suas classes e as suas variações (Brandão, p. 204).

Os depoimentos de meus entrevistados sinalizam que as Irmandades do Divino Espírito Santo conseguem reproduzir sentidos à cultura e à vida do povo de qualquer seguimento social. Elas sacralizam a experiência religiosa de seus admiradores em uma bibliografia rica de símbolos espirituais, com os quais uma fração significativa da população se identifica pelas experiências partilhadas por meio do rito de mediação com o Divino. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre o conjunto nuclear de eventos rituais das romarias e festas das Irmandades.

Afinal, os próprios devotos tradicionais atestam que a devoção ao Divino Espírito Santo está lá, na verdadeira natureza das coisas. Para a gente simples, que habitam perto do rio Tietê, as agências de serviço do Sagrado, chamada de Irmandades do Divino constituem o princípio espiritual da devoção do povo caipira que conecta o presente e o passado, fecundando um sem-número de fenômenos simbólicos, pelos quais se exprimem um imaginário religioso de século e meio atrás, formalizado entre artifício de uso e compromisso de vida nas romarias e festas.

Como em todas as outras áreas, a religião, que os Irmãos do Divino praticam, não é apenas de igreja, mas também de comunidade.²¹ A legitimidade de sua ação social é confirmada pela comunidade, por meio de juízos de consenso, ou seja, a população reconhece-os como representantes do próprio Deus. É importante lembrar que a procedência da Irmandade do Divino Espírito Santo, o trabalho religioso dos irmãos, os atributos da formação confessional, a posição e o grau de autonomia que os seus seguidores têm para viver a religião

²¹ Sobre a questão das Irmandades e comunidades-religiosas vide Zaluar (1983).

em comunidade se assemelham àqueles estudados por Brandão (1986), posto que, em seus trabalhos, conclui que:

Os rezadores iletrados do catolicismo camponês são sujeitos de suas próprias comunidades, nascidos e criados nelas (...), aprenderam os ensinamentos do catolicismo popular quase sempre no próprio lugar do seu exercício religioso (...) Eles não dominam um saber estranho, como o do padre, mas apenas sabem, mais e melhor, as rezas que todos os outros adultos aprenderam a responder. Eles nunca devem inventar variações perturbadoras sobre um repertório de rezas, cantos e gestos rituais de que a assistência de fiéis participa de maneira ativa e iniciada (..) Como especialistas populares são a memória mais aguda de um saber religioso complexo, mas não secreto, e aprendido no limite entre o ensino dos padres e o da própria comunidade; feito às claras e, se possível, transmitido por pais ou parentes, velhos conhecidos de todos, guias religiosos definidos sem mistérios, segundo os modos como os códigos locais classificam os seus sujeitos e as suas práticas sociais (Brandão, pp. 35-38).

Daí, a razão de considerar as micro-instituições religiosas grupais do Divino Espírito Santo como de expressiva representatividade cultural, capazes de marcar diferenças. Carmem Junqueira (2001), ao falar sobre a importância das diferenças, enquanto atividade cultural, afirma que:

Marcar diferenças é uma atividade cultural importante. Fazemos isso continuamente. Criamos os espaços sagrados que manifestam como uma realidade inteiramente diferente das realidades "Naturais", e os profanos que pertencem ao mundo dessacralizados (Junqueira, p. 81).

Os integrantes das comunidades-religiosas do Divino Espírito Santo são pessoas da região, gente vinda da roça, que representam a memória mais aguda de um saber popular de dimensões sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Na perspectiva de Monique Augras (1983), a relação entre o homem e o Sagrado é estabelecida com cada cultura, que revela uma dimensão específica da existência humana, como visto na devoção popular dos seguidores das Irmandades do Divino Espírito Santo, que indicam um equilíbrio entre o passado, o presente e o futuro. Eles formam uma unidade do “Sagrado Total”. É o Sagrado quem dá a sustentação a um sistema religioso que se reelabora através de rituais.

Segundo Geertz (1989), *“é no ritual, no comportamento consagrado, que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretrizes religiosas são corretas”* (Geertz, p.128). De uma maneira geral, caracterizamos como Sagrado tudo que se refere às coisas divinas, às religiões e aos cultos. O Sagrado, não só inspira respeito ou cuidado, mas está imbuído de outros elementos fundamentais como poder e perigo. Por isso, a manipulação do Sagrado é restrita a poucos; no contexto religioso, só sacerdotes e altos designatários, com a devida autorização, podem fazê-lo.

Exemplo disso, encontramos em nossas observações, quando, apesar de a Irmandade ser um reduto masculino, a viagem e a festa como um todo, não o são. Há espaço para as mulheres participarem, seja na organização da festa, seja no preparo das comidas. Elas, mães, irmãs, esposas, filhas e outras mulheres devotas estão sempre a acompanhar os irmãos na romaria, nas rezas, na saída, no retorno da viagem e na festa.

A propósito, é socialmente que se dá a construção do Sagrado, principalmente na Irmandade do Divino que tem um caráter organizacional, logo, permeada por interdito e restrições, inclusive a proibição do namoro que constitui um verdadeiro tabu.

1.3 Compromisso, Estatuto e Regulamento.

O levantamento, por mim realizado, junto à arquidiocese de Botucatu, com o intuito de saber sobre o aval da Igreja Católica para o desenvolvimento do trabalho religioso da Irmandade do Divino, mostrou que as três estudadas estão relacionadas aos “compromissos” condizentes com a Igreja. Identificou um conjunto de regulamentos internos que prescrevem comportamentos e práticas respeitadas à teologia católica e ao direito canônico. Tais compromissos constituem-se requisitos indispensáveis, para a aprovação do pedido de autorização, para o funcionamento das Irmandades. Encontrei também documentos que comprovam o seu primeiro “compromisso” (Estatuto Jurídico) que fôra aprovado e registrado no livro da arquidiocese de Botucatu, em 26 de fevereiro de 1943 (ver anexo I).

Sobre os procedimentos normativos das constituições das Irmandades Brandão (1986), enfatiza que:

No sistema paroquial católico, a determinação do afiliado e o estabelecimento de normas de participação de categorias de seguidores das confrarias, fazem parte nuclear do estatuto com que o grupo religioso cria a ideologia de sua legitimidade e prescreve a carta de princípios dos sistemas de trocas que

envolvem a produção, a distribuição e o consumo dos efeitos do trabalho religioso (Brandão, p. 66).

O trabalho de análise do regimento interno das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê identificou a proibição de filiação de qualquer pessoa que esteja fora dos modelos católicos. Por outro lado, um Irmão do Divino será sempre respeitado como tal. Quando de sua morte, é enterrado com o uniforme branco, utilizado no dia da festa e velado pela Irmandade, também uniformizada. A Bandeira do Divino é passada sobre seu corpo, como forma de despedida. A preocupação com o assistencialismo, com a fé e com a obrigação de zelar pelo bom nome da Irmandade está presente no Estatuto e resulta numa obrigação dos filiados. Na hipótese de descumprimento de quaisquer das obrigações prescritas no Estatuto (anexo II) e/ou no Regulamento de viagem (anexo III), o filiado é sujeito às penalidades impostas pelo grupo e sofre as conseqüências do código moral da organização, ou seja, advertências, afastamento temporário da viagem e expulsão do grupo.

Para fazer parte das Irmandades do Divino Espírito Santo, não há um critério pré-estabelecido, não é preciso fazer ficha de inscrição ou pagar taxa, basta ser devoto do Divino e ter muita fé. Evidentemente, é necessário seguir algumas regras básicas: deve ser católico e estar em dia com as obrigações da Igreja, conhecer o estatuto que rege o grupo, observar os regulamentos e, por fim, adquirir o uniforme azul. Antes, porém, é necessário ser batizado, possivelmente deve ser crismado, ter feito à primeira comunhão e, de jeito algum, pode ser separado, divorciado ou amasiado.

Segundo o diretor da Irmandade de Anhembi, João Antônio Proença, conhecido como João Carreiro, ingressar na Irmandade é fácil, difícil é seguir as regras impostas pela direção. Antigamente, diz ele: “*Era indispensável ser apresentado por um responsável (padrinho) e fazer ficha de inscrição*”. Atualmente, porém, as coisas ficaram mais fáceis. Carreiro observa ainda:

Basta a pessoa que deseja fazer parte da Irmandade conhecer algum irmão e dizê-lo. Não é preciso fazer ficha de inscrição ou contribuir obrigatoriamente com a taxa anual e/ou anuênio. A parte formal consiste, apenas, na anotação do nome do novo irmão, no livro de assentamento, a data de nascimento, estado civil e residência/cidade e Estado.

Sem restrições de idade e estritamente masculina, as Irmandades do Divino de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas não têm um número fixo de integrantes, “*varia a cada ano*”, explica, ainda, Carreiro. Segundo ele, todo irmão do Divino é um convocado de Deus para acompanhar suas viagens benévolas, permeadas de interditos e restrições. A transgressão abala a estrutura espiritual da Irmandade e, mais do que isso, toca de perto o Sagrado, uma vez que todos os “eleitos” estão imbuídos com o mesmo propósito, segundo a vontade e os planos de Deus. No regulamento de viagem (ver anexo III, citado anteriormente), que é distribuído no dia da saída da Irmandade, advertências não faltam. Entre elas, as que mais mexem com os hormônios dos irmãos são a proibição de ingestão de bebidas alcoólicas e a autorização do irmão conversar com uma mulher, apenas em caso de necessidade.

O exame detalhado do regulamento de viagem das Irmandades do médio-Tietê marca, com rigidez, que não há privilégio a ninguém, nem mesmo para os

membros da diretoria.²² Há uma série de interditos. Desconsiderar certas normas prescritas no estatuto ou no regulamento de viagem é considerado ato de infidelidade, uma vez que todos estão ligados por um único laço: a fé inabalável no Espírito Santo.

Nos casos de violação de leis, imediatamente a diretoria se reúne e, como se fosse um juiz, o diretor determina a sentença, que pode ser a suspensão temporária, o impedimento de participar dos cultos, das romarias e das festas ou, ainda, em se tratando de falta grave, a expulsão definitiva da Irmandade. Considera-se falta grave: briga entre irmãos, vantagens indevidas (roubos), calúnias, uso de armas perigosas, conluio amoroso e algumas situações de improbidade.

Para manter a harmonia, a Irmandade do Divino Espírito Santo se organiza em estrutura hierárquica. Os cargos de diretor e de vice-diretor são ocupados concomitantemente, o que consolida o equilíbrio do poder. A eles competem à tomada de decisões, o que fazem como árbitros: todos os demais irmãos devem respeitar as suas ordens e atender, o mais rápido possível, quando é tocado o piu, ou apito do diretor.²³

Para entendermos melhor a organização hierárquica do grupo, tomemos como exemplo a Irmandade de Anhemi, a mais numerosa deste estudo, composta de diretorias sucessivas. Nesta Irmandade encontramos: um diretor-presidente, um vice-diretor e seus auxiliares: um tesoureiro, dois proeiros, dois

²² Desde que foi iniciada, as Irmandades do Divino Espírito Santo com a sua formação e organização dispõe de um corpo dirigente, assim chamado de diretoria. Os membros dirigentes são eleitos pelos respectivos grupos e, por sua vez, são os que têm direito, sempre que seja necessário, de resolver casos importantes da organização, cuja disciplina é rígida.

²³ O diretor comanda os companheiros pelo uso de um apito. O soar do instrumento serve para alertar a turma das “obrigações” na romaria, seja na hora de rezar, comer, formar fila, caminhar, despedir, etc.

pilotos, dois capelães-puxadores de rezas, um enfermeiro, um salveiro (soltador de fogos), quatro trabuqueiros, dois violeiros adultos e dois músicos mirins (integrantes da folia do Divino) e demais membros, que acompanham a Bandeira do Divino na viagem e festa como rezadores, com uma média anual de cento e vinte irmãos voluntários.

Aos cabos, compete a organização do calendário das viagens, o agendamento dos pousos e almoços e a fiscalização da conduta dos romeiros durante as jornadas, além do auxílio ao diretor, na condução da dinâmica religiosa dos irmãos, durante a romaria.

Juntamente com os pilotos, são os proeiros que dirigem os batelões ou canoas da Irmandade. Os salveiros e os trabuqueiros têm o papel de anunciar, com salvas de rojões e tiros de trabucos, a chegada da Irmandade na propriedade ou na Igreja. Os capelães são os puxadores de rezas, muitos deles fazem parte do corpo dirigente da Irmandade ou da folia do Divino que é composta de dois violeiros e duas crianças que tocam e cantam orações de louvores ao Espírito Santo, durante a caminhada.

Tornar-se diretor e vice-diretor das Irmandades do Divino Espírito Santo, é, segundo os entrevistados, algo de maior importância, embora os cargos não signifiquem privilégios ou status. O diretor e o vice, normalmente, são escolhidos graças ao seu bom nome e a sua dedicação religiosa, atributos que lhes permitem dizer o que pensam sobre o bem viver da Irmandade. O mandato é de dois anos e tende a dar continuidade aos trabalhos iniciados por seus predecessores.

Um fato interessante observado, junto às três Irmandades do Divino Espírito Santo estudadas, é que não foi encontrada disputa na questão do

exercício do poder. A hierarquia do grupo não é algo que se almeja desfrutar. As tarefas dos dirigentes são distribuídas de acordo com a conduta das pessoas, ou seja, a legitimação de papéis de destaque como o exercício da função de diretor, vice-diretor, tesoureiro, puxador de rezas (capelão), cabos, trabuqueiros, foliões, enfermeiros, dentre outros, se dá de acordo com a atribuição dos papéis sociais que eles exercem na respectiva comunidade e pelo voto voluntário de cada membro do grupo.

De modo geral, as regras ou leis das Irmandades do Divino Espírito Santo são rígidas. Porém, todos as obedecem, porque conduzem os Irmãos do Divino a uma unidade de pensamento em busca das mesmas metas, não somente no sentido religioso, mas também no sentido social, que se estende aos “de fora”, que são também discípulos do Espírito Santo e “irmãos” dos Irmãos do Divino. Para os integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, cumprir certos preceitos da religião católica, através das agruras da viagem, nada mais é do que mais um desafio, para se alcançar os desígnios dos céus. Para os romeiros do Divino, a prática do sacrifício se apresenta necessário, pois como bem observa Mauss (2003, p. 59): *“As religiões sempre criam uma espécie de ideal em direção ao qual se alçam os hinos, os votos, os sacrifício, e as interdições”*.²⁴

Os membros das Irmandades do Divino Espírito Santo já internalizaram um padrão de conduta que faz do percurso da romaria uma etapa importante das homenagens e do cumprimento das leis que regulam o ser romeiro do Divino. Por meio dela, obtêm-se graças, benefícios e recompensas materiais e afetivas.

²⁴ A respeito da importância do sacrifício ritual Mauss (2003) esclarece que: “Uma prática religiosa mesmo fortuita, mesmo facultativa, é sempre prevista, prescrita, oficial. Ela faz parte de um culto. O tributo prestado às divindades por ocasião de um voto, de um sacrifício expiatório por causa de doenças, é sempre, em última instância, uma homenagem regular, obrigatória, necessária, mesmo ainda que seja voluntária” (Mauss, p. 60).

As leis das Irmandades do Divino Espírito Santo são aprendidas de uma forma concreta e direta, ou seja, com a sua aplicação na vida cotidiana, na prática. Por isso, qualquer transgressão tira a estrutura da organização. No entendimento dos integrantes, a infração às regras significa risco à Irmandade, pois o Sagrado é tocado de perto, a relação com o Divino é abalada e o caos²⁵ pode se instalar novamente, o que poderá acarretar uma crise generalizada na região toda. Sobre este assunto, René Girard (1990) afirma que: “*Quando a dimensão religiosa se decompõe, não é apenas a segurança física que se encontra imediatamente ameaçada, mas a própria ordem cultural*” (Girard, p. 67).²⁶

Para que não haja interrupção nos trabalhos das Irmandades do Divino Espírito Santo e para que eles sejam contínuos e perpétuos: “*É necessário, que a conduta de todos os irmãos seja sempre exemplar dentro e fora da Irmandade*”, diz o cabo Joaquim Ramos, um dos auxiliares do diretor João Carreiro. Para tanto, ele esclarece que os mais velhos têm a responsabilidade de cuidar das crianças e transmitir, aos mais jovens e aos novos filiados, as suas experiências acumuladas no grupo, e também, a chama de fé no Divino, que cada um carrega dentro de si. O cabo reforça, ainda, esta perspectiva ao dizer:

Acreditamos que um irmão sozinho não tem poder sacerdotal algum para levar a graça de Deus aos fiéis. Nós precisamos estar sempre em grupo para ser um estimulador para as boas ações, conforme a vontade do Divino. O status dos irmãos só é conferido

²⁵ O caos a que os romeiros se referem é o da febre amarela, aqui relatado na introdução.

²⁶ Sobre os processos de crise generalizada em comunidades e regiões é importante o pensamento de René Girard (1990), que afirma todo ritual ser representação do sacrifício original, ou seja, a sociedade humana tem na sua formação o sacrifício de uma vítima expiatório, que interrompe o processo de destruição e passa a se estruturar. Para René Girard: “O rito existe para restaurar e consolidar a diferença, após seu terrível desaparecimento causado pela crise” (Girard, p.148).

nos momentos que estamos viajando em romaria e nos dias de festa.

De qualquer forma, é importante salientar que o comportamento religioso dos integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo é um elemento fundamental na construção da representação do Sagrado que tem, nas romarias e nas festas, o seu centro. O cotidiano formado por tiros de trabucos, salva de rojões, rezas, cânticos, benzimentos e cozinhas são eventos alegres e coloridos, reunindo irmãos e fiéis no ato de louvor constante ao Espírito Santo.

1.4 A Simbologia das cores do Divino

Os membros das Irmandades do Divino do médio-Tietê trajam, para as viagens, uniformes muito simples. Todos vestem calça azul marinho e blusa azul marinho com divisas vermelhas, confeccionadas por conta própria.²⁷ Os diretores, vice-diretores, capelães e cabos, porém, possuem divisas, o que os destaca dos demais companheiros. O diretor usa, sobre o ombro e o punho da blusa ou jaqueta de manga comprida, uma tarja branca; o vice-diretor semelhante ao diretor, usa tarja branca na camisa, porém, sobre ela, uma fitinha vermelha costurada; o capelão, uma fitinha verde sobre a divisa vermelha da jaqueta; os cabos levam, no antebraço esquerdo, uma tarja vermelha. A calça de todos não possui divisas.

Para o dia da grandiosa festa na comunidade, todos os integrantes das Irmandades do Divino, com exceção dos trabuqueiros, apresentam-se vestidos, com uniforme de gala: calça branca, camisa branca com divisas vermelhas, uma espécie

²⁷ Sobre as cores das vestimentas dos integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo que se assemelham aos cavaleiros cristãos da Idade-Média (Cruzados) consulte Brandão (1974) e Mello Moraes Filho (1979).

de lenço vermelho envolto no pescoço, uma faixa vermelha na cintura e um gorro azul celeste na cabeça. O diretor e o vice-diretor, novamente, destacam-se dos demais companheiros, usando divisas, faixas e gorros amarelos, estilizando a beleza da fé, a felicidade, a plenitude e a riqueza, sinais da presença de Deus em suas vidas.

É ainda Brandão (1974) que chama a atenção para o fato de que, no contexto da Igreja Católica, todo o tempo litúrgico de Pentecostes²⁸ é regido pela cor vermelha. No ritual católico, o vermelho simboliza as línguas de fogo com que o Espírito Santo veio aos apóstolos, confirmando-os e fortalecendo-os na fé. Para os católicos, o vermelho simboliza fortaleza e configuração na fé. No catolicismo popular, a pombinha branca e/ou prateada, que aparece na Bandeira do Divino Espírito Santo, é uma figura viva, que vai encimada sobre um pedestal de lenho coberto por um pano de cor vermelho vivo, que representa o fogo que ilumina o caminho.



A Bandeira do Divino é sinal da presença do Espírito Santo no meio do povo. Foto: Luiz N. Almeida

²⁸ Pentecostes, festa católica celebrada 50 dias depois da Páscoa, em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Mini-Dicionário XXI – 2001*. É nesta época que a piedade popular consagra Pentecostes, como o período das festas católicas, com seus dias santificados que chega até o final de julho.

Nas caminhadas anuais das Irmandades do Divino, os devotos pagadores de promessa vão colocando fitinhas votivas no estandarte do Espírito Santo como reconhecimento de graças obtidas.²⁹

No contexto da religiosidade popular, enfeitar bandeiras de santos padroeiros é construir o real de uma tradição. Todas as fitas coloridas simbolizam uma causa votiva, para obtenção de uma graça e para agradecimento de uma cura: um ato espontâneo de fé. A respeito Macedo (1989, p. 17) diz:

A experiência religiosa é assim, desde o início, uma experiência de construção do mundo. O Sagrado constitui, para o homem religioso, o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade.

²⁹ A respeito das fitas votivas vale lembrar que:

A fitinha vermelha está ligada às mulheres casadas (as mães), representa o fogo do Espírito Santo, sangue, sofrimento, e luz.

A fitinha de cor branca está ligada às crianças, às virgens, à castidade e à paz. Representa espiritualidade, amor a Deus, pureza, virgindade, castidade. Está associada às águas que, em inúmeros mitos, são a fonte e a origem de todas as coisas.

A fitinha de cor verde está ligada aos jovens (homens), representa a virilidade, esperança, fertilidade, vegetação, alimento e, também, as águas do mar.

A fitinha de cor azul está ligada ao céu, às águas, fonte da vida, e também aos jovens (homens e mulheres).

A fitinha de cor lilás está ligada às mulheres solteiras.

A fitinha de cor marrom está ligada aos homens casados.

A fitinha de cor amarela está ligada à divindade, à riqueza da fé, à alegria, à felicidade, à prosperidade, ao belo e à plenitude com a realeza celestial.

CAPÍTULO II – A VIAGEM

2.1 - A caminhada do Divino

A romaria de grupo das Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi, de Laranjal Paulista e de Conchas é uma das maiores manifestações de devoção e fé realizadas anualmente no médio-Tietê. Tanto a caminhada aquática, quanto a terrestre dos romeiros é considerada pela população local como uma prática que nunca acaba. Ambas marcam uma história de fé dos devotos católicos, no terceiro elemento da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, em quase todas as cidades da região do médio-Tietê. Mais do que uma mera romaria, elas consubstanciam uma forma de vencer as aflições e alcançar milagres.

De certa forma, a peregrinação das Irmandades do Divino Espírito Santo representa um ajuste da sociedade caipira ao estilo de vida cristão. Nela, está presente a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sua virtude é oferecer, aos fiéis, sublimação dos traumas do passado e supressão de carências e dificuldades cotidianas como desemprego, desavenças familiares e problemas econômicos.³⁰

Estas peregrinações por estradas líquidas e secas reavivam experiências passadas, especialmente aquelas realizadas por Luis Manoel dos Santos e sua comitiva, cuja promessa ao Divino para sobreviver, manter a família e o povo reunido motivou as primeiras manifestações mais fervorosas de adoração e fé. Nos tempos de Luis Manoel, meados do século XIX, as dificuldades do trabalho duro da roça e a parca alimentação eram esquecidas nos momentos de louvor ao

³⁰ A respeito deste assunto veja os estudos de Rita de Cássia Silva (2003).

Divino e aos santos dos céus. Os pedidos a Deus enfatizavam a necessidade de serem erradicadas as doenças que atingiam os povos ribeirinhos do Tietê, o que acabou por acontecer de fato.³¹

Atualmente, os Irmãos do Divino, agentes dos ritos cristãos, não se restringem à Igreja Católica e, anualmente, percorrem praticamente todas as cidades da região, a fim de assistir os moradores das cidades de Anhembi, Laranjal Paulista, Conchas, Botucatu, Itatinga, Piracicaba, Porangaba, Bofete, Cesário Lange, Pereiras, Tatuí, Itapetininga, Maristela, Pirambóia e Juquiratiba, com serviços religiosos, rezas, cantos, benzimentos e levantamento de mastros ao Espírito Santo, para libertar sofredores e aqueles que se encontram mergulhados nas doenças. A alegria dos seguidores do Divino não está apenas na graça recebida pelos membros das Irmandades, mas em toda e qualquer graça alcançada por quaisquer pessoas que, de uma forma ou de outra, são presenteadas pelas mãos do Divino.

Anualmente, os romeiros do Divino que acompanhei durante a pesquisa, apresentam-se vestidos com o uniforme de viagem da Irmandade, atuam como verdadeiros “sacerdotes populares”, fazendo romarias e festas que abençoam pessoas e residências, por intermédio de terços e orações cantadas. Em geral, pelos dados coletados, a celebração do “Encontro”³² do Divino com o católico, que está pagando promessa com a Irmandade, se dá no sítio, na fazenda, no bairro

³¹ Este relato é de domínio público em toda região do médio-Tietê entre os seguidores das Irmandades do Divino.

³² A grafia “Encontro” por ser assim tratada nas comunidades estudadas, significa a relação direta que une o Divino e o homem, uma espécie de laço entre as duas pessoas dessa trama sagrada que é a viagem da Irmandade do Divino Espírito Santo.

rural, onde mora com a família, embora não haja impedimento de que outros lugares sejam palco do encontro.

Durante o período de pesquisa, constatamos que as comunidades de bairros e instituições sociais também costumam promover almoços e pousos para agradecer e pedir benção ao Divino, uma simbologia dos laços da comunidade representados com a chegada dos irmãos. Para recebê-los, os moradores enfeitam a casa de motivos religiosos como altares, imagens de santos, fitas, bandeirolas coloridas e convidam os vizinhos para o evento, que se transforma em uma grande festa.

Receber os Irmãos do Divino e suas bandeiras milagrosas com esta festa é, conforme mencionam todos os entrevistados a este respeito, uma grande honra, especialmente por conta da afinidade com os preceitos da fé cristã e da compaixão ao outro. Para o anfitrião e sua família, a recepção dos Irmãos do Divino transforma a sua residência em palco da dignidade e cultura caipira, e fortalece os laços de toda a comunidade com a religião católica de todos os participantes e da comunidade como um todo. As romarias, promovidas pelas Irmandades, são, na perspectiva dos participantes, guardiãs da memória da região e seus rituais, ou seja, a representação da cultura local, que revitaliza as lembranças do passado e inova, com a adoção de novos arranjos especiais, a cada ocasião.

Tanto é que os pedidos de ofertas de estadias são inúmeros. No período estudado, o levantamento mostrou que apenas a Irmandade de Anhembi recebe, a cada ano, convites de mais de quarenta famílias interessadas em receber e acolher os romeiros. Diante destes números e da impossibilidade de aceitar

todos, a diretoria estuda e escolhe, anualmente, quais são os privilegiados em recebê-la. Os demais esperam sua oportunidade, sem se sentirem preteridos e participam ativamente da recepção ao Divino nas casas dos agraciados.

Até o ano de 2005, a viagem da Irmandade de Anhembi durava dezessete dias. Em 2006, quando da última etapa de coleta de dados desta pesquisa, o grupo registrou nove pousadas, como acontecia no começo do surgimento da Irmandade. Esta redução no número de dias da peregrinação, que se deu por ordem da diretoria, sob o comando do diretor Mauro José Ataíde. Embora seja uma forma de remontar às origens da romaria e manter o espírito de novena, deixou muitos dos antigos devotos irritados, dizem os entrevistados.

Até mesmo o cabo Joaquim Ramos, responsável pelo agendamento dos pousos, não se viu satisfeito com a decisão. Chamado a falar sobre o acontecido, expressa sua discordância da nova ordem e afirma que:

Essa medida dificultou, e muito, o meu trabalho de agendamento dos pedidos de ofertas de pousos e almoços para a Irmandade, que dá preferência àqueles que têm promessas a cumprir.

Para o cabo, o maior número de aceites aos convites, mesmo com o aumento dos dias de romaria, é uma medida salutar, pois atende um número maior de famílias, o que fortalece ainda mais a imagem dos Irmãos do Divino, nas comunidades contempladas. Em defesa de seu ponto de vista, esclarece:

Antes chegava a marcar até vinte e cinco pousos por temporada, considerando os que possuíam promessas a pagar e o prestígio da família. Agora tenho como obrigação dar preferências somente àqueles que têm promessas a cumprir. Às vezes, resolve-se pelo sorteio. Esta parece ser a maneira mais satisfatória de atender os pedidos.

Na atitude da comunidade de Anhembi, percebemos uma valorização da tradição e uma tentativa de manter inalteradas as regras originais, a despeito da crescente demanda.

O mesmo não acontece, porém, nas Irmandades de Conchas e Laranjal Paulista que, para satisfazer a demanda de pedidos de visitação dos romeiros do Divino, em casos extremos, fazem pouso “temporão”, fora do período de viagem. A maleabilidade destas Irmandades indica significativas mudanças na tradição. Para elas, a novena não se limita aos nove dias preconizados pelas raízes e, mesmo depois da grande festa, continuam a visitar os devotos, seguindo os rituais típicos da viagem. Nestas visitas, não faltam os uniformes, o encontro, o mastro, as rezas, o canto, a comida, a dormida e a despedida. A diferença fica por conta da volta dos irmãos para suas casas no dia seguinte, invés de prosseguir a caminhada, o que é uma alteração substancial.

Com isto, estas comunidades conseguem manter a tradição com os rituais que culminam com a grande festa e, ao mesmo tempo, satisfazer os anseios de mais fiéis.

Como o grupo do Divino de Anhembi tem regras mais rígidas e jamais realiza pousos fora de época, muitos de seus integrantes, como o veterano irmão José Maria Alves, o Zé Maria Preto, participam dos pousos organizados pelo grupo de Conchas. Durante uma conversa que tivemos dentro do ônibus que levava sua turma para um pouso temporão em Piracicaba, no bairro rural dos Dini, Nilvo Camalioni, diretor da Irmandade de São João de Conchas assegurava:

Satisfazer as necessidades dos devotos fora de época é para a nossa Irmandade um grande prazer. Volta a reunir os irmãos, os amigos e os fiéis do Divino. É também a chance do irmão que não pode viajar, participar de acordo com os rituais obedecidos, na viagem, em apenas um final de semana.

De acordo com Camalioni, sua Irmandade, sediada no bairro rural de São João, em Conchas, não faz viagens de canoas como as que acontecem em Anhembi e Laranjal Paulista, porque o rio do Peixe, afluente do rio Tietê, não é navegável. O diretor explica que a Irmandade de São João adquiriu um ônibus próprio para que os irmãos possam viajar com mais segurança.

Sobre a realização da festa do Divino no bairro de São João, ele diz que:

O Encontro que fazemos é diferente dos das Irmandades de Anhembi e da Capela de São Sebastião de Laranjal Paulista que fazem o ritual sobre as águas do rio Tietê. Nós fazemos o encontro a pé, sobre a ponte do rio do Peixe que liga os bairros rurais de São João e de São Roque Novo no município de Bofete, pelo fato do rio do Peixe, que é afluente do Tietê ser raso e estreito e não permitir navegação de barcos. Na nossa Irmandade, durante a romaria, viajamos com dois ponteiros (puxadores de filas), que carregam um remo representando a viagem do Divino dos nossos irmãos do passado que caminhavam com suas Bandeiras sobre o leito do rio Tietê.

Cada comunidade, percebi, faz adequações à sua realidade para que seja mantida a função primordial das romarias. A atuação dos agentes do Divino, muitas vezes, consiste em recriar estilos simples, na produção do Sagrado, de acordo com o ideal do catolicismo tradicional, o que confere, às romarias, a função de manter viva a memória e tradição do povo.

Nosso estudo revela que, com vestimentas, rosários, cânticos e músicas, os Irmãos do Divino partilham um espaço sagrado, sem o controle de “*agências religiosas dominantes*”, aspecto que corrobora com o que defende Brandão (1986). É, ainda, Brandão quem chama a atenção para o fato de que os agentes populares do catolicismo não se deixam dominar completamente pelas ordens da paróquia, porque valorizam o leigo: rezador, curador, benzedor, capelão, chefe do grupo atual, ou seja, tem sua atenção voltada para o “*agente popular de religião*”.

Nesta pesquisa, entendo que são as Irmandades que falam, diferentemente das pesquisas tradicionais que indicam maior ênfase às forças da Igreja, enquanto instituições geradoras da fé. Muito embora tenha encontrado momento de diálogo entre a Igreja e a Irmandade, pude perceber que estas lutam por manter, na maior parte das vezes, fronteiras bem definidas de competências.³³

Nesta perspectiva, os Irmãos do Divino são produtores de modelos de conduta própria, como no dizer de Geertz (1989), “*para*” uma quantidade grande de pessoas. Tal prática, normalmente, acontece com o catolicismo popular que, no plano da vivência religiosa e espiritual, “*evita fazer a sua igreja e evita a Igreja oficial, porque é um sistema religioso da comunidade e não sobre ou para ela*” (Brandão, 1986, p.138).

De acordo com o relato do velho trabalhador rural e integrante da Irmandade do Divino de São João de Conchas, o senhor Benedito Claudino de Moraes, Dito Cipó, a peregrinação dos “Irmãos do Divino” se vingou, para restaurar a ordem estabelecida pelos seus antepassados e, nestas ocasiões,

³³ A respeito da autonomia das Irmandades em relação ao clero vide estudos de Contins (2003), Menezes (2004), Medeiros (1995), Steil (1996), conforme citado por Mariz (2006).

os Irmãos do Divino são reconhecidos como verdadeiros sacerdotes do povo, por deixarem seus afazeres domésticos, sítios, casas e famílias, para acompanhar o Divino Espírito Santo. Em suas palavras:

É no leito do rio Tietê e a pé de casa em casa que o projeto de Deus é revivido. O que era penitência se tornou devoção e hoje, mais de quatrocentos Irmãos do Divino das três Irmandades da região participam deste projeto de Deus. A temporada das Bandeiras do Divino é um tempo forte, no qual a população católica, através da missão redentora das Irmandades, consegue aliviar os fardos do trabalho duro da roça e da fábrica na cidade.

De modo geral, os entrevistados contam que a legitimidade do trabalho religioso dos romeiros do Divino é, consensualmente, confirmada pela comunidade. Nesse universo, a ação coletiva da Irmandade tornou-se validação de fé, em toda a região do médio-Tietê, que segue os mesmos preceitos da Igreja Católica, sem, contudo, se deixar dominar, totalmente, pelas regras das paróquias locais. Por isso, cada vez mais, a população católica do médio-Tietê estabelece vínculos com as Irmandades do Espírito Santo que revelam um conhecimento acumulado, seguidamente, testado e atualizado na prática. Este conhecimento se integra ao conjunto de saberes sócio-religiosos criados, desenvolvidos e adotados pelo povo, o que recria e fortalece a cultura popular, cuja formação se dá pelas práticas, valores e crenças trabalhados ao longo da sua história. Sob esta perspectiva, não podemos nos esquecer de que:

A história forma o leito sobre o qual a cultura se movimenta, qual um rio que desenha curvas espalhadas, um movimento sinuoso. Para o rio, não é o ponto de chegada que lhe impõe o percurso, e seu propósito, se assim podemos dizer, é fluir. Ele segue tranquilo ou agitado, em função do leito que encontra, dos tributários que

incorpora. Coisa semelhante ocorre com o modo de vida de um povo. Valores e comportamentos são criados, abandonados, reformulados, dentro de uma lógica própria e através da qual, novas explicações são buscadas. Novidades são incorporadas, algumas chegando logo ao esquecimento, enquanto outras passam por processo de recriação, sendo, então, acomodadas no leito da cultura existente (Junqueira, 2001, p. 81).

Neste contexto, entendemos que os devotos do Divino Espírito Santo, independentemente de seus sexos, caminham com os pés firmes no chão, reformulando e recriando acontecimentos sociais e simbólicos, englobados pela perspectiva religiosa, na submissão a Deus, em busca da restauração da ordem física, mental, social e espiritual, com a mesma dimensão ética da Igreja Católica.

Para a comunidade, “*nas romarias das Irmandades, os Irmãos do Divino se transformam em um Templo do Espírito Santo*³⁴ (...) *um Templo Sagrado que deve ser resguardado*”, nos esclarece o irmão Benedito Claudino de Moraes.

A Irmandade não é um aglomerado confuso de gente. É, para todos os entrevistados, um templo móvel de Deus, de “*um Deus que salva, conduz e protege*”. Para o povo caipira entrevistado, por onde ela passa, afugenta as pragas das plantações e propicia a cura das doenças, ou seja, atua como uma “*tábua da salvação*”.

Percebemos, com isto, que os participantes romeiros individuais ligam-se aos irmãos e se distinguem da coletividade geral. Ganham uma identidade de pertencimento e destaque. Juntos, romeiros (fiéis) e Irmãos do Divino criam um

³⁴ A respeito de religião e cura vide Natividade (2006), especialmente quanto a sua perspectiva de que “A cura das memórias e da libertação fazem parte de processo de limpeza ritual e busca de santificação. Adequar à vontade de Deus é o princípio que garante o preenchimento a habitação pelo Espírito de Deus. Estar pleno é fundir-se à divindade ou torná-la Ela” (Natividade, p. 116).

ordenamento da experiência coletiva de resposta ao incerto, por meio da renovação constante da promessa de permanente encontro com o Sagrado.

2.2 - A derrubada das canoas nas águas do rio Tietê

Dentre os rituais seguidos pelos Irmãos do Divino, merece nossa atenção a “Derrubada das Canoas”. A cerimônia possui três momentos emblemáticos: a presença do pároco e dos fiéis na reza da benção dos barcos, o arrastamento das canoas ao leito do rio Tietê e a volta dos devotos para a “*Casa do Divino*”,³⁵ onde se reúnem para a confraternização com o tradicional café com pão.

Durante quase uma década, acompanhei este momento de se fazer homenagens e pedidos ao Espírito Santo e dar início à viagem de peregrinação dos Irmãos do Divino pela região, que culmina com a tão esperada festa no domingo de Pentecostes.

No primeiro sábado após a Páscoa, os devotos do Divino Espírito Santo de Anhembi reúnem-se para celebrar o ritual da “*Derrubada das Canoas*” ou “*tombada das canoas*” nas águas do rio Tietê. Com a colocação, no rio, dos dois batelões (ou embarcações) de viagem, que levarão os irmãos aos fiéis anfitriões do Divino, a Irmandade anuncia o começo de uma nova temporada das Bandeiras do Divino pela região e dá início aos preparativos para a grande festa. Vale ressaltar que a festa do Divino de Anhembi é uma tradição de mais de cem anos e a “*Derrubada*”, um marco.

³⁵ Na Casa do Divino de Anhembi, encontramos, na sala de entrada, o altar, onde permanecem expostas as “Bandeiras Sagradas”, acompanhadas de imagens de santos como: São Sebastião, São João, São Benedito, São Roque, Santo Antônio e outros populares. Juntamente, com a da Mãe de Deus e de todos os homens, Nossa Senhora dos Remédios e Aparecida, as padroeiras da cidade de Anhembi e do Brasil, respectivamente.

Atualmente, as canoas utilizadas na viagem dos Irmãos do Divino de Anhembi são de aço e obedecem às normas da Marinha Brasileira. Antigamente, porém, eram feitas de madeira, lavradas em um único tronco de árvore, o que lembra as técnicas navais indígenas quando, segundo escreve Holanda (1990):

Escavar madeiras inteiras e/ou num grande pedaço de pau era um recurso utilizado pelos primeiros colonos e seus descendentes, que nada acrescentaram às técnicas de construção dos homens da terra (Holanda, p. 28).



As duas canoinhas de um pau só. Foto: Azair Lopes de Carvalho

Por serem de madeira, precisavam ser colocadas na água com antecedência para se certificar de que não tinham nenhum vazamento. Anhembi guarda duas delas em um galpão, próximo ao rio, para exposição. Simbolicamente, o tradicional ritual das canoas de *“um pau só”*³⁶ é mantido e como forma de marcar o início das festividades do Divino na cidade, como nos esclarece o cabo Joaquim Ramos Nogueira:

³⁶ As embarcações monóxistas, isto é, feitas de um pau só ou de um lenho inteiriço da Irmandade foram confeccionadas para substituir a única e simples canoa de casca de paineira, também de procedência indígenas que, no começo das andanças dos romeiros, carregava apenas três navegantes. Orgulhosamente, os velhinhos entrevistados lembram o modo como seus antepassados escavavam o tronco de madeira (peroba) para o fabrico das canoas usando, segundo eles, machado, enxó, fogo e água.

Derrubamos nossas canoas nas águas do rio Tietê para não quebrar o compromisso do povo com o Espírito Santo, manifestado no conjunto de rituais da romaria e da festa produzido pela Irmandade. Conforme os pedidos de visita das “Bandeiras” foram aumentando, a romaria tornou-se mais longa e o número de irmãos viajantes também cresceu. Houve a necessidade de se construir canoas maiores para transportar os irmãos romeiros.

Nesta cidade, o cerimonial do arrastamento das embarcações da Irmandade do Divino Espírito Santo para o leito do rio Tietê é feito com muito alarde pela população católica e atrai, além dos devotos da cidade e dos bairros rurais locais, os moradores dos sítios, das cidades vizinhas como Piracicaba, Botucatu, Santa Maria da Serra, Conchas, Bofete, Porangaba e, até mesmo, da capital paulista. Segundo os anhembienses, os devotos do Divino procuram a cidade para renovar seus pedidos de cura e para agradecer ao Divino Espírito Santo. *“É o milagre da renovação da fé do povo no Divino Espírito Santo por meio do trabalho de Igreja da Irmandade”*, diz João Antônio Proença, diretor da Irmandade local.

Nesse dia, os católicos se encontram na Casa do Divino, onde ficam guardadas as três Bandeiras do Divino de Anhembi (uma principal, com o símbolo da pomba, e duas auxiliares), que são tiradas dali apenas para a viagem, para acalantar fiéis com problemas extremos de saúde ou para a despedida de uma pessoa ligada à Irmandade que venha a falecer.

A Casa do Divino é, também, o local onde fica o estoque de comidas reservadas às festividades, o livro de inscrição dos irmãos, os estatutos da Irmandade e os demais apetrechos do grupo como os instrumentos musicais, as ferramentas para a navegação (coletes salva-vidas, remos, pás, bóias), fotos,

estandartes, etc. É também na Casa do Divino que são abrigados os irmãos que vêm de longe e são feitos e servidos o almoço dos irmãos no dia do embarque e o jantar do dia da grande festa, logo após a santa missa campal, celebrada depois do encontro dos barcos, nas águas do rio Tietê. A Casa do Divino, tanto de Anhembi, quanto das demais cidades abrangidas por este trabalho, têm, para os católicos veneradores do Divino Espírito Santo, a mesma importância da Igreja, é a casa de Deus.



A casa de Anhembi dedicada ao Divino Espírito Santo. Foto: Azair Lopes de Carvalho

O início das festividades, então, tem início na Casa de Deus, com a cerimônia da derrubada das canoas. Em Anhembi, ela acontece logo após o almoço, mais exatamente, às duas horas da tarde, quando todos os fiéis caminham até a beira do rio Tietê, onde fica o barracão dos barcos da Irmandade, para celebrar o ritual da “Derrubada”.

Durante o pequeno trajeto, que dura uns quinze minutos, os “trabuqueiros” (quatro membros da Irmandade) e um “fogueteiro” vão avisando com estrondo de

trabucos e rojões que a Irmandade está indo para perto do rio. Os tiros de trabucos e rojões anunciam, aos moradores, que a Irmandade está começando sua missão de trazer o Sagrado para perto do homem.

Dentro do galpão dos barcos, os devotos se acomodam, ao redor das embarcações, para assistirem ao ritual, ministrado pelo pároco local, que faz orações e pede proteção, para os irmãos e suas canoas, que são abençoados com água benta. Os fiéis rezam, cantam e batem palmas para os irmãos e para o Divino. Aqui, não há hierarquias, apenas confraternização e união na fé do Divino. Todos rezam e cantam ao som da viola:

Viva todo os ermãos,
que canta sempre sorrindo,
Viva toda as senhora, mais as
menina e os menino;
Por que são todo devoto
Ai do nosso mestre Divino.

*Mais o Devino Esperito Santo
Junto da Virge Maria,
Ele é o nosso mestre,
Mais ele é o nosso guia,
Lai, lai, lai, oi, lai, lai, oh! (refrão)*

São João batizou Cristo,
Nas água do rio Jordão,
São João batizou Cristo,
Prá confirmar a religião,
Do céu desceu uma pomba
Prá derramar a benção.

(Refrão):

Cantando esta homenagem,
De todo o meu coração,
Devino Esperito Santo,
Prá nós derrame a benção,
Prá que no ano que vem,
Cantando a mesma canção.³⁷

(Refrão):

³⁷ Todas as letras dos cânticos na forma original, cantadas pelos Irmãos do Divino encontram-se no final da dissertação (Anexo VI).



No galpão, os irmãos cantores dedilham a viola para louvar o Divino. Foto: Luiz N. Almeida

Esta canção reúne, em palavras, o espírito que envolve todos os participantes, a união da religiosidade com vínculos comunitários e a alegria de externar a paz e a força interiores, presentes em todos. Expõe, também, a tradição e a esperança de melhora para os enfêrmos e prosperidade para todos. É este o espírito que presenciei em todas as vezes que participei do rito da derrubada das canoas de Anhembi. Os mesmos fatos se repetiam e marcaram a sociabilidade envolta por espontaneidade, solidariedade e a preocupação de uns ajudarem aos outros.

Nesta empreitada de trabalho coletivo, de ajuda mútua, todos, como manda o costume, obedecem ao comando da diretoria da Irmandade, no trabalho de arrastar os barcos. Ao soar do apito do diretor, apressadamente, os homens se posicionam e esticam uma corda amarrada à proa da primeira embarcação e começam a puxá-la. Fazem-na deslizar, rapidamente, barranco abaixo, em meio à

vegetação, rumo às águas do rio Tietê. Eles gritam uns com os outros, mudam a direção e procuram o caminho mais fácil.



Uma das canoas sendo derrubada. Foto: Luiz N. Almeida

Todo o trabalho da derrubada é feito pelos homens. As mulheres apenas assistem e aplaudem seus maridos, filhos e amigos da Irmandade. Elas tocam a corda e a canoa com as mãos. As crianças participam da festa, fazendo peraltices. Os meninos sobem na embarcação e vão de carona com muita alegria. Os bebês choram, copiosamente, com os estrondos dos trabucos e o soar da banda de música, que toca com maestria seus dobrados e marchinhas. Tudo é, novamente, repetido com a segunda canoa.

Uma vez na água, as canoas são conduzidas pelos irmãos remadores, até o local destinado ao embarque da Irmandade. Derrubadas, os participantes voltam para a Casa do Divino, onde é servido o costumeiro “*café com pão*”, oferecido a todos os quase duzentos participantes. No café, patrocinado pelos festeiros da cidade, que são as pessoas que ajudam na organização da grande festa, são servidos café puro, café com leite, chocolate ao leite e pão com

manteiga. Os familiares dos festeiros e amigos trabalham para atender “as *mesadas*”,³⁸ usando grandes bules e garrafas térmicas, servindo e tirando xícaras sujas entre uma rodada e outra.

Muitos fiéis vêm de longe para participar do evento. É o caso do Irmão do Divino Antônio Bom João Filho, que vem de Botucatu, com a família. Ele comenta que sua *“expectativa era tanta que não via a hora de chegar esse dia para estar em Anhembi e reencontrar com o Divino e rever os amigos e companheiros da Irmandade”*.

No final do dia, em conversas informais com seguidores, ouvi, de todos eles a garantia de que estão satisfeitos, por terem participado, mais uma vez, da “derrubada”. Antes de voltarem para casa, homens, mulheres e crianças presentes no evento, curvam-se em silêncio, diante das Bandeiras do Divino Espírito Santo e, com muito respeito, beijam a pombinha, colocando seu manto sobre suas cabeças, num gesto muito particular de bendizer suas presenças. Rezam e pedem para que nada lhes aconteça até a partida da Irmandade, um dos dias mais importante de suas vidas. Os romeiros do Divino podem, perfeitamente serem entendidos como portadores de uma identidade plural, porque são, ao mesmo tempo, Irmãos do Divino e homens de respeito no mundo do trabalho com influência na Igreja da comunidade local.

³⁸ A designação se refere a cada etapa de serviço de alimentação dos irmãos e fiéis nos cafés, almoços e pousos (jantares), durante a jornada da Irmandade.



Fiéis beijam e tocam a bandeira do Divino. Foto: Flávio Pécchio

A maioria dos fiéis é formada por pessoas humildes originárias da roça, trabalhadores braçais que têm fortes raízes com a causa do Divino Espírito Santo. Os seguidores das Irmandades do Espírito Santo, participantes da pesquisa, são autênticos caipiras, visto pela coletividade como gente agradecida, pura e fiel. Enquadram-se, por isso, na perspectiva dos valores e das crenças, ratificadas pelos estatutos da Irmandade, que pregam fidelidade, companheirismo e crença.

Conforme expõe o ex-diretor João Benedito Furtado, que diz já não mais viajar por causa da idade, o propósito dos devotos do Divino é uma vocação de família que vem desde o tempo dos avós, quando o barranco do rio Tietê ficava congestionado de tantas canoas e barcos a vapor, nos dias de festas de homenagens ao Divino Espírito Santo. Com muita convicção, Furtado assegura que:

No tempo de dante,³⁹ os Irmãos do Divino viajavam para confortar as famílias dos doentes e dos mortos da febre amarela. Com o fim da peste, o povo elegeu a Irmandade do Divino como a

³⁹ A designação se refere a cada etapa de serviço de alimentação dos irmãos e fiéis nos cafés, almoços e pousos (jantares), durante a jornada da Irmandade.

manifestação do milagre de Deus. É por isso que, nessa época do ano, a cidade de Anhembi enche de gente para fazer pedidos e agradecer ao Divino.

A derrubada das canoas de Anhembi marca o início dos festejos do Divino Espírito Santo não apenas para a cidade, mas para toda a região. A cerimônia, segundo os entrevistados, reafirma o compromisso do povo católico local em ser guardião do Espírito Santo, no giro que a Irmandade faz pela região. “Os *rituais da romaria do Divino simbolizam a continuidade do milagre alcançado*”, comenta o cabo Joaquim Ramos Nogueira, o distribuidor da lista de agendamento dos pousos e almoços oferecidos aos irmãos durante a caminhada. “A *viagem das Bandeiras é um bom momento para fazer pedidos para cura e/ou para obter uma graça de Deus, por intermédio do Divino Espírito Santo*”, acrescenta.

2.2.1 – Um pouco de história da derrubada das canoas de Anhembi

Segundo os romeiros do Divino entrevistados, o ritual da derrubada das canoas de Anhembi, até o ano 1996, era feito com muito alarde pelos fiéis, no sábado antes da Páscoa, popularmente conhecido como sábado da aleluia. Os irmãos mais velhos relatam que, nesse dia, o povaréu fazia um “tedéu”: soltava rojões, fogos de artifício, tiros de trabucos e banda de música; as crianças corriam pelas ruas, divertindo-se. Havia uma alegria generalizada por parte dos devotos.

Porém, com a chegada do novo pároco, o português Antônio Alberto Ribeiro (Padre Teotônio), o modo barulhento de se festejar foi proibido, sem qualquer explicação.

No início desta pesquisa, fui alertado pelos irmãos mais idosos que a atitude do padre de silenciar a celebração da derrubada das canoas provocou grande indignação por parte de alguns fiéis, entre eles, os veteranos romeiros da Irmandade como Benedito Mariano, José Pinto Gomes, Joaquim Ramos, João Donizetti e José Maria Alves, que discordavam da atitude do novo sacerdote. Antônio Amaro Sobrinho, vice-diretor, lembra que, na reunião que o grupo fez, para tratar do assunto, Dito Mariano era o mais descontente. Em tom categórico, dizia:

Não podemos mudar uma tradição que vem dos nossos pais e avós. A diretoria deve tomar providências, tirando uma comissão para ir à cúria de Botucatu para reclamar com o bispo. O padre não tem o direito de tirar de nós uma tradição que já dura mais de cento e cinquenta anos.

A proposta de Mariano foi aceita, diz Joaquim Ramos Nogueira. Além dele, que havia marcado a audiência com o representante da Igreja, integraram uma comitiva os irmãos João Donizetti, João Domingues Proença e Antônio Amaro Sobrinho. Os entrevistados relatam, porém, que o arcebispo, Dom Antônio Mucciolo, após ouvir os reclamantes que lhes entregaram um abaixo assinado, fez prevalecer a ordem do padre, explicando, à comitiva, o argumento do pároco:

Não podemos consentir qualquer tipo de manifestação festiva no sábado Santo. Toda a população católica está de luto. Devemos respeitar nosso senhor Jesus Cristo morto e a dor de Maria. Agora, a partir da meia noite, aí sim, devemos comemorar uma nova vida, a Páscoa, com a ressurreição de Cristo.

Com efeito, diante da posição da cúria, os irmãos reconheceram os limites indicados pela hierarquia da Igreja e acataram a ordem do sacerdote.

Simplesmente, desconheciam a proibição de comemorar, com estampidos de rojões e queimas de pólvoras ou tiros de trabucos, o tão esperado dia da derrubada das canoas. Apenas duas alternativas se apresentavam: ou mudavam as datas da derrubada, ou a faziam “*em silêncio*”, sem alardes. A solução foi logo encontrada. Amaro afirma:

Assim, resolvemos fazer a derrubada com quietude, sem barulhadas. Fizemos a mudança, porque descobrimos que a fazíamos errado. Acredito que não mudou nada, apesar de algum companheiro dizer que não gostou da mudança. Se outros fizeram errado no passado, não dá para reparar o erro, mas sabendo que está errado e continuar fazendo é desrespeito, porque estamos conscientes do que a nós foi ensinado.

Presenciei a derrubada das canoas, durante muitos sábados de Aleluia. Lembro-me da descida silenciosa dos devotos até o barracão dos barcos, das leituras bíblicas, das orações proferidas pelo padre Teotônio⁴⁰ e da mensagem que fez aos “Irmãos do Divino”, elogiando o trabalho deles como sendo um serviço de Igreja. À época, muito debilitado pela doença (câncer nos ossos), o pároco, com a voz fraca e trêmula, disse:

Na realidade, a romaria que fazem, simboliza a morada de Deus itinerante que sai da sua Igreja e vai até à casa de seus humildes filhos para abraçá-los e protegê-los. Todos sabem da minha fragilidade, da minha doença. Desejo, pois a todos vós que rezem por mim e que todos façam uma boa viagem com o nosso querido Divino Salvador.

Depois da morte do sacerdote, o diretor João Antônio Proença, João Carreiro, atendendo aos pedidos dos irmãos, reuniu o grupo para discutir como

⁴⁰ Padre Antônio Alberto Ribeiro faleceu em 05/12/99.

fazer a próxima “*derrubada das canoas*”. Mais uma vez é o cabo Joaquim Ramos quem conta que, numa outra reunião, durante um pouso em Juquiratiba, Subdistrito de Conchas, os irmãos, através do voto aberto, decidiram adiar por uma semana o ritual da derrubada das canoas. No ano subsequente, passou a ser realizado no primeiro sábado, após a Páscoa. Segundo Ramos, com o problema solucionado, o evento voltou a ser praticado com muito alarde e alegria, com direito a queimas de rojões, tiros de trabucos e banda de música.

Com o rearranjo da data da derrubada, a emoção da tradição passou a ser novamente sentida com muita alegria pelos devotos do Divino, que “*queimam pólvoras*”, para salvaguardar e dar continuidade à salutar celebração da derrubada das canoas, nas águas do rio Tietê, sem ferir a memória do “*saudoso*” padre Teotônio.

2.3 - O embarque fluvial da Irmandade

Para melhor compreender os elementos que compõem o embarque das Irmandades, decidi dividi-lo em dois grupos, a saber: o primeiro, é composto por grupos de romeiros que viajam por estradas fluviais denominadas, nesta dissertação, como estradas líquidas; o segundo grupo de romeiros segue a viagem, por vias terrestres aqui denominadas de estradas secas. Seguindo esta classificação, encontrei, nos grupos de Anhembi e de Laranjal Paulista, a prática de priorizar a saída e a chegada das peregrinações, pelas estradas líquidas (via fluviais), sem deixar de percorrer trechos por estradas secas entre sítios, bairros rurais, cidades e fazendas da região. Já o grupo de Conchas, mais recente, segue sua caminhada com o Divino Espírito Santo, apenas por estradas secas.

O embarque fluvial da Irmandade do Divino Espírito Santo de Anhembi acontece, aproximadamente, vinte dias após a cerimônia da derrubada das canoas. Por ser data móvel, o início do deslocamento dos romeiros varia, conforme o calendário oficial da grande festa.

Todo terceiro sábado após a Páscoa, a cidade de Anhembi se volta para o Divino. Nas primeiras horas da manhã, espontaneamente, os fiéis, homens se apresentam na igreja, para se oferecerem para zarpar com o Divino. São nove dias de viagem, de acordo com a lista de pousos e almoços (anexo IV), distribuídos no dia da derrubada. Durante o período de romaria, os Irmãos do Divino percorrem a região oferecendo rezas e cânticos. Assim, confirmam a memória local, que se reveste de simbolização entre os devotos do Espírito Santo, como descrito no capítulo I.



Irmandade do Divino de Anhembi, em frente à Matriz. Foto: Luiz N. Almeida

No dia da partida, a praça da matriz é ponto de encontro dos irmãos que chegam paramentados com o uniforme da Irmandade; calça todo azul marinho e camisa no mesmo tom, com punho e golas vermelhas, simbolizando como

soldados do Divino Espírito Santo. A roupa uniformizada demonstra a “liminaridade”, na concepção desenvolvida por Victor Tunner (1974), pois a ausência da diferença na vestimenta elimina o status, isto é, não indica a classe e o papel social e nada distingue um irmão do outro. Nesta pesquisa, o uso de uniforme confere uma homogeneidade ao grupo, inclusive no que tange à hierarquia estabelecida, que reflete a posição que cada indivíduo ocupa na sociedade. Assim, os papéis de destaque como o diretor, vice-diretor, cabos e capelão seguem a ordem de prestígio e de poder do social local.⁴¹

Durante todo o período em que acompanhei as romarias, pude perceber que cada um dos voluntários tem o seu motivo de afeição e devoção ao Divino Espírito Santo, para querer seguir na viagem. Encontrei devotos que viajavam pela primeira vez; outros, que, mais uma vez, cumpriam a promessa de fazer a caminhada e ainda aqueles que, por tempo determinado de um, dois, três, sete anos, engajavam-se na viagem. Para todos, porém, não há orgulho mais legitimamente sentido do que o uso do uniforme da Irmandade. Como explica Benedito Mariano, o irmão mais velho de viagem, “*usar as fardas sagradas da Irmandade significa tornar-se aroeira, árvore forte, capaz de suportar o cansaço e as dores da jornada, sem se dobrar*”.⁴²

Como dizíamos, o embarque da Irmandade representa a segunda etapa da preparação da grande festa de Anhembi. Nesse dia, por chegarem bem cedo, os irmãos que se apresentam para viajar com o Divino se aglomeram pela escadaria

⁴¹ A vestimenta utilizada pelos romeiros do Divino na peregrinação é muito simples. A maioria dos irmãos veste roupa roceira de algodão, reforçada, quando muito, em tempo de frio, por uma calça jeans ou uma espécie de jaquetão de flanela ou lã, com bolsos, botões brancos. Quanto à cor do uniforme, a farda, todos dizem, a cor azul foi escolhida por ser ela escura e por disfarçar a sujeira, já que não pode ficar levando mala de roupas na viagem.

⁴² A respeito da relação entre a estratificação social a participação nas atividades das Irmandades, tanto nos cargos quanto nas vestimentas, vide Zaluar (1983, p. 79).

da igreja, acomodam suas mochilas, tralhas⁴³ e remos na calçada, até a porta do templo se abrir para que todos passem pelo confessionário. Em obediência às regras da Irmandade que vive garantindo a individualidade de cada romeiro, observei que todos os irmãos devem se confessar individualmente, para, após a confraternização, rumar à missa em que terão o encontro com o Espírito Santo.⁴⁴

Na Igreja, os romeiros, depois de pedirem licença e serem aceitos pelo Divino, são abençoados pelo padre. Em seguida, é a vez dos familiares que vão rezar junto dos homens que partem. Assim, todos os fiéis têm a oportunidade de se aproximar das Bandeiras. Alguns a beijam, outros a passam no rosto, cabeças, e ainda há os que nela amarram fitas coloridas, como mostra a figura a seguir:



Dito Mariano, Mauro Ataíde, Zé Poli e Branco Poli se apresentando para o Divino. Foto: Luiz N. Almeida

⁴³ Tralha, termo que designa o saco de viagem. É um saco de algodão branco, com nome ou iniciais, onde os irmãos carregam seus pertences: colchonete de dormir, cobertor, roupas e outros utensílios pessoais.

⁴⁴ A primeira vez que participei como observador, me emocionei como se fosse participante efetivo do ritual em que todos fazem uma fila para reverenciar a Bandeira do Divino como se pedissem licença para acompanhá-lo e guardá-lo na caminhada.

A partir daí, a viagem se torna abençoada. Segundo os romeiros, é após a saída da igreja que se inicia o ritual da viagem, em que a Irmandade se encontra com os fiéis pagadores de promessas.⁴⁵ Tal encontro se dá perto da Casa do Divino que fica a um quarteirão da praça da matriz. Neste curto trajeto, no meio da rua, o primeiro encontro entre a Bandeira do Divino e a imagem de Nossa Senhora dos Remédios e Aparecida, é marcado pela presença dos cantores mirins, membros da folia do Divino que cantam: “*O rico encontro do Espírito Santo com as imagens tão bonitas dos andores*”, que é trazida pelos festeiros, familiares e amigos que vêm em sentido contrário encontrar-se com a Irmandade e a Bandeira do Divino.

É também, neste dia, que, costumeiramente, os responsáveis pelos preparativos da grande festa oferecem, no salão de festa da Igreja, que fica ao lado da Casa do Divino, o primeiro almoço para os romeiros que se apresentaram para viajar. Na casa, os irmãos rezam novamente dentro da sala do altar, que fica tão cheia que muitos rezam do lado de fora, enquanto os responsáveis pela comida preparam a mesa para o almoço, que é servido aos irmãos e a todos os devotos que acompanham a partida da Irmandade.

⁴⁵ São os devotos que irão oferecer os cafés, almoços e pousos para os Irmãos do Divino como sinais de reciprocidade aos benefícios alcançados e também aos votos em agradecimentos.



As três gerações de Irmãos do Divino, na saída da Igreja. Foto: Luiz N. Almeida

Às 14 horas e trinta minutos, o diretor reúne o grupo e, em procissão, a Irmandade retorna à igreja, para rezar o Santo Terço à Santíssima Trindade (Pai e Filho e Espírito Santo). A curta caminhada é acompanhada pelo festeiro que recepcionou, com seus familiares, a Irmandade e que terá a posse da Bandeira até o momento do embarque. Na foto, destaque para os velhos proeiros da Irmandade: Seu Dito Mariano e Zé Maria Preto que carregam, na mão direita, uma bandeirola vermelha, com o emblema da pombinha branca do Divino presa a um pequeno pedaço de madeira no formato de um remo que é a identificação dos dois no grupo. Eles vão à proa da embarcação, dando ritmo às remadas dos irmãos mareantes que viajam em pé. Para todos os participantes da Irmandade e para os devotos, a presença das crianças é sinal de garantia de que a tradição será mantida. Temos aqui, exemplo típico da realimentação constante da importância de vivência na tradição do Divino Espírito Santo, bem como dos processos de socialização de gerações futuras, na formatação de identidades, no interior do catolicismo popular. Mesmo que tais identidades sofram os ecos das mudanças sociais em curso,

podemos notar que os padrões reinantes no interior da organização sócio/religiosa serão mantidos, dada a integração e o interesse demonstrados pelos pequenos.



Irmãos com suas iniciais no remo pronto para navegar. Foto: Luiz N. Almeida

Como evidência da luta pela perpetuação dos traços mais marcantes da tradição em diálogo com as mudanças sociais, encontramos, na fase de finalização da cerimônia, o seguinte movimento. Todos descem lentamente para o rio, ao rufar da caixa da folia mirim, tiros de trabucos, rojões e com grande acompanhamento de fiéis, até perto da ponte velha, onde se encontram as duas canoas de, aproximadamente, três toneladas cada uma e com capacidade para mais de 100 navegantes, que já estão enxutas e limpas, à espera dos irmãos. Todos carregam bóias salva-vidas, uma determinação da Marinha do Brasil. Cada um dos integrantes tem seu próprio remo, com suas iniciais e a pintura da pombinha branca do Divino. As fumaças dos rojões e dos tiros de trabucos

misturam-se com as cores das vestes dos irmãos, que vêm atrás dos trabuqueiros,⁴⁶ dando um toque especial ao colorido da caminhada.



Integrantes do batalhão de trabuqueiros da Irmandade de Anhembi. Foto: Flávio Pécchio

Antes de embarcar, a Irmandade faz uma evolução. Os ponteiros da fila dupla de irmãos dão meia-volta, dirigindo a fila para trás, trazendo as Bandeiras do Divino para frente até os barcos, para que os festeiros e seus familiares possam se despedir dos membros da diretoria e do restante do grupo. Com muitas lágrimas nos olhos, os devotos despedem-se dos irmãos, desejando-lhes boa viagem.

⁴⁶ À frente do cortejo, vão os trabuqueiros, anunciando a chegada da Irmandade, dando disparos de tiros de trabucos e/ou bacamartes, uma espécie de arma de fogo, cujo estampido consome um punhado de pólvora, comprimida no cano da arma (socado pela boca). Os irmãos dizem que os estampidos servem de meio de comunicação entre eles e também para anunciar e festejar a chegada do Divino na residência dos festeiros. Afirmam que, na viagem pelo rio, os tiros servem como meio de comunicação entre os barcos e que, antigamente, os estampidos dos trabucos serviam também para espantar os bichos do mato durante as caminhadas e pousadas. Não custa crer que, no começo do movimento itinerante da Irmandade, início do século XIX, o uso medicinal da pólvora pudesse expandir para combater as pestes gerais do sertão. Em *Caminhos e Fronteiras* (2001) Sérgio Buarque de Holanda com propriedade relata que: “A mesma pólvora, que abate o inimigo, também podia reestabelecer os doentes do mundo, o mal-de-bicho, que costumava sobrevir às crises de maleita. Com efeito, para combater essa peste, que, (...) invadiu no século XVIII as minas e quase todo o sertão, nenhum remédio terá adquirido tamanho e tão intenso prestígio quanto o terrível saca-trapo, em que a pólvora figurava como ingrediente obrigatório ao lado da caninha, da pimenta da terra, do fumo e, algumas vezes, também do suco de limão azedo” (Holanda, p. 86).



O início da romaria nas águas do rio Tietê. Foto: Luiz N. Almeida

Todos devidamente embarcados, lentamente as canoas dos irmãos vão se afastando da margem e, assim, mais uma vez, eles reproduzirão, com sua missão, a teia simbólica dos antepassados que enfrentaram uma natureza cheia de obstáculos ou perigos. A romaria é “*uma agência transformadora*”, na medida em que revela como papel importante intermediar o encontro do Divino com os moradores, como forma de fortalecer a fé católica e a força do povo caipira na construção do Sagrado. Os entrevistados costumam dizer que fazer parte deste universo sagrado, dá uma sensação maravilhosa. “*Nessa hora, a gente está movida pela força do Divino. Eu já cheguei a desmaiar de tanta emoção*”, explica um entrevistado.

O rio Tietê é a estrada líquida dos romeiros do Divino Espírito Santo, que construíram um movimento religioso, um elemento fecundo e positivo capaz de estabelecer poderosos vínculos entre o Divino e centenas de fiéis que todos os anos aglomeram-se no barranco do rio para aplaudir, gritar, ovacionar e dar vivas aos romeiros que, com muito esforço, dão ritmo às remadas e movimentam as

pesadas canoas rio-abaixo para, depois de 50 minutos, chegar ao local próximo ao primeiro pouso.



Canoas fazem sua peregrinação pelo rio Tietê. Foto: Flávio Pécchio

A travessia é árdua. Cada canoa tem um proeiro,⁴⁷ que ajuda no direcionamento da canoa e um piloto, que se posiciona do lado oposto ao proeiro, a quem cabe direcionar o barco, segurando o leme. A técnica de navegação fluvial adotada pela tripulação do Divino parece conservar intactas as técnicas da arte da navegação indígena, descrita por Sérgio Buarque de Holanda (2001):

Na mareagem, tanto na técnica de construção naval prevalecerá decididamente à tradição indígena. A essa pertence, por exemplo, o uso de os tripulantes remarem em pé, uso que foi corrente não só no Brasil como todo o continente Americano antes do advento dos brancos (Holanda, p. 146).

A observação sistemática revelou que é de suma importância o trabalho dos dois proeiros. Nesta arte, Dito Mariano e Zé Maria Preto são muito respeitados por seus companheiros, devido as suas capacidades de observação:

⁴⁷ Proeiro é quem dá compasso às remadas, conforme bate mais ou menos apressadamente o calcanhar à canoa. Cada pancada serve como compasso para as remadas. O proeiro vai na frente da canoa. Comanda e governa a proa, com um forte remo nas mãos, para poder ajudar e agilizar o efeito do leme e, rapidamente, desviar a canoa de todo e qualquer perigo ou incidente.

com os movimentos das águas, eles deduzem onde o rio é mais ou menos fundo, onde existe canal ou escolho. “São 63 anos só de viagem. Enquanto tiver fôlego continuarei ajudando meus companheiros nessa importante missão da nossa querida Irmandade”, disse Mariano, em entrevista.

Na travessia, para não cansar um braço, os tripulantes que estão remando trocam simultaneamente de lado, como se tivessem sido ensinados pela prática, para que a canoa não vire. Todo mundo tem de remar, exceto as crianças, cuja função é servir água para os demais. Os trabuqueiros, de dez em dez minutos, soltam um tiro de trabuco, apontando para o rio. Responsáveis pela comunicação, com os tiros, anunciam a chegada e partida da Irmandade e estabelecem a comunicação entre as Canoas, caso se distancie uma da outra.

Ao se aproximarem da margem próxima ao local do pouso, os irmãos cantam o “sarã”,⁴⁸ sinal de que a primeira parte foi cumprida. A partir daí, começa a caminhada de um lugar para outro, a pé, de caminhão ou ônibus por vales e estradas. A jornada é um ato de penitência, ou seja, penosa e desprovida, recurso que garante a sobrevivência comportamental durante a caminhada. Os irmãos têm, como obrigação, o cumprimento do regulamento de viagem (ver anexos III) e o dever de participar, efetivamente, dos cultos religiosos. Na hipótese de qualquer falta grave, “fica no barranco”.⁴⁹

É interessante observar que, a cada ano, o primeiro pouso se dá em um lugar diferente perto do rio, onde ficam ancoradas as Canoas. Os caipiras da

⁴⁸ O canto melódico dos “sarã”, “saranga” ou “serenga” é um cântico de remeiro em três vozes. O canto é de boca fechada, como um murmúrio, sem palavras. O som lembra o ruído de uma árvore chamada sarã, que dá em beira de rio e que produz som característico em forma de ventania.

⁴⁹ Ficar no barranco é uma expressão antiga usada pelos romeiros do Divino para designar punição durante a viagem que antigamente era feita apenas por embarcação fluvial, onde o faltoso era expulso da romaria e deixado só na margem do rio Tietê.

região esperam, com muita ansiedade, a visita da Irmandade do Divino Espírito Santo em suas residências, para reafirmar a sua história religiosa e construir a sociabilidade, através da religião e de suas festas. É hora de rever antigos amigos e conhecer novos devotos, que pedem a presença da Irmandade para agradecer a boa saúde e a vida sem sobressaltos e contrariedades. O que une o grupo de romeiros e fiéis são as rezas e os cânticos praticados durante as romarias e as festas.

2.3.1 - O pouso do Divino

Receber a visita da Irmandade constitui um momento de honra para o festeiro e sua família.⁵⁰ Permitir que a Irmandade adentre no seu sítio, fazenda, casa ou capela da comunidade, reforça a proteção do céu para a família, os animais, as plantações, as propriedades e os vizinhos. Aqui, também percebi a realização de um preceito muito importante no que diz respeito à crença no Divino Espírito Santo: o cumprimento da missão de divulgar, pelas orações e cânticos, os dons e o poder da fé no Espírito Santo.

Este é mais um indicador do imaginário social e religioso dos Irmãos do Divino, que se consubstancia na fraternidade, humildade e generosidade dos festivos encontros que se dão nos cafés, almoços e pousos, nos quais a riqueza

⁵⁰ Festeiro ou anfitrião são os fiéis organizadores dos cafés, almoços e pousos do Divino. São os que abrem a porta da sua residência ou propriedade para as pessoas cumprirem suas promessas e pedidos, agradecer e rezar ao Divino Espírito Santo. A diferença entre os festeiros e os Irmãos do Divino é que os primeiros, não fazem acordos de envolvimento militante, isto é, eles cumprem compromissos de consumo irregular nas romarias e nos dias de festas do Divino e sustentam uma atitude de alheamento aos quadros e aos trabalhos de produção religiosa da Irmandade do Divino Espírito Santo.

espiritual é demonstrada pelo acolhimento na propriedade e pelo fornecimento de alimentos aos viajantes e todos os demais presentes na festa.

Ao longo da caminhada, acompanhando as Irmandades do Divino por diversas localidades, pude perceber que os irmãos são sempre recebidos nas casas dos festeiros com alegria e respeito. A chegada da Irmandade é anunciada a todos pelos tiros dos trabucos, respondidos pelos donos da casa com um estampido de rojão, acolhendo-a. São dias e dias de andanças e rezas. A cada dia, são visitadas três casas diferentes. Os viajantes acordam e tomam o café em uma delas, almoçam em outra e dormem numa terceira.

A fé na força do Divino Espírito Santo é parte constitutiva do cotidiano da romaria. Segundo os entrevistados, na casa onde Deus esteve reunido com a família, o dia começa de madrugada, às 5 horas, com salvas de tiros de trabuco, que anunciam a alvorada. Os irmãos rezam e a folia canta o agradecimento e a despedida. Vide (anexo VI).

Adiante, tudo se repete. As casas deixam tudo pronto para receber os irmãos, para acolher os símbolos da romaria: a Bandeira e a Pombinha do Divino.⁵¹ Novamente, o altar arrumado na sala da casa está bem enfeitado, o mastro recentemente pintado, perto da porteira ou da casa à espera dos irmãos. No fundo da casa, no terreiro, armado o barracão, onde será servido o almoço ou a janta. Em fogões a lenha, são preparadas as comidas. Os vizinhos, amigos e convidados estão presentes para alimentar o evento, que se transforma em uma grande festa.

⁵¹ Victor Turner (1974, p. 169) nota que: “A romaria libera o indivíduo dos constrangimentos cotidianos obrigatórios de status e papéis, o define como um ser humano integral com capacidade de fazer escolhas livres, e dentro dos limites de sua ortodoxia religiosa, lhe apresenta um novo modelo de vida, de fraternidade humana”.

Aqui, estamos na segunda fase da jornada: o ciclo da sociabilidade, de associação entre os romeiros e de reciprocidade descrito por Mauss (2003), que se reinicia pelas relações de comensalismo.

A reciprocidade e a solidariedade impõem regras e limites bem definidos, para o doador e para o receptor. Os compromissos assumidos, no ato de dar e receber, doar e retribuir são tão vitais para os grupos, que a queda destes laços pode redundar em prejuízos agudos para a sociedade. A Irmandade ao efetuar os ritos, ao doar oferendas (rezas e cânticos) e receber pouso e comida estreita laços na comunidade, dando continuidade à tradição e aos vínculos necessários, para a existência do grupo social.

Enquanto a casa recebe os convidados, vizinhos, parentes, amigos e curiosos, a Irmandade espera do lado de fora da propriedade e se comunica, mais uma vez, com a casa por meio do estrondo dos trabucos. Os trabuqueiros anunciam que a Irmandade está esperando para começar. Mas só avançam, se a casa responder com rojões que está pronta. Feito isso, o grupo, formado pelo festeiro, familiares, amigos, convidados e curiosos, portando andores e uma bandeira com o desenho de uma pombinha e os dizeres “*Viva o Divino*”, que será içada no mastro, caminha na direção da Irmandade, que vem em sentido contrário em fila dupla, entoando a canção “*Bendito louvado seja*”.



Festeiros na caminhada ao encontro dos Irmãos do Divino. Foto: Flávio Péchchio

Perto do mastro, historicamente pintado com as cores do Divino, igual à roupa dos irmãos é que as Bandeiras costumam ser entregues à família anfitriã. Rodeados pelos irmãos e fiéis, a folia mirim⁵² saúda novamente o “Encontro” entre o Divino, e as imagens dos santos e santas dos andores dos hospedeiros. Vide canção: (Anexo VI).

O canto do encontro é realizado em todas as ocasiões que a Irmandade e a Bandeira do Divino se encontram com os andores e os festeiros que estão oferecendo almoço ou pouso. Assim, os Irmãos do Divino seguem em procissão em sua caminhada buscando nas temporadas das Bandeiras do Divino, um ponto do terreiro da casa, onde será fincado o lenho do mastro que marca os espaços trilhados pelo Divino Espírito Santo. A crença, constantemente reavivada, é de que o mastro, símbolo da força e do poder do Divino, não pode ser tocado com as mãos. Para transportá-lo, os irmãos usam lenços ou pedaço de corda e cada

⁵² Folia mirim entendida como: cantos realizados pela dupla de meninos, normalmente oriundos da roça na faixa etária de sete a doze anos de idade. Cada criança faz uma voz, ou seja, um canta na primeira tonalidade e o outro, na segunda tonalidade.

romeiro segura numa ponta do objeto. E, para erguê-lo e socar a terra, os irmãos usam os remos, utilizados na viagem.

Assim, romeiro, devotos, festeiro e moradores das cidades das roças vêm em busca daquilo que Eliade em seu livro, *O Sagrado e o Profano* (s/d) diz:

“Vários povos e culturas buscam para si algo que representa o centro do mundo, uma repetição constante da cosmogonia. Seja uma montanha sagrada ou um templo ou palácios, todos buscam algo que simbolize um ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno. Os mastros representam o centro do sagrado, a zona da realidade absoluta que sobreviveu no mundo ocidental até hoje, num ato preeminente divino”. O mesmo autor diz que: “O universo é concebido como algo que se espalha a partir de um ponto central. A criação do homem, que responde à cosmogonia, também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo” (Eliade, p. 26).

Cascudo (1962) afirma que o Brasil conservou a tradição dos mastros, principalmente, nas festas de São João, onde ele exerce função votiva, mas outras tradições da cultura popular também faziam uso desse elemento votivo. Nestas tradições, o mastro representava uma reminiscência do culto agrário e tinha significações mágicas. Em algum lugar do Brasil, continua o dizer de Cascudo (1962) de que era comum plantar uma árvore junto ao mastro e colocar, nela, os frutos da terra, que eram todos queimados, no último dia dos festejos e as cinzas guardadas. Representava, segundo o autor, a possibilidade de fazerem súplicas e votos, no exato momento em que se socava a terra em sua volta.



Levantamento do mastro. Foto: Flávio Pécchio

Por guardar e produzir o poder de marcar o ponto fixo da centralidade do Sagrado, a Irmandade é a única que tem o poder de levantar o mastro do Divino, feito e encomendado pelos moradores. Alguns mastros chegam a ter cinco metros de altura. Para os romeiros, é pelo mastro que se fará a ligação entre o visível e o invisível, entre o espaço terreno dos vivos e o espaço celeste, o reino sagrado do Divino Espírito Santo.

A cada levantamento de mastro, os irmãos cantam o hino “*A nós descei, Divina luz*”. Em resposta ao cumprimento de promessas, os fiéis acompanham na cantoria. Há foguetório de rojões, salva de trabucos e vivas dos irmãos e fiéis ao Divino Espírito Santo, à Nossa Senhora, aos santos e santas dos andores e do dia, à Irmandade, à família anfitriã, as crianças, e a todo o povo presente, ao som

de aplausos da multidão. Esse ritual se repete em quase todos os almoços e pousos observados e, no dia da grande festa das respectivas comunidades, em frente à Igreja local.

Os mastros levantados ou plantados nas frentes das casas dos devotos ou da igreja da comunidade marcam os espaços trilhados pelos romeiros do Divino. Os entrevistados acreditam que a energia da presença do Divino dentro da moradia é toda transportada para o mastro e dali para a família e demais pessoas do grupo, além de todos os moradores da vizinhança.

Após o levantamento do mastro, o festeiro e sua família colocam-se ao lado do altar, segurando as Bandeiras do Divino. Observa-se a troca de dádivas. Por meio de cânticos da folia mirim (anexo VI), são realizados os pedidos de almoços, pousos (hospedagem) e a licença para entrar na casa com o Divino.



A anfitriã: devoção e muita fé. Foto: Flávio Pécchio

O ato de receber a visita da Irmandade é sinal de proteção para os moradores da casa. O tronco levantado como mastro está ligado à prosperidade e à fartura, dizem os entrevistados. O dom da hospitalidade instaura a comunhão do dono da casa com seus convidados ao acolher, sob o seu teto, os romeiros do Divino, pois é de conhecimento comum nas comunidades estudadas que, ao abriremos nossa casa para a Irmandade e dividirmos a nossa mesa com os irmãos e as pessoas que amamos e que nos propiciam confiança, seremos agraciados.

A visita da Irmandade é muito mais que uma simples troca de energia, é uma força que fica emprestada à comunidade e que ela tem que devolver em festa. A graça deve ser dividida entre todos, uma vez que todos ajudam a ativar essa força benéfica que se desencadeia nos almoços e pousos pela região.⁵³

Logo após o cântico dos dois meninos, integrantes da folia, os irmãos, defronte do altar, cercados pelos festeiros e sua família, iniciam o terço cantado, misto de orações e canções puxadas normalmente pela dupla de rezadores, Dito Mariano e Zé Maria Preto,⁵⁴ que também funcionam como capelães.

⁵³ Aqui vale a pena marcar a importância dos autores que tratam da questão como: Brandão (1986), Cândido (1982), Zaluar (1983) e Eliade (s/d).

⁵⁴ Zé Maria Preto que apesar da gagueira, faz a segunda voz sem tropeços. Mesmo no seu vozeirão, todos compreendem o que diz.



A reza do terço cantado. Foto: Luiz N.Almeida

2.3.2 - O comer e beber juntos

Terminada a reza, é momento de beijar o Santo. Um grupo de irmãos coloca-se ao lado do altar e começa a cantar, repetidas vezes, enquanto a Irmandade, em fileira simples, reverencia o Divino, seguida pelos fiéis que, em silêncio, beijam a Bandeira fazendo o sinal da cruz. Segundo Arnold Van Gennep (1978), tocar e beijar o mesmo objeto são gestos associados aos ritos de agregação, assim como: a comensalidade ou ato de comer e beber em conjunto, que evocam as origens da festa do Divino, quando um dos eventos principais era a distribuição de alimentos. Desde o início, as romarias das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê estão ligadas à congregação de pessoas como oportunidade de consumo alimentar. A comida é o sinal de gratidão e reconhecimento da solene visita dos irmãos e do Divino, como o dissemos anteriormente.

Parte integrante das romarias e festas do Divino, a alimentação, embora não seja o maior atrativo, representa importante papel, pois alimentar os integrantes da Irmandade é sinal de proteção. Por onde os irmãos passam, os

terreiros das casas passam a ser a cozinha e o refeitório, onde, em fogões à lenha improvisados, é preparada a “cozinha” em grandes tachos e panelas. Para centenas de pessoas, a comida é servida em mesas compridas, embaixo de barracões provisórios cobertos de lonas, ou galpões.



Terreiro da casa do festeiro onde a comida é preparada. Foto: Luiz N. Almeida

A comida é bem feita, o cardápio é o tradicional: arroz, feijão, carne moída (picadinho), carne de frango, macarrão, salada (alface e tomate) e doces. Muito apreciada por todos, é a sopa de mandioca com carne. Logo após as rezas, o festeiro e o diretor conduzem a Bandeira do Divino até a cozinha improvisada para abençoar a comida e os cozinheiros. Ali, o anfitrião passa o símbolo do Espírito Santo sobre as panelas cheias de alimentos, abençoando-os. A crença geral é de que a comida do Divino não mata somente a fome biológica dos fiéis, mas também sacia a fé de quem a come, pelo fato de ter sido abençoada por Deus.⁵⁵

⁵⁵ Em *Parceiros do Rio Bonito* (1982) Antônio Cândido relata com riqueza de detalhes os momentos onde as famílias, amigos, agregados, vizinhos reunidos, em grandes almoços, reafirmam laços de pertencas comunitárias.



O almoço do Divino. Foto: Luiz N. Almeida

O alimento é oferecido pelo festeiro (dono do almoço ou jantar) que, como pagamento de promessas, recebe ajuda dos amigos para os afazeres da casa, como servir, lavar pratos, buscar água, abater animais e preparar a comida. No preparo, trabalham tanto homens como mulheres. Os louros, porém, são reservados para os homens, o que nos tempos atuais, revela raízes do passado de discriminação à mulher que, nas festas, se conservavam à parte. A esse respeito expõe Antônio Cândido (1982):

Nas festas, por exemplo, ela se conserva à parte. No empalizado construído à frente da residência para as danças e cantos, só penetra para servir café, pão ou quentão, permanecendo a maior parte do tempo no interior, portas e janelas da casa, que nestes casos lhe é atribuída por homenagem, e onde lhe cabe preparar alimentos e atender aos pedidos dos convidados. Nas danças caipira lídimas, como o cururu e, sobretudo, o fandango, ela não toma parte, salvo exceções (Cândido, p. 239).

A comida é servida pelos “serventes” (voluntários). Todos podem repetir quantas vezes quiserem, sem receio, e é gratuita. A regra diz que os primeiros a serem servidos são os irmãos e os familiares dos festeiros. A segunda “mesada” ou

“rodada” é servida para as mulheres e crianças. Da terceira em diante, para os demais participantes. Todos ficam em frente aos pratos, em pé, e come-se de tudo. O prato é fundo, o talher, uma colher de sopa. O fato de juntar-se para comer parece ser a síntese da união familiar dos irmãos e fiéis. É ali à mesa, onde rezam, cantam, comem, partilham os desafios que enfrentam todos os dias e se fortalecem.

As trocas de alimentos e hospedagem por rezas e cantos são manifestações que representam, simultaneamente, os aspectos sociais, psicológicos, religiosos, mágicos, econômicos, utilitários, sentimentais, jurídicos e morais das comunidades envolvidas. Como diz Mauss (2003), um verdadeiro “*fato social total*”.

Pela análise dos procedimentos e afetos que integram os festivos pousos e almoços do Divino, observa-se que a idéia dominante é a de que toda doação produz a sua recompensa nesta vida e no porvir, ou seja, o princípio da reciprocidade está presente nas trocas.⁵⁶ Homens, mulheres e crianças sentem-se parte da Irmandade, comem juntos e agradecem juntos os alimentos que receberam na gratuidade, daquele que os acolheu. Todos dizem: “*Deus lhe pague*”.

Depois de passarem por mais de 150 residências da região numa viagem em grupo, saindo de suas respectivas comunidades, os irmãos romeiros retornam as suas cidades de origem, para que possam descansar e se prepararem para o dia do grandioso Encontro das Canoas, que acontece no vindouro sábado da festa. De acordo com os entrevistados, são dias e dias enfrentando o sol, a chuva, o frio e o cansaço. Algumas vezes, sem ter onde dormir. Porém, “*vale a pena o sacrifício*”, comenta um deles.

⁵⁶ Sobre este tema, Marcell Mauss (2003) se debruçou, ao analisar o sistema de trocas entre os povos do noroeste americano, os Kwakiult. Nessa sociedade, todos obedecem a um princípio pelo qual o presente recebido deve ser retribuído, gerando uma sucessão de trocas, ininterruptas, simbólicas e materiais.

A volta dos romeiros tem um clima bem diferente do dia da partida, quando os irmãos se propuseram a acompanhar o Divino, no qual tudo era alegria e festa. Há irmãos exaustos e adoentados, mas, no imaginário coletivo da Irmandade, quem agora agradece os romeiros é o próprio Divino. Conforme constatei, há choradeira, quando os foliões cantam a despedida. (Vide Anexo VI)

Todos os entrevistados dizem que viajar com o mestre Divino é um privilégio. Com os olhos marejados, cada irmão romeiro se despede das Bandeiras, do diretor e dos demais colegas. Eles voltam para casa conscientes de que estarão, no final da semana, reunidos, mais uma vez, para celebrar com os fiéis o tão esperado “*Encontro das Canoas*” sobre as águas do rio Tietê, mantendo, assim, a singularidade da festa, de acordo com a tradição local.

Os atos de repetir as ações, os comportamentos e os ritos constituem-se ponto chave no processo de reforçar e promover a internalização do modo de ser Irmão do Divino. De tanto repetir, indivíduos e comunidade reavivam a história e a memória da formação da criação da Irmandade para a coletividade.

A repetição marca ainda, a abertura ao chamamento de novos irmãos para aquela Irmandade, mas, acima de tudo, é no jogo de forças entre o mundo secularizado e o mundo divinizado que os símbolos do Divino Espírito Santo são reavivados.



O Irmão do Divino se despede da Bandeira do Divino. Foto: Luiz N. Almeida

2.4 - A região, o rio Tietê e os moradores

A aconchegante cidade de Anhembi, com pouco mais de cinco mil habitantes, fica à margem esquerda do rio Tietê, no sentido à jusante, após as terras de Conchas e não muito distante da barra do rio do Peixe e do antigo ribeirão das onças, atual rio de Conchas. Esses dois pequenos rios deságuam no rio Tietê, nas proximidades dos bairros rurais dos Amaros e do Baguari, locais de áreas baixas que compõem a bacia hidrográfica do médio-Tietê. A 225 quilômetros de distância, Anhembi está localizada entre as cidades de Conchas e Botucatu para quem vai de São Paulo, pela rodovia Marechal Rondon; e a 59 km de Piracicaba,

para quem segue em direção a Bofete e Botucatu, pela rodovia Samuel de Castro Neves.⁵⁷

Para quem desce o rio Tietê, a pequena Anhembi situa-se também a poucas léguas do Sub-distrito de Laras em Laranjal Paulista, antigamente chamado de Capela de São Sebastião, nome primitivo dado pelos bandeirantes devido à existência de uma grande pedra na beirada do rio, com o formato do Santo que era invocado como protetor contra as pestes do sertão. Ali, ao seu redor, os bandeirantes faziam paradas, durante suas perigosas expedições no tempo colonial.

O rio Tietê é o principal acidente geográfico da região. Participa da vida da cidade e nas festividades do Divino, desde o primeiro preparativo que é a derrubada das canoas. No rio, ocorre o ponto alto da festa, o encontro das canoas, bem como a cerimônia final, quando da retirada dos barcos de suas águas.



Vista da cidade de Anhembi. Foto: Ozair Lopes de Carvalho

⁵⁷ Para uma melhor localização, vide (anexo V): A região do médio-Tietê.

Nos bairros do Baguari e dos Amaros, foi possível guardar, em fotos, os melhores momentos da viagem dos romeiros do Divino aqui apresentados. Transitando nas estradas líquidas a bordo das embarcações das Irmandades do Divino de Anhembi e da Capela de São Sebastião, percorri os mais diversos tipos de paisagens e ecossistemas.⁵⁸ Nos bairros rurais dos Amaros, do Baguari e do Pau Cavalo, em Conchas, os moradores que fixaram residência perto do rio Tietê têm uma forte devoção ao Espírito Santo, por intermédio das duas Irmandades do Divino que navegam pelo rio Tietê.

Para muitos dos moradores idosos desta área, a criação do mundo é entendida como uma espécie de abandono, um esquecimento de Deus, provavelmente, em razão da dificuldade de manter a família, das intempéries do trabalho duro na roça e da parca alimentação. Foi com esses sentimentos de pesar que os ribeirinhos do rio Tietê edificaram suas primeiras capelas de pau-a-pique ou taipa, como a de São Sebastião, no Sub-distrito de Laras, em Laranjal Paulista, e de Nossa Senhora dos Remédios, em Anhembi. Para os entrevistados, há mais de 100 anos, são guardiãs dessas localidades, onde as Irmandades do Divino Espírito Santo nasceram, para atender as aflições do povo.

Desde o início do povoamento, homens e mulheres do meio rural da região são os protagonistas da sua própria história, uma história, cosmológica e social, construída com suor e lágrimas, cuja rede fora construída na espontaneidade, de

⁵⁸ A região possui uma área florestal em que a mata ciliar é exuberante e preservada na sua quase totalidade. Pela estrada líquida do rio Tietê, além da natureza e topografia, observa-se um santuário ecológico com pássaros como garças, biguás, papagaios, tuiuiús e outros animais de diversas espécies vegetais da flora silvestre local.

acordo com a necessidade dos indivíduos da coletividade.⁵⁹ Conforme explica Antônio Cândido (1982), esses indivíduos são:

Dobrados sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos agrupamentos vicinais, com segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural (...) Verdadeiro comensalismo do paulista com o meio físico. Comensalismo em que ele se despojou não raro da iniciativa civilizadora para, na parcimônia do seu equipamento tecnológico, regredir ao antepassado índio e, deste modo, penetrar mais fundo no mundo natural (Cândido, pp.175-176).

São possíveis protagonistas, especialmente, os indivíduos fazedores de rezas e benzimentos, como foi Ana Domingues Moraes, Dona Nhana, uma mulher centenária que encontrei, durante a pesquisa. Ela viveu rodeada de pessoas, numa humilde casa em taipa, chão batido e fogão a lenha, dentro da fazenda da família Caram, um bonito lugar rodeado por imensos pau-d'alhos, jatobás, cabriúvas, jacarandás, ipês, etc.

Dona Nhana,⁶⁰ uma senhora de mais de 100 anos, depositária da memória de uma história local, cujo registro de nascimento lhe foi dado por ocasião de seu casamento, nos contou, com riqueza de detalhes, o aspecto de como se deu a criação das Irmandades e das festas do Divino, que aqui reproduzo por se tratar de depoimento único, uma vez que, meses depois, veio a falecer. Disse-me ela:

Aqui no bairro do Baguarí tinha várias capelinhas. Elas eram construídas como se os moradores tivessem feito todas elas para

⁵⁹ A esse respeito veja-se também Macedo (1989).

⁶⁰ Sobre o poder feminino veja-se Zaluar (1983, p. 115) que retrata as mulheres que zelam pelas pessoas e tem poder nas localidades que assemelha-se à dos homens e são chamadas de mulheres "masculinas". A respeito de mulheres masculinas vide importantes pontuações de Holanda (2001, p. 107).

salvar e proteger a todos da família das doenças do campo”. Continuando Dona Nhana diz: “na fazenda eu e meu marido fomos agregados, trabalhamos juntos na roça. Cedo, todos os dias, íamos para a roça, onde plantávamos muito arroz, feijão, algodão, milho. Dante mais, nossa primeira morada era uma palhoça perto do rio. Nós não tínhamos salário, não tínhamos roupas. Quem dava roupas para nós era o dono da fazenda. A Bandeira do Divino eu sempre conheci. Nasci vendo os irmãos passarem pela nossa porta. Tudo o que acontecia com os irmãos do Divino eu ia conhecendo e aprendendo. Aprendi também com meus pais a ser benzedeira e ter fé em Nossa Senhora e nos outros santos, pois foram eles que deram forças para meus pais resistirem às doenças de antigamente. Acho que eu fui escolhida pelo Divino para ajudar as pessoas. Acho também que fui contemplada com a missão de zelar pela fé no Divino e também ajudando as pessoas a saírem ou entenderem seus problemas. Eu acredito que fora da temporada das Bandeiras do Divino eu estou aqui para todo mundo lembrar dos benefícios do Divino. É por isso que todas as Irmandades vem me visitar todos os anos. A visita dos irmãos me dá forças, muitas forças, é como visita de irmão mesmo. Sabe. Toda essa comida que é oferecida neste almoço é trazida pela população que quer me agradecer tudo que faço para todos. Parece que o Divino também quer me agradecer, tanta fé, com a presença das Bandeiras aqui em casa. Fico feliz, muito feliz de ver a presença de todos vocês aqui em casa, vindo me visitar, comer e encontrar com o Divino.



Dona Nhana. Foto: Flávio Pécchio

Esta história representa a base de toda a cultura local. Cultura ligada à forma de sociabilidade e subsistência, que se apóiam, por assim dizer, em soluções mínimas, mas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros rurais. Os relatos afirmam que, tempos atrás, a categoria de agregados ocupava os serviços das lavouras, carreamentos de animais e toda sorte de serviços pesados. Os mesmos relatos nos permitem dizer que a estrutura familiar foi fundamentada no trabalho e na fé: juntar-se para comer parece ser a síntese da união dos moradores, pois cada um traz aquilo que tem em casa e soma e divide com o outro, nas ocasiões das festas e/ou comemorações.

Falando muito baixinho, quase murmurando e mascarando fumo, cuspidando numa escarradeira ao lado de sua cadeira e às vezes acendendo o pito, uma

espécie de cachimbo de forninho e tubo, um hábito entre os caipiras antigos, Dona Nhana sintetiza este espírito de partilha:

Todos me querem bem, homens, mulheres e crianças. Tudo que tenho aqui em casa é doado pelos que me visitam. A comida aqui em casa é feita pelas mulheres da vizinhança que vem me ajudar. Sabe, eu conheci as mães delas, conheci os filhos delas. Ajudei todo mundo, e agora elas me ajudam na lida da casa e quando precisam eu já vou logo benzendo seus filhos, netos e parentes. Não precisa nem falar eu já sei que é para dar uma olhada neles. Atendo todos com muito gosto. Todos são meus filhos. Eu não tive filho, só tenho o Ernesto meu filho de criação. Eu peguei ele pequeno e ele trabalhava na roça também. Meu filho está sempre com o pessoal da Irmandade. Ele foi criado vivendo a presença das Irmandades. Ele não viaja como todo mundo mais ele é da Irmandade.

Seus relatos expressam a sua preocupação com o outro, expressão como exemplo de amor, hospitalidade, companheirismo, partilha e, principalmente, fé em Deus. *“Ela é uma pessoa maravilhosa, um doce, uma santa em carne e osso”*, diz uma senhora da região que à Dona Nhana recorria para os benzimentos. Opinião partilhada por todos que, nas entrevistas, a mencionaram.



Residência de Dona Nhana. Foto: Flávio Pécchio

Enquanto dona Nhana era viva, extraordinariamente, todos os anos, as três Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas se reuniam num almoço do Divino no sítio onde vivia para, juntos, fazer seus rituais consagrados e suas rezas tradicionais dentro da humilde casinha da benzedeira. Durante os anos seguidos de pesquisa de campo, observei que, nos dias de visita das Bandeiras do Divino, a residência da velha benzedeira virava um grande espaço de religiosidade e sociabilidade, marca da vida cultural do povo caipira da roça.⁶¹ Dentro da casa, os Irmãos do Divino e fiéis ao beijarem as Bandeiras do Divino, ouviam, ao pé do ouvido, mensagens da sábia anciã. Para todos, Dona Nhana era a principal conselheira.

Uma das peculiaridades da residência era o seu quarto de dormir, onde foi construído, em cima de uma mesa de madeira, um altar repleto de imagens de santos e santas, retratos de pessoas, fitas coloridas, resto de velas e outros objetos representantes do catolicismo, espontaneamente doados pelos seus “filhos” e amigos da Irmandade. Conforme a própria Dona Nhana definiu, ela era uma caipira e filha de caboclo, um traço da mestiçagem do povo brasileiro. Gostava de comer carne de porco, ovos mexidos, couve com feijão e não dispensava o cafezinho puro feito no coador de pano.⁶²

⁶¹ A respeito da construção dos espaços religiosos, Macedo (1989, p. 18) diz: “Não se faz ‘nosso’ um território senão criando-o de novo, quer dizer, consagrando-o. Isto se mantém na história”.

⁶² Ana Domingues Moraes, Dona Nhana, morreu no dia 21/07/2004.

CAPÍTULO III – A FESTA

Em todas as sociedades, a festa é tida como um momento de descontração em que as pessoas alheiam-se dos seus compromissos laborais e se regozijam na alegria de se reunir com os entes queridos. É, portanto,

“o momento de efervescência coletiva, o tempo dos excessos, dos paroxismos, das transgressões das normas e do consumo de bens acumulados durante o tempo profano. Ela é o domínio do sagrado por excelência” (Santos e Lucas, s/d, p. 426).

Uma vez que as sociedades se organizam em torno de regras de conduta e de total repressão, em que a vazão dos anseios e desejos se torna impraticável, a existência destes momentos em que a ordem social fica suspensa, revigora e revitaliza os homens para que, posteriormente, possam retornar ao seu cotidiano, aos seus sacrifícios e, mais profundamente, às suas responsabilidades sócio-culturais.

É certo que, nestes momentos de festa, de supressão de obrigações, há, ainda, algumas regras a serem seguidas, mas estas estão para a comunhão e para a alegria, não para a responsabilidade e para o trabalho, cabrestos que conduzem o indivíduo pela sua existência terrena. Festejar é, de certa forma, estar momentaneamente em um universo paralelo, no qual os excessos e as transgressões são permitidos. É voltar-se a si e em si refestelar-se, saborear a existência despreocupadamente e, assim revigorar-se.

Compreende-se que a festa, representando um tal paroxismo de vida e rompendo de um modo tão violento com as pequenas preocupações da existência quotidiana, surja ao indivíduo como

um outro mundo, onde ele se sente amparado e transformado por forças que o ultrapassam (Callois, s/d, p. 432).

Dado o seu poder transformador, o indivíduo vive a vida em busca destes momentos festivos, em que se revigora. Não estamos apenas falando das grandes festas em que há diversão e alegria abundantes, exageradamente. Tomemos por base a divisão semanal em que a sociedade moderna se organiza. O simples dia de domingo, de descanso, representa esse momento de recobrar as forças e renascer para uma nova semana, uma nova fase da seqüência existencial. Já no início da semana, segunda, terça-feira, o indivíduo avista no horizonte a perspectiva de revigorar-se, o que o ajuda a passar o restante da semana em suas atividades obrigatórias, com o cabresto puxado dioturnamente. Por isso, o indivíduo:

“Vive na recordação de uma festa e na expectativa de uma outra, pois a festa figura, para ele, para sua memória e para o seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser” (Callois, s/d, p. 433).

É ainda Callois quem aponta para o fato de os ciclos da natureza serem renovados em todos os ângulos que olhamos. Anualmente, nos renovamos também. Um exemplo desta renovação se dá com as celebrações do Ano Novo. Momento de festa, de confraternização, de alegrias, de promessas e de novos planos, ou seja, de uma nova vida, de revigorar-se, renascer, de recomeçar e festejar.

Se a própria natureza festeja, não seria diferente com seu filho homem, porque “a festa é o caos reencontrado e de novo moldado” (Callois, s/d, p. 437). A sociedade, também, precisa destes momentos de renovação, posto que:

As instituições sociais não parecem estar ao abrigo desta alternância. Também elas devem ser periodicamente regeneradas e purificadas dos resíduos envenenados que representam a parte nefasta deixada por cada acto realizado para o bem da comunidade (Callois, s/d, p. 434).

Percebemos, com isto, a festa como um momento de total importância para a preservação da ordem social. É nela que se buscam as energias para a continuidade da vida. Sua importância não é apenas de cunho religioso, é, também, de cunho social, econômico, político etc. É, portanto,

o instante de circulação das riquezas, o dos mercados mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas (...) [e] aparece como fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera de seu ser (Callois, s/d, p. 441).

Ao nos voltarmos mais precisamente para seu aspecto religioso, deparamo-nos com seu caráter libertador, transcendente. Se, por um lado, elas se constituem uma ruptura nas obrigações do trabalho, por outro, são *“uma libertação das limitações e das sujeições da condição de homem: é o momento em que se vive o mito, o sonho”* (Callois, s/d, p. 441), e transforma a transgressão em revitalização:

No seu paroxismo, a festa seria uma cerimônia de criação permanente e renovada das crenças figuradas, dramatizadas e representadas ao mesmo tempo, produzindo e reproduzindo a cultura de geração em geração. Os mitos tornar-se-iam mais preciso e mais ricos no decurso deste “excesso fecundo” (Callois, s/d, p. 443).

A Festa do Divino Espírito Santo reflete e retrata esta perspectiva renovadora e cíclica presente nos estudos a respeito da importância das festividades na sociedade. É sabido que, no catolicismo, a relação entre os homens e Deus é mediada por Santos que têm o poder de, ouvindo os homens, interceder junto a Deus em seu favor, para que se alcancem graças merecidas.

Nas festas do Divino, entretanto, entende os fiéis que o próprio Deus se faz presente e agracia seus fiéis. No contexto das festas, as relações são totais. Márcia Contins (2003), nos esclarece essa relação:

A relação com o Divino Espírito Santo é realizada por meio das festas que acontecem ritualmente todos os anos. A ligação com os cosmos no Catolicismo Popular é pelo chamado “tempo do Império”, “tempo de renovação”, das festas. O tempo é cíclico e construído através de uma visão messiânica do espaço, isto é, no momento da festa estão impondo, pela procissão, o Império do Divino sobre aquele espaço. Estão tomando aquele lugar quando passam rezando em louvor ao “Espírito Santo”. O espaço da rua, normalmente profano, torna-se sagrado quando a procissão passa a ocupá-lo ritualmente (Contins, p. 230).

Nas comunidades do médio-Tietê, este ritual de passagem tem seu ápice a partir do momento em que, finda a romaria, os dias e as noites em trânsito pelo médio-Tietê, os Irmãos do Divino celebram a missão cumprida. Chega, então, o grande dia da Festa do Divino, em que todos se reúnem para celebrar a comunhão com a Santíssima Trindade.

O sentimento do povo se confunde com graça e glória, durante todo o período dos festejos, cafés, almoços e pousos da romaria, que tem seu ápice na festa do Divino, em que todos se confraternizam e celebram as graças recebidas.

Na festa, o sagrado e o profano se consubstanciam em alegria. Assim, segundo Brandão (1978) a festa é:

Um acontecimento coletivo que oscila entre as fronteiras do religioso e do folclórico, trabalhando, quase sempre, em um território na verdade comum e pouco diferenciado em que se mistura o que veio da igreja com o que foi trazido pelo povo (Brandão, p. 49).

A parcela do povo nesta mistura se dá pela via da confraternização e da partilha de experiências, que são trocadas durante todo o período de romarias e de festas. É, também, na formação dos grupos de romeiros, na delegação de funções, cargos e deveres que se consolida a estrutura de organização social dos grupos, numa primeira instância, e da sociedade como um todo, numa segunda instância.

Passemos, então, a etnografia da festa aqui retratada, primeiramente, com um destaque especial aos momentos que antecedem a festa do Divino propriamente dita, também conhecida como festa da Irmandade do Divino, sem, contudo, se esquecer de alguns momentos marcantes das seqüências de eventos religiosos constitutivos das homenagens ao Divino Espírito Santo nas festividades, promovidas pelas Irmandades, como a Folia do Divino, o Encontro das Canoas e o ritual dos Amortalhados, também conhecido como ritual das promessas. Além de enriquecer a caminhada, esses momentos aumentam a visibilidade dos romeiros e contribuem para a sua aceitação nas populações das fazendas, sítos, bairros rurais e cidades visitadas durante seu percurso de adoração e fé ao Divino.

3.1 A origem da festa do Divino

Para Mello Moraes Filho (1979), a festa do Divino Espírito Santo surgiu na Europa Medieval, durante os séculos XIII e XIV. Segundo o autor, na cidade de Alenquer, a rainha Santa Isabel,⁶³ esposa de D. Dinis, àquela época se reunia com o povo para festejar o Espírito Santo.

Durante o século XV, segundo Edvalson Bezerra da Silva (2001), a festa do Divino, adotada pela realeza de Portugal, se espalhou pelo mundo, chegando ao arquipélago dos Açores, conjunto de ilhas do Oceano Atlântico, colonizado pelos portugueses. No Brasil, incorpora-se a cultura nacional e constituindo-se elemento indispensável nas comemorações populares do ciclo da ressurreição.

Isso decorre da origem bíblica, de celebração da colheita, e da matriz cultural portuguesa ou, mais especificamente, açoriana. Nos Açores, a festa inclui o pagamento de promessas, de forma a inverter a lógica. Se foi solidão a razão da promessa se paga com a alegria em grupo. Se foi dificuldade de qualquer ordem, o pagamento é uma festa de abundância. É uma forma de apagar, da memória dos homens, a lembrança da dificuldade sentida (Bezerra, p. 78).

⁶³ Isabel de Aragão, esposa do rei Dom Dinis, rainha de Portugal e Santa católica, nasceu em Barcelona ou mais provavelmente em Saragoça, em 1271. Aos 14 anos casou-se com o rei de Portugal, Dom Dinis. Muito religiosa, dedicava-se à oração e à caridade, tendo por hábito reunir os pobres das localidades vizinhas para lavar-lhes os pés, vesti-los e alimentá-los. Mello Moraes (1979) ilumina as nossas reflexões sobre a origem da tradição festiva do Divino Espírito Santo ao destacar que os antigos cronistas portugueses dizem ter sido a festa do Divino, instituída pelo rei Dom Dinis e a rainha Isabel, em Alenquer, no século XIII. De acordo com a literatura portuguesa, naquele tempo, Portugal passava por uma longa crise e sobreveio ao país uma terrível epidemia. Para reerguer o seu reino, a rainha Isabel teria feito uma promessa ao Divino Espírito Santo, passando o seu cetro e a coroa para o Divino reinar, instituindo-lhe solenidades exteriores por todo o reino, na ocasião da festa de Pentecostes. Assim que a crise terminou, a rainha voltou para o palácio e festejou o dia de Pentecostes com a população. Houve farta distribuição de comida a todos os pobres. Entre os seus milagres, conta-se que as moedas de ouro que carregava para serem oferecidas aos pobres transformaram-se em pétalas de rosas quando foi surpreendida pelo marido, que não aprovava a generosidade da esposa. Outra versão, da forte piedade atribuída à Santa Isabel é que, as homenagens ao Espírito Santo, podem estar ligadas à figura lendária de Carlos Magno a quem, os reis católicos Dom Dinis e rainha santa Isabel tinham gratidão, por ter sido ele o protagonista da reconquista da Ibéria Ocidental consequência da criação do Estado Português e do reino sob a dinastia de Borgonha, da qual, eram herdeiros. Com a morte do marido, Isabel recolheu-se ao convento de Santa Clara, em Coimbra, junto ao qual mandou construir um hospital para os pobres. Em 4 de julho de 1336, veio a falecer e, em 5 de maio de 1625, foi canonizada pelo Papa Urbano II.

Ainda a respeito das origens da festa do Divino, encontramos em Bezerra (2001) a informação de que:

A origem mais remota da festa ocorre quando Moisés liderou o povo hebreu na fuga do Egito. Ela é citada na Bíblia como a festividade da colheita, quando todos repartiam os alimentos colhidos. Posteriormente, surge na materialização do Espírito Santo em forma de pomba, no batismo de Cristo, símbolo mantido na tradição da festa. A manifestação de Deus aos apóstolos, no domingo de Pentecostes, marca o dia da comemoração no mundo Cristão 50 dias após a Páscoa (Bezerra, p. 78).

Carlos Rodrigues Brandão (1989), enfatiza que uma das características marcantes das festas do Divino Espírito Santo, na tradição portuguesa, ou mais especificamente na açoriana, era a abundância de comida, a ser oferecida aos participantes no dia da solenidade.

Como em algumas festas mais tradicionais do Divino, preserva-se o costume herdado da Idade Média portuguesa de uma distribuição farta e generosa de comida a todos os presentes, completa-se o ciclo dos gestos, de sorte que uma festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer. Enfim, de festar (Brandão, p. 13).

Em seu livro *Cavalcadas de Pirenópolis* (1974), Brandão diz que, nas cidades brasileiras, o Divino Espírito Santo é celebrado com muita pompa, pois, para que a festa seja inesquecível, “é preciso, que seja comemorada com estouros de rojões, fogos de artifícios, muita comida, procissões, cantos e danças”. O autor afirma, ainda, que a festa do Divino é como um grande diálogo com o criador, através da música, da dança, dos cânticos, das orações, da

ingestão da comida e do beberete em quase todos os recantos do país, em conformidade às situações peculiares de cada região. No caso da cidade de Pirenópolis, em Goiás, a festa do Divino Espírito Santo combina doze dias de rituais religiosos com rituais profanos, criando situações diversas que dividem entre ritos católicos, rituais tradicionalmente chamados de folguedos folclóricos e, finalmente, eventos como competições esportivas.

De acordo com a observação de autores como Brandão (1974), Mello Moraes Filho (1979), Zaluar (1983), Abreu (1999), Amaral (2003) entre outros, a festa do Divino teve uma posição de primazia no sudeste do Brasil, especialmente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e ganhou, segundo Brandão, um significado muito especial, principalmente no interior do país, com pequenas variações na ritualística. Esse autor revela que, no começo, era uma tradição de grandes cidades, a começar pelo Rio de Janeiro, ao passo que, atualmente, é uma festa típica de pequenas cidades do interior e do litoral de todo o Brasil.⁶⁴

O escritor e historiador Azzi (1998) salienta, que, em consonância com o costume herdado de Portugal, o primeiro aspecto a ser ressaltado na celebração popular da festa do Espírito Santo é a sua raiz agrária. Em suas observações, aponta que a festa mantinha, em Portugal, vinculação direta com a economia rural e que o encarregado da festa do Divino ostentava o nome de imperador. Diz ele:

É tradição da teologia católica, que, após o reinado de Jesus Cristo sobre a terra, começaria uma nova etapa histórica: a era da

⁶⁴ Sobre as origens das Festas do Divino vide também Márcia Contins (2003) que diz: “As Festas do Divino Espírito Santo no Brasil, tiveram início com a imigração açoriana no sul. No entanto, registra-se a presença dessas festas no século XVIII na cidade do Rio de Janeiro. A festa do Divino Espírito Santo é móvel e relaciona-se ao dia de Pentecostes, que acontece sempre 50 dias depois do domingo Páscoa. Durante a quaresma até o dia de Pentecostes e mesmo depois disso realizam-se as comemorações ao Divino” (Contins, p. 223).

igreja sob a proteção do Espírito Santo. A aliança da igreja com os imperadores romanos convertidos facilitou a idéia de que o império do Espírito Santo sucederia o reinado de Cristo. Tal pensamento surgiu em conseqüência da aliança da igreja com os imperadores romanos, a partir de Constantino, no século IV. Desde então, começou-se a falar em império cristão, e os imperadores na Idade Média foram considerados protetores da Igreja. Com freqüência, esses passaram a atribuir o exercício de sua função a uma graça divina ou a um dom do Espírito Santo (Azzi, 1998, p. 230).

Os Imperadores do Divino são muito respeitados pelos membros das comunidades.⁶⁵ Pelas reflexões de Azzi (1998) depreende-se que, nas comunidades luso-brasileiras, as festas do Divino se organizavam anualmente como se fossem um pequeno Império do Espírito Santo. Nestes momentos, é freqüentemente perceptível a tradição que remete às origens da festa, posto que os imperadores das festas portuguesas e brasileiras mantêm suas semelhanças. Aponta Azzi, inspirado em Brandão (1974), que, em geral,

“ambos são membros da comunidade e geralmente são pessoas que pedem auxílio ao Espírito Santo, posto que a função de imperador não é sinônima de benesses, mas de trabalho. Ele deve zelar para que tudo corra bem na festa e que nada falte” (Azzi, 1998, p. 231).

Para este pesquisador, a designação de imperador conferia à pessoa prestígio social, mas lhe exigia boa conduta no exercício de seu cargo, para que o seu poder fosse legitimado. Assim, é necessário que o imperador (festeiro) seja

⁶⁵ Este respeito, na perspectiva de Mello Moraes Filho (1979, p. 43) levou “José Bonifácio preferir o título de “Imperador” ao de Rei por aquele ser mais conhecido e amado pelo Povo, no hábito de imperador do Divino. Essa é a razão de Dom Pedro I ter sido Imperador e não Rei do Brasil”.

consciente de suas responsabilidades com a sociedade, com o seu grupo e que exerça suas funções com altruísmo.

Os festeiros desempenham através da incumbência uma forma de propaganda de si; é enfim, o desejo de assumir uma liderança na comunidade, temporária, é certo, mas que lhes dá projeção. Embora o festeiro (imperador do Divino) ganhe status social, é lhe vedado tirar lucros materiais da festa (Azzi, pp. 230-231).

Sob a designação de coroados, identifiquei, em Anhembi, Imperadores do Divino (festeiros), cuja função é se encarregar de propiciar uma boa festa, coordenando os esforços para conseguir os fundos necessários e os trabalhos do momento da sua realização. A função dos festeiros é, também, proporcionar uma festa animada, na qual se expressem a comunhão do povo com o Divino. Nas cerimônias importantes dos dias de festa, constatei que eles são representados por um casal de crianças, simbolizando as raízes da tradição. O casal participa da missa, no sábado do encontro das canoas, da procissão da tarde, bem como da missa dominical e da procissão de encerramento.

Em minhas observações, porém, não encontrei em Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, a ênfase apontada por Brandão (1974), no que se refere à esfera de coordenação da festa. Na perspectiva do autor, há um destaque especial para a importância da figura do imperador na festa do Divino de Pirenópolis:

O cargo mais importante tem sido o do imperador do Divino, que é sempre sujeito de honrarias especiais desde quando é eleito no ano anterior, até quando passa a coroa à cabeça de um novo Imperador. Ele coordena tanto os esforços por conseguir fundos para a Festa, como os trabalhos imediatos de sua realização.

Finalmente, deve arcar com a porção maior de dinheiro e dedicação para o sucesso da festa (Brandão, p. 74).

Sobre este aspecto, é útil lembrar que, nas festas do Divino, o culto ao Divino Espírito Santo é realizado através de alguns símbolos evocativos de sua presença como o fogo e a pomba, além da Bandeira do Divino. Uma vez que a “Irmandade” é um sinal de que a comunidade está protegida pelo Divino, a Bandeira – símbolo do Divino – recebe, com freqüência, um culto especial.

As pessoas da cidade esperam maiores favores do Espírito Santo, ou se obrigam a prestar mais culto individual a ele colocando-se de joelhos e beijando a fita que pende da coroa do Divino em casa do Imperador (Brandão, 1974, p. 74).

Vemos, com isto, que as manifestações da cultura popular, como o culto popular ao Divino Espírito Santo, transcende as barreiras do povo simples para adentrar os meios mais elitizados como o econômico, o político, o religioso e o estético no processo de transformação e continuidade da cultura popular. No caso analisado, não encontramos a possibilidade de utilizar a idéia da festa como “*fuga da temporalidade do cotidiano*”.⁶⁶ Acreditamos como Canclini que o culto ao Divino “*sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças*” (1983, p. 54), por estar vinculado à vida comum do povo. Porém, entendemos também, que o culto popular do Divino Espírito Santo atualiza um

⁶⁶ Canclini (1983, p. 129) com propriedade enfatiza que, “as festas não falam do Grande Tempo sagrado, nem dos mistérios religiosos, mas do plantio, da colheita e das chuvas, das necessidades comuns da alimentação e da saúde, da ordem que organiza os seus hábitos e suas esperanças”. Para o autor as festas são feitas “para manter esta ordem, restaurá-la ou para ressituaem-se no interior de uma ordem nova, conforme a descobrem, primeiramente, em suas práticas econômicas: o crescimento ou o declínio dos produtos da terra, a venda do artesanato, o desemprego, a migração. Fazem-na também para consolidar as relações afetivas comunitárias, o pertencimento à comunidade dos que partiram e regressam para celebrar”.

poder simbólico e cultural da localidade e chama a atenção de outras searas da comunidade regional que ciclicamente, perduram:

A festa é uma viagem: vai-se a ela e alí transita-se entre seus lugares. Por isso o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo o mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine: sujeitos, cerimônias e símbolos (Brandão, 1989, p.13).

As festas constituem-se momentos de alegria e descontração e, concomitantemente produzem uma reiteração das crenças, das atitudes benéficas da população e de reafirmação de sua história, *“como um momento no qual a sociedade sai de si mesmo, escapa a sua própria definição”*, haja vista que:

“o cerimonial comemorativo apenas aparece no momento em que as civilizações ou as sociedades se encontram suficientemente bem constituídas para saberem o que adquiriram e, por conseqüência, para se definirem em função de um passado” (Duvigneaud, s/d, p. 443).

Assim, a Irmandade do Divino Espírito Santo se faz não apenas com os efetivos irmãos, aqueles que se uniformizam para dar cabo de suas obrigações religiosas e culturais, mas com toda a população envolvida. É, esta a essência da palavra Irmandade e a sua festa, o seu momento de maior união.

3.2 A festa do Divino do médio-Tietê

Nas viagens e festas de que participei durante a pesquisa, percorri as estradas líquidas e secas, por onde caminham as Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas e conheci festas, romeiros e

festeiros do Divino. Nelas, colhi memórias de entrevistados e vivenciei lembranças do meu próprio passado.

Conheci Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas como morador da região e como pesquisador. Em alguns momentos, cheguei a ver realidades diferentes como morador e como pesquisador. Aqui falo da festa como pesquisador participante. Sob esta perspectiva, trato de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, cidades que mantêm a tradição graças à abnegação dos integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, que desempenham um papel crucial em todo processo da realização das festas, revelando, com seus rituais próprios, fé e alegria singulares aos valores cristãos. É o que acontece no ritual do “Encontro das Canoas”, nas águas do rio Tietê, e no dos “Amortalhados”, com a mesma essência dos rituais da Igreja Católica. Estes dois rituais presentes nas festas do Divino da região marcam a sua especificidade, pois não são encontrados em outras festas do Divino em nenhum outro local do Brasil.

O estudo descrito por Brandão (1974) representa a origem enquanto modelo de festa, ou seja, ela se desloca horizontalmente por entre partes religiosas, profanas e marginais e, verticalmente, através de eventos: situações, formas e símbolos. O estudo realizado por mim trata das transformações por que passam as Irmandades e as festas do Divino, além de mostrar as releituras dos laços de dependência com a tradição. Os seguidores das Irmandades do Divino do médio-Tietê aboliram, por exemplo, o sorteio, a coroação e a procissão do imperador, as cavalhadas, as danças etc.

Neste contexto de ritual local, percebe-se que a festa é corpo e é espírito, isto é, uma relação complementar e hierárquica com o Divino. Os devotos

experimentam um sentido transformado de comunhão capaz de congregar e unir pessoas em propósito comum, partilhado, e penetrar num mundo, no qual o tempo e o espaço histórico são qualificados e (re) significados pelo tempo e espaço sagrados. Diria como Gonçalves (2001) que é “o Senhor Espírito Santo” que fala através do ritual, na festa. A Bandeira do Divino Espírito Santo, nesse contexto ritual local, é a própria “*presença mesma*” do Espírito Santo com seus poderes e virtudes.

Como acontece todo ano, as manifestações de apreço ao Divino Espírito Santo, nestas cidades do interior paulista, comovem multidões. A festa que reverencia o Divino é um fenômeno que atrai fiéis de vários pontos da região e do Estado, para uma relação próxima com o imaginário do Divino, através das práticas culturais e religiosas das Irmandades. Neste sentido,

“o carácter perecível e momentâneo da festa não é uma prova de fraqueza e de sua insignificância, mas o testemunho de uma intensa experiência que a sua própria intensidade destrói” (Callois, s/d, p. 449).

A festa do Divino de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas mobiliza a cidade, a zona rural, os bairros, as vilas e as cidades da região. A pesquisa mostrou que as pessoas da zona rural da região são as mais envolvidas com os festejos. Orgulham-se em conservar e colocar em exposição, uma vez por ano, fragmentos de sua cultura tradicional. Para os entrevistados, a festa é um acontecimento social que vai além de seus aspectos religiosos e profanos previstos no “Programa Oficial”. Nos dias da festa, há uma verdadeira transgressão das normas tradicionais para a região. Eventos e situações como:

comércio de produtos de festas, festival de (músicas e bebidas) e espetáculos como rodeio de touros e cavalos tornam-se cada vez mais presentes.⁶⁷



O povo celebra o Divino. Foto: Azair Lopes de Carvalho

Em sua estrutura, as festas do Divino Espírito Santo do médio-Tietê se desdobram em duas partes: os nove dias iniciais (predominância religiosa e área de alvoradas e novenas); e os três dias finais (divisão entre eventos religiosos, recreativos/profanos, área de missa, procissões e representações).

O relato de Brandão (1974), sobre a festa do Divino de Pirenópolis e a organização de seus eventos em três modalidades: religiosos, profanos e marginais, levou-me a perceber que em Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, a festa do Divino se divide em quatro eventos importantes, a saber: religioso (vínculo com a igreja), profano, marginal e religioso (vínculo com as Irmandades). São elas, Irmandades, que motivam os fiéis e dão sustentação à estrutura da festa do Divino. Em nossa perspectiva, elas tornaram-se o principal elemento

⁶⁷ Uma lembrança importante é narrada pelo depoimento de Dona Lázara, zeladora da igreja de Anhembi que lembrou da necessidade de segurança especial para evitar roubo do dinheiro arrecadado na festa, devido o grande vulto que a mesma se tornou ultimamente atraindo milhares de romeiros.

estrutural dessa festa do catolicismo, uma vez que são as patrocinadoras da ocorrência local.

As festas religiosas, em geral, rompem com o cotidiano e estabelecem um novo tempo para a comunidade.⁶⁸ Elas se dividem em interna e externa. As internas, em que os fiéis sentem-se mais à vontade, ocorrem no interior da comunidade, espaço consagrado pelos antepassados. São as festas das famílias, da paróquia, da igreja. As externas, como as festas do Divino patrocinadas pelas Irmandades do médio-Tietê, realizam-se com saídas em cortejo (romarias), momentos nos quais os Irmãos do Divino comunicam-se com a sociedade por meio de rituais entre cafés, almoços e pousos.

Na área de “eventos marginais”⁶⁹ da festa do Divino, associam-se, ainda, de acordo com esse autor, o festival de bebidas, o comércio de diversões, o comércio transitório (barracas nas ruas dedicadas à venda de alimentos, bebidas e de produtos de fácil consumo), jogos de azar e outros que não correspondem à “ordem” de outras situações da área profana como: alvoradas com banda de música, apresentação de cavalhadas, danças, folias e teatro.

Já o cerne dos acontecimentos festivos de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas mantêm os aspectos mais tradicionais. Em um mesmo dia, fazem-se as missas festivas, a procissão, ladainhas e filas para beijar a Bandeira do Divino e o padroeiro. Ao mesmo tempo, em torno das Irmandades, acontece o “*Encontro das canoas*”, as “*promessas dos amortalhados*”, alvoradas de trabucos e banda de

⁶⁸ A respeito vide Eliade em O Mito do Eterno Retorno: Arquétipos e repetição (1992).

⁶⁹ Ver com maiores detalhes em Brandão (1974), como a Festa do Divino se organiza em Pirenópolis, onde o autor faz uma relação dos eventos que compõem os vários momentos dos dias de festa do Divino Espírito Santo.

música, queimas de fogos de artifícios e rojões, o levantamento de mastro e a missa campal em frente à Igreja matriz.

Para a realização desses eventos, os Irmãos do Divino contam com a participação de toda a população da região. Muitos fiéis vêm dos sítios, fazendas e cidades da vizinhança e, quando chegam, se aglomeram na praça da matriz, na Casa do Divino e nas ruas da cidade, onde sempre há uma feira com dezenas de barracas e as mais variadas mercadorias. Diferindo das “atividades marginais”, identifiquei, em Anhembi, um “comércio oficial” que se forma vendendo artigos religiosos ligados à devoção, para atender aos fiéis.⁷⁰ Além disso, pude, na Casa do Divino, presenciar a distribuição gratuita de doces caseiros como: abóbora, batata, mamão etc. para todos que lá se apresentassem. Acredita-se que esses doces garantirão a constante presença do Divino na vida das pessoas, que o provarem, pois serão agraciados com paz, amizade e solidariedade. Não me furtei, evidentemente, de deles provar.

Em Anhembi o “*Encontro das Canoas*” é um marco da solenidade, que acontece no sábado da festa, véspera do dia em que a Igreja Católica comemora o Pentecostes. Esse ritual é o momento mais esperado da festa. Por volta das cinco horas da tarde, um barco deve descer o rio Tietê ao encontro do outro, que está subindo. Quando os dois barcos se encontram no meio do rio, há intenso foguetório, o povo que assiste ao espetáculo no barranco aplaude e grita, a banda toca e soltam-se dezenas de pombas. Muitos fiéis jogam moedas na água, lavam o rosto e acendem velas para o Divino. Assim, todo ano, o povo caipira valoriza sua fé no Divino e o seu sentimento sagrado e religioso. “*É momento de fazer*

⁷⁰ Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Alberto (2003) traçam um perfil detalhado do comércio ligado a romaria e peregrinações.

pedidos ou agradecer as graças alcançadas”, afirma o entrevistado Geraldo Cunha, morador e prefeito da cidade na época da pesquisa.



No leito do rio o encontro dos barcos. Foto: Ozair Lopes de Carvalho

Esse importante evento festivo de louvor ao Espírito Santo ocorre quatro dias após a volta da viagem, quando há o desembarque da Irmandade de Anhembi. Nesse dia, sempre aos sábados, pela manhã logo cedo, trabucos e morteiros anunciam a alvorada. Há missa na matriz, às dez horas. O povo, em fila, passa para reverenciar a Bandeira do Divino, beijando-a, amarrando-lhe fitas ou fotografias. A partir do almoço, começam a chegar os irmãos que vão participar do encontro. Todos estão uniformizados. Vestem roupas brancas com cinto, punhos e golas vermelhas; na cabeça, um barrete azul com uma pombinha bordada e/ou pintada. É um acontecimento que mistura religião e divertimento, que se integra às festividades do calendário oficial da Igreja Católica, respeitando o tempo do sagrado ditado pela igreja e pela sociedade abrangente, e reafirma a relação histórica que os Irmãos do Divino mantêm com a Igreja Católica. O tempo da cultura popular, segundo ensina Alfredo Bosi (1987) é cíclico. Diz ele:

“Assim é vivido em áreas rurais mais antigas, em pequenas cidades marginais e em algumas zonas pobres, mas socialmente estáveis, de cidades maiores. O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor” (Bosi, p.11).

Nos dias dedicados às festas do Divino da região do médio-Tietê, entre os meses de maio e julho, os rituais das Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi e de Laranjal Paulistas acontecem nas casas, nos barracões, na igreja, nas ruas, nas praças e no leito do rio Tietê. Estes ambientes tornam-se espaços de manifestação dos valores éticos e morais que dão sentido à vida da comunidade.

Durante todo o período em que acompanhei a vida das Irmandades, percebi que a festa do Divino é um momento que produz emoções nos homens, mulheres e crianças. Os admiradores das Irmandades do Divino estão perpetuando uma história que não deve ser esquecida, uma história vivida pelos antepassados e que, segundo eles, deve ser transmitida para toda a comunidade.

Por meio, destas festas religiosas, o povo da região partilha valores e pertencas que balizam os perfis morais e orientam a aquisição de bens materiais. Nas festividades, os ritos e os mitos se imbricam: material e sobrenatural tornam-se faces de uma mesma moeda, que se fundem e passam a fazer parte da sociabilidade e da solidariedade propiciada pela convivência no tempo de festa, estabelecendo regras e normas de convívio.

A respeito da intensa ligação entre mitos e ritos associados às forças sociais, Durkheim (1989) e Mauss (2003) afirmam que uma sociedade não se reproduz somente porque os indivíduos se relacionam e pensam o mundo, mas

porque seu movimento e dinamismo derivam da eficácia de forças sociais ativas. Estas forças, segundo os autores, estão ligadas aos ritos e mitos cotidianos, à dinâmica que cada grupo imprime ao viver. A religião foi uma das formas de sociabilidade encontrada pelos seguidores das Irmandades do Divino, para sobreviver e manter a família e o povo católico reunidos. Assinale-se que a categoria família desempenha um papel crucial em todo processo da romaria e da festa. Os caipiras participam desses eventos, enquanto membros de famílias e redes de parentes, de vizinhos, amigos, nunca como indivíduos isolados.

Todo o conjunto dos eventos festivos aqui apresentados parece centrado na ajuda mútua e na sociabilidade caipira, tão bem trabalhada por Antônio Cândido (1982) que trata dos meios de vidas do caipira paulista, revelando a força da religiosidade caipira como fator de sociabilidade. Aponta Cândido:

Havia no último quartel do século XIX um sitiante, na margem oriental do rio do Peixe, que muito atacado por sezões, fez promessa a São Roque de erigir-lhe uma capelinha de tábuas do outro lado do rio e promover anualmente a sua festa. Como tivesse poucos recursos, acabou no fim de alguns anos, por pedir a um sitiante mais abonado desta banda que desse andamento a promessa em seu lugar. Esse aceitou a transferência do encargo e fez a capela em terra sua, de que doou ao santo um pedaço, logo acrescido de três alqueires doados por um vizinho (Cândido, pp. 71-72).

Dar, receber e retribuir são normas alicerçadas no que Mauss analisou como o princípio da reciprocidade, em seu Ensaio sobre a Dádiva (2003), que se fazem presentes nas comunidades estudadas. Além disso, e sob esta mesma perspectiva, em Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas reúnem-se pessoas que pedem, ao Divino, proteção e saúde, o que, pode significar a esperança de que a

reciprocidade se realize, ou seja, assim o fiel legitima as práticas festivas da Irmandade e reforça a fé no Divino e, como resposta de reciprocidade, espera, do Divino e da Irmandade, soluções para os seus problemas, geralmente ligados à saúde.

3.3 - A Folia do Divino

Com o progressivo desaparecimento das doenças do campo (tifo, maleita, sezão, febre amarela), os violeiros, cantadores, fazedores de versos, inventores de trovas e repentistas uniram-se aos Irmãos do Divino, para continuar a caminhada com o Divino Espírito Santo, como um meio de salvaguardar, para sempre, a graça do milagre alcançado, especialmente, o fim da febre amarela.

Os dados da pesquisa demonstram que, no entender do povo caipira, a oralidade transmitida, através do canto de louvor ao Divino Espírito Santo representa um recurso para suportar os desastres e os perigos que entram na vida de cada indivíduo e da coletividade. Na música dos violeiros e cantadores, reafirmam-se convicções pela vitória e poder do Divino. Os cânticos dos foliões aspiram o paraíso, outra forma dos moradores do médio-Tietê de reconhecer as Irmandades do Divino Espírito Santo, como uma instituição religiosa que lhes transmite confiança. A força do Divino é sentida pelo som da música, pela batida do tambor, pelo dedilhar da viola e pelo toque do ferrinho (triângulo), que idealizam a transformação do caos em cosmo.⁷¹

⁷¹ Elíade, Mircéia em *O Sagrado e o Profano* (s/d) trata a capacidade dos povos tradicionais transformarem o caos simbolicamente em cosmos mediante uma repetição ritual da cosmogonia, onde o sagrado fixa os limites e, por conseguinte, estabelece a ordem cósmica.

O ciclo do culto ao Divino Espírito Santo, conduzido desde a Derrubada das Canoas, completa-se na festa com as canções da folia, reveladora da alegria de uma proximidade do homem com Deus, apresentando um conhecimento sobre o mistério da Santíssima Trindade em três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo), mas um só Deus. No culto, a música e o canto dos irmãos demonstram o desejo de participar da mesma comunhão que une esses três seres divinos, comunhão que se manifesta nas chegadas e saídas dos pousos, almoços e cafés e no dia da festa. A música da folia do Divino do médio-Tietê assemelha-se com as cantigas da festa do Divino do Rio de Janeiro do século XIX, pois integram orações e cantos. Conforme descreve Marta de Abreu (1999): *“Cantigas são expressões de íntima relação dos homens com o Sagrado, revelando uma aproximação entre as coisas humanas (comidas, pães e bebidas) e as divinas”* (Abreu, p. 77).

Joseph Luyten, in: Alfredo Bosi (1987) descreve que os músicos do Divino Espírito Santo do médio-Tietê trazem, na bagagem, uma história de seguimentos musicais da cultura paulista, relacionados com o desafio e o repentismo. Segundo o autor, de uma forma diferente das verificadas em modalidades folclóricas que apresentam desafios como acontece no fandango, no samba, no batuque, na cana verde, no jongo, no calango e no cururu. As primeiras conseqüências que impõem as descrições e interpretações das festas do Divino são os reconhecimentos da abundância simbólica inerente a todo poder das artes de cunho religioso, apresentado nos diversos fenômenos culturais como: danças, cantorias e versejar. Na poesia roceira paulista, as orações cantadas em versos dos foliões do Divino, apesar da receita musical ser a mesma das modalidades que apresentam desafios, são resultado de uma perfeita sintonia entre a arte e a

crença, cujo intuito é louvar e de evocar a Deus e seus desígnios. Como afirma Brandão (1978):

Um acontecimento coletivo que oscila entre as fronteiras do religioso e do folclórico, trabalhando, quase sempre, em um território na verdade comum e pouco diferenciado em que se mistura o que veio da Igreja com o que foi trazido pelo povo (Brandão, p. 49).

Assim, percebem-se os elementos de constituição do poder da festa como possibilidade de acesso tanto à força das instituições (Igreja/Irmandade), quanto à forças dos símbolos e das imagens ligadas ao culto do Divino Espírito Santo. Por outras palavras, os trabalhos dos foliões do Divino, durante as romarias e festas, produzem as interfaces entre os perfis particulares da arte e da crença caipira, especialmente, no que tange aos segredos da poesia popular, do canto, da música, da consistência artística e do sentimento religioso, passados de geração para geração, de pais para filhos e de mestres para discípulos ao viverem, de um lado, a experiência "imaginária da fé" e, de outro, o universo social do cotidiano.⁷² Nos momentos de festas, os devotos cantam e celebram a força da magia e do uso de um vasto conjunto de símbolos e códigos para obter a proteção de Deus.

Os louvores e cânticos ao Divino, geralmente apresentados sob a forma de quadras, expressam o sentimento de poder e temor religioso de toda a coletividade, ou seja, um ato de fé no Divino Espírito Santo e seus símbolos: a Bandeira vermelha e a Pombinha branca. Na romaria desenvolvida com particular exuberância, a produção simbólica e ritual multiplica-se a cada visita do Divino. É

⁷² Joseph M. Luytem comenta que o cancionário paulista é irremediavelmente ligado às manifestações de cunho religioso e diz que: "*Não se pode conceber a poesia popular paulista sem a presença, embora nem sempre exclusiva do espírito religioso*" (apud Bosi, 1987, p. 80).

a folia que busca acertar o “compasso da viola” para evocar o Espírito Santo e suas imbricações do poder e do sagrado.

Como mencionei no capítulo dois, durante a viagem, nas pousadas, almoços e cafés, os foliões saúdam o rico encontro do Divino Espírito Santo e as imagens de santos preferidos das comunidades. Saúdam os festeiros, a família e as pessoas convidadas e agradecem as pousadas, os almoços e os cafés, cantando a despedida em nome da Irmandade, para voltarem no ano que vem e se encontrar na festa.



Cantores mirins e o cântico dos pedidos. Foto: Luiz N. Almeida

Observei que nos cafés, almoços e pousos, pessoas da família anfitriã e mesmo os visitantes ficam com os olhos marejados, levados pelas orações cantadas da folia mirim. Eliza Gomes Rocha, entrevistada, comenta:

Toda vez que vejo os dois meninos cantar, lembro de meu pai, que passou a vida toda caminhando com o Divino. Não dá para não chorar, quando ouço os foliões. Fico muito emocionada, sinto muita saudade dele.

Na folia do Divino, cada criança faz uma voz, um entoa a primeira e o outro a segunda tonalidade, sempre acompanhada da viola que é dedilhada pelo violeiro adulto que ajuda no baixão (segunda voz). “*Eles são muitos afinados*”, diz a professora Eliza.

É interessante acrescentar que os músicos da folia do Divino do médio-Tietê, com sua linguagem musical própria, ocupam um papel relevante nas romarias e festas, ajudam a orquestrar o consenso religioso das comunidades locais, como forma de preservação da identidade cultural, comprometida com o catolicismo. As orações cantadas a Deus fazem chegar, aos moradores, os preceitos da Igreja Católica, princípio diretor que rege a vida das pessoas das cidades e do campo em suas cosmologias.

As folias do Divino das cidades de Anhembi e Conchas, por exemplo, são compostas de dois mestres (violeiros), a de Laranjal Paulista, de um mestre que ordena todo o cantório dos músicos mirins (foliõesinhos). Em Anhembi, conheci os jovens Gilberto e Gilmar, dois irmãos (gêmeos), aprendizes do velho irmão Benedito Claudino de Moraes, o Dito Cipó, que atua como puxador de terços e contra-mestre (primeira voz) na folia da Irmandade de São João de Conchas. Os moços, segundo os moradores, são excelentes cantadores de moda caipira e exímios tocadores de viola e violão, instrumentos que sustentam a prática religiosa das Irmandades do Divino. Os entrevistados fazem questão de afirmar que a viola é o instrumento condutor do canto tocado pelo mestre. Os toques do tambor unidos ao som do ferrinho (triângulo) e da viola, são marcados por um toque muito próprio. Esses instrumentos servem para todo o “canturio” dos dois meninos e do mestre, afirma Dito Cipó. Para ele, os moços cantam com categoria.

Aqui, procuro realçar certos aspectos antropológicos da produção musical da folia do Divino, porque acredito que a sua prática musical envolve uma íntima relação, que legitima do poder sócio histórico do imaginário presente na festa do Divino, e revela uma aproximação com as coisas materiais, representadas pelas comidas, pães e bebidas. Para o pesquisador que observa o modo simples de cantar louvações (preces cantadas), é nítido que esta prática toca os corações dos fiéis com a pureza de uma fé, transmitida pelos recursos das dramatizações sociais, associadas ao imaginário e à eficácia simbólica, o que se completa pela cumplicidade e pelo consumo religioso estabelecido entre todos.

Na busca pelas histórias das folias do Divino, identifiquei que as turmas das folias do Divino de Anhembi e Conchas carregam a história musical do fundador da Irmandade do bairro rural de São João de Conchas, o sempre lembrado Avelino Alves, que ensinou o Irmão do Divino, Venâncio Teixeira da Cruz, os segredos de conduzir as músicas, tocar instrumentos de cordas, cantar, benzer e puxar rezas de terços cantados. Tais segredos, dizem os moradores e os cantadores da Irmandade de Conchas, estão atualmente sob a responsabilidade dos irmãos Nilvo Camalioni (diretor), Antenor Roque de Lima, Benedito Claudino de Moraes e Antônio Rosa Sobrinho (foliões), todos discípulos de Nhô Venâncio Cruz, que carregou, por mais de 50 anos, a Bandeira do Divino. Muitos irmãos da Irmandade de Anhembi, como Benedito Mariano, João Furtado e Antônio Gomes do Amaral contaram, durante as entrevistas, que foram foliõezinhos do “saudoso” Avelino Alves, quando da sua estadia como folião e diretor da Irmandade de Anhembi, antes de se mudar para o bairro rural dos Aflitos, próximo ao bairro de São João em Conchas.

Segundo os veteranos da Irmandade do Divino de Anhembi e Conchas entrevistados, as letras dos cânticos das duas Irmandades são de autoria de Nhô Avelino Alves, cujos segredos, tanto de benzedura de crianças, quanto de comandar a folia foram-lhe ensinados pelo então mestre Antônio Ambrósio, introdutor das orações cantadas, na Irmandade do Divino Espírito Santo da região. Ainda segundo os entrevistados, Nhô Ambrósio era um velhinho muito piedoso que tocava viola de cocho (quatro cordas), feita de tripa de animais como: bugio, bode ou quati. *“Meu pai dizia que Nhô Ambrósio era um santo homem. Por onde passava, as pessoas ofereciam-lhe comida e pousada. Ele andava descalço, portando uma bandeira do Divino e carregava sua violinha nas costas. O Nhô Avelino, segundo ele, agia da mesma maneira e era muito querido na cidade de Anhembi. Lembro-me da alegria da criançada, quando ele aparecia na cidade. Os irmãos gostavam muito dele. Eu ainda era pequeno, quando ele se desentendeu com o diretor da Irmandade e se mudou para Conchas, onde ergueu a sua Irmandade. Acredito que ele não tinha família. Era um homem solitário”*. Conta João Benedito Furtado.

Quando fui pesquisar a história da Irmandade do Divino Espírito Santo do Sub-distrito de Laras em Laranjal Paulista, obtive dados que mostram que, há anos, a folia do Divino da Capela é comandada pelo experiente violeiro e cururueiro Natalino Martins, condutor e mestre da turminha de foliões do Divino. Em Laranjal Paulista, os pequenos foliões cantam toadas “antigas”, ou seja, versos que lembram as raízes da tradição, para pedir e agradecer o Divino, que são, segundo Julieta de Andrade (1999),

orações musicais de fraseado simples funcionando como música suporte, também de expressão herdada dos trovadores franceses medievais que exprime a fé dos cantores poetas, e através da aceitação coletiva dos assistentes e acompanhantes, a fé do povo (Andrade, p. 171).

Andrade (1999), ao observar os cânticos da folia da Irmandade do Divino da Capela de São Sebastião de Laranjal Paulista, destaca a oração em que à fala dos homens misturam-se as palavras atribuídas, nos séculos XIII e XIV, ao Espírito Santo, com o intuito de motivar a fé dos homens.⁷³

Tais orações, também, são cantadas pelo Irmão do Divino Natalino Martins, que diz ter herdado, do pai, os segredos do repente e da viola e carregar a carga musical dos cururueiros. Mestre na arte de tocar, ele prepara sempre os cantores mirins de sua Irmandade, criando uma linhagem de foliões de notável importância. No período da pesquisa, quando de minha estadia no grupo da Capela de São Sebastião, observei que, das cinco crianças treinadas por Martins até o ano 2002, quatro eram seus próprios netos, segundo ele, “*uma garantia que a tradição será mantida*”.

A disciplina musical é bastante rígida nas Irmandades de Laranjal Paulista, Anhembi e Conchas. Os meninos cantores são cobrados na afinação e na tonalidade de suas vozes. Ao atingirem a adolescência, são substituídos porque

⁷³ Neste contexto, a historiadora Julieta de Andrade abre uma porta importante para o entendimento das origens musicais do povo caipira paulista quando afirma: “Todo o contexto dos versos pode ser inserido nas idéias poéticas-religiosas do século XIII e XIV, em França, Espanha e Portugal, por toda a esteira de ação franciscana, estando o médio-Tietê S.P. também sob influência histórica e atual dos frades de São Francisco. (Andrade, 1992). Acrescenta ainda: “O culto do Divino, de Nossa Senhora e de Jesus (vosso Filho, reis da Glória) é cercado pelo cantar dos Anjos que vem do céu para benzer a morada do anfitrião. Anjos descem com a Virgem Maria para trazer sorte e saúde para a família que recebe o Hóspede Divino. É este quem pede pousadas para os humanos e para Si próprio (um lugarzinho no altar doméstico, entre as demais imagens, para Ele se descansar... Este canto de chegada de Folia é uma oração inocente em que a fala humana mistura com as palavras do Espírito Santo, este em formato de uma Pombinha Branca, símbolo medieval e contemporâneo com o qual São Francisco, o trovador de Deus, continua a conviver, através da ação dos missionários, para motivar a fé dos homens na Terceira Pessoa da Trindade” (Andrade, 1999, p. 171).

suas vozes perdem o tom desejado por conta da inflexão da voz. Todos os anos, os mestres da folia trabalham com uma nova turma de foliões entre sete e dez anos de idade. Na Irmandade de Laranjal Paulista, os integrantes da folia do Divino recebem uma pequena ajuda em dinheiro para cumprirem a tarefa de cantar, tocar e colher óbolos (esmolas), durante a caminhada das Bandeiras, que se estende por quase todo o mês de Julho.

Outro aspecto importante ligado aos festejos do Divino é o momento do “cururu”, entre os seguidores das Irmandades, nas pousadas, após as rezas e o jantar. O “cururu” é uma expressão musical formada por desafio e repente cantado do médio-Tietê.⁷⁴

“Trata-se de um artista improvisador que, cantando, responde pedidos da platéia que viaja para ouvi-lo e manifesta preferência por este e por aquele tema, solicitando nova poesia (cada vez com um tipo de rima) sobre a melodia de composição recente” (Andrade, 1999, p. 167).

Trata-se de uma tradição antiga, que os mais novos já não seguem, conta o cantador de cururu Augusto José de Oliveira (Gusto Belo). Sempre muito atencioso, me cedeu o livro *Cururu: Retratos de uma Tradição* (2003) de Aparecido Garuti (Cido Garoto), onde Carlos Carvalho Cavalheiro abre o prefácio, comentando que o cururu é o desafio cantado do médio-Tietê, cuja base musical serviu por muitos anos para a louvação dos santos, especialmente São João e o Divino Espírito Santo.

⁷⁴ A respeito vide Joseph M. Luyten. In: Alfredo Bosi (1997) e Julieta de Andrade (1999) quando diz: “Ora, o Cururu, de longa tradição religiosa iniciada na França-sul, na Idade Média, caracteriza-se por apresentar sirventes cantadas e improvisadas sobre melodia - suporte. Nascida coreograficamente da carole (frança) ou corola (ocitano), sua expressão poética constitui-se em reinterpretação brasileira atual da arte criada pelos trovadores religiosos de sul de França, vinda via Galiza, Portugal Continental e Açores, na rota franciscana das festas do Divino Espírito Santo”(Andrade, p. 167).

O povo brasileiro, muito devoto e voltado às origens católico-européias, costumava juntar-se durante as noites de festejos e nos pousos das bandeiras (como no caso do Divino), cantando suas ladainhas em devoção aos santos. Surgindo provavelmente como estratégia de catequização dos índios pelos jesuítas, a dança (de coreografia pobre, girando sobre si e em torno do altar) e, a música do cururu atingiu a população mestiça, o mameluco tipicamente paulista, o caipira (apud Garuti, p. 5).

Uns dos momentos mais marcantes que vivenciei, durante a pesquisa com os romeiros do Divino Espírito Santo, foi quando visitei, com a Irmandade de Conchas, o túmulo do folião e cantador de cururu Venâncio Teixeira da Cruz,⁷⁵ em Piracicaba. Naquela oportunidade, os Irmãos do Divino, diante da sua lápide, encomendaram-lhe um terço pela intenção de sua alma, fizeram orações e cânticos para o saudoso companheiro. Nessa passagem por Piracicaba, chamou-me a atenção o acolhimento carinhoso da família Cruz, para com os irmãos, o que se estendeu até nós, não integrantes da Irmandade. Nesse dia, tive a oportunidade de conhecer uma extraordinária representante do povo caipira, Aparecida Andrezza de Paula, Dona Cida, companheira inseparável de Venâncio Cruz, que comandou, por um longo período, a turma do Divino de Anhembi e da cidade de Conchas, tocando, cantando, rezando e benzendo.

⁷⁵ Venâncio Teixeira da Cruz morreu no dia 27/12/95.



Aparecida Andrezza de Paula, Dona Cida. Foto: Luiz N. Almeida

Em certa ocasião, quando de uma visita, para dar continuidade à entrevista com Dona Cida, lembro-me com que orgulho e emoção ela mostrou-me o aposento do esposo, mesmo espaço em que ele fazia suas orações e benzimentos. O cômodo acomodava grande quantidade de objetos sacros, imagens de santos e santas, e muitos pertences relacionados à religião e a música. Todos os objetos eram presentes recebidos pelos serviços graciosamente prestados. Entre as relíquias, uma “Bandeira do Divino” com mais de 50 anos, que carregou, quando serviu diretamente o Espírito Santo, e uma viola que lhe acompanhou por toda a vida. O símbolo do Espírito Santo ocupa um lugar de destaque no altar, muito bem construído, no quarto bem zelado pela família.

Nessa visita, ouvi, com muita atenção, as narrativas tranqüilas de Dona Aparecida, companheira inseparável, com quem Venâncio Cruz formava dupla para tocar e cantar nas festas e bailes da zona rural em Conchas e adjacências. Venâncio Cruz foi casado com ela por 63 anos. Tiveram 15 filhos, 10 deles ainda

vivos, com quem a velha divide a alegria de mais de 40 netos e 20 bisnetos. Dona Cida conta que um deles, Domingos (Mingo), foi consagrado ao Divino, por promessa de cura, quando criança. O casal sempre recorria à ajuda do Divino, para a solução de problemas emergentes na família. Domingos, atualmente, faz parte da caravana da Irmandade de São João de Conchas. Ele reza e canta terços, formando dupla com o irmão José Maria Alves, Zé Maria Preto, que, como já explicitarei anteriormente, reza e canta na Irmandade de Anhembi.

A sabedoria dos noventa e três anos de Dona Cida (em 2006) ensina aos seus amigos mais novos da Irmandade e aos ouvintes, até mesmo quando está em silêncio. Segundo os entrevistados, ela é um testemunho vivo da história e da memória devocional das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê, em que, segundo Domingos, o canto dos Irmãos do Divino é “tão forte” que, mesmo aos olhos dos menos atentos, há uma sensação de volta ao passado e da presença contínua do Divino Espírito Santo. De acordo com Pierre Nora (1993), *“diferentemente da história que é uma representação do passado, a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente... porque é efetiva e mágica”* (Nora, p. 9).

Para a memória, é fundamental o envolvimento com o grupo, pois, segundo Halbwachs:

Outros homens tiveram essas lembranças comigo. Muito mais, eles me ajudaram a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seus pontos de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles (Halbwachs, p. 27).

3.4 Os Amortalhados

Lembrando que a cultura é fruto da relação de sistemas simbólicos que promovem a interligação constante de significados entre indivíduos e coletividade, torna-se o ritual dos “Amortalhados” como momento importante desta realização. Este ritual constitui-se em momento de grande fascínio para quem vai, no sábado da festa, às cidade de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, prestar homenagens ao Divino Espírito Santo.

Esse ritual é bastante significativo para os fiéis. Constitui de um ponto de vista analítico, a essência da ação religiosa da Irmandade. É o momento em que pessoas (homens, mulheres e crianças), devotos, romeiros e irmãos deitam-se ao chão pelo caminho, lado a lado, para a Irmandade “*passar por cima*”. Todos, um a um, são pulados pelos membros da Irmandade, que carregam as Bandeiras do Divino para, com elas, abençoá-los. É assim que, segundo os entrevistados, dá-se o benzimento.

No período da pesquisa, encontrei o diretor da Irmandade de Anhembi, senhor João Antônio Proença, com a bandeira principal abençoando os fiéis em primeiro lugar. Logo atrás dele, duas outras bandeiras, repetiam o mesmo gesto e, em seguida, as duplas de irmãos com seus remos apoiados sobre os ombros, de mãos dadas, passavam devagar sobre cada um dos penitentes, erguendo a perna direita e dando um grande passo à frente. Enquanto o da esquerda dizia: “*Divino Espírito Santo*” o outro da direita, na seqüência respondia: “*Tende piedade de nós*”.

Nesses momentos de fé, além da troca simbólica, como geralmente acontece nas festas católicas do Divino Espírito Santo, há uma relação direta entre os seres humanos e o Divino. É possível dizer que a relação dos devotos

com o Divino Espírito Santo se dá por intermédio do indivíduo, ou seja, o sujeito da relação é o indivíduo. Nas entrevistas realizadas, as pessoas presentes na festa de Anhembi, como a Sra. Sibeles Fernandes que veio de Conchas com a família, disseram-me que sempre tiveram uma fé com o Divino:

É uma sensação maravilhosa deitar para o Divino. A gente sente uma emoção muito grande. Dói mais que pancada. Sinto vontade de chorar. Sinto a presença de Deus dentro de mim.

Para a entrevistada: *O fiel pede, o Divino atende.*



Fieis deitam-se para o Divino: Os amortalhados. Foto: Luiz N. Almeida

Em se tratando da relação de proximidade dos indivíduos com o Espírito Santo, percebi em minha pesquisa, nuances das descobertas de Márcia Contins (2003) sobre a relação estabelecida entre os fieis pentecostais e o Espírito Santo. A autora destaca que há proximidade entre o imaginário e o Divino Espírito Santo e que as ações dos fieis são praticadas sem intermediações de santos e representantes das hierarquias eclesiais. O mesmo se verifica neste ritual.

A procissão dos amortalhados nas festas do Divino do médio-Tietê garante o reconhecimento do trabalho da Igreja Católica, ditado pela ação das Irmandades. Em todas as entrevistas, escutei que deitar para o Divino é um presente, “fortalece a alma”, significa muita paz e certeza de que o Divino ouviu os pedidos. Segundo os devotos, o momento transmite uma energia que alivia a dor que, ao mesmo tempo, parece ser dividida com todos os presentes. Além de famílias inteiras da região e das cidades no entorno, há, também, grupos de romeiros que vêm de longe todos os anos para Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas. São oriundos de localidades distantes como Osasco, Sorocaba, Itapetininga, Votorantin e até da capital que participam da festa e pagam promessas ao Divino. Segundo grande parte desses romeiros, é: “*A fé no Divino que nos trouxe aqui*”.

A relação entre o fiel e o Divino Espírito Santo por intermédio das Irmandades é individualizante. O fiel fala diretamente com o Espírito Santo sobre seus dramas pessoais. Segundo Susan Harding (1987, p. 174), “*o Espírito Santo é palavra que trabalha no inconsciente para trazer a convicção ao consciente*”. Este tipo de representação do imaginário religioso popular traz à tona a força da fé e do homem em sua ligação com Deus. Sobre este tema, Elíade (1992) nos esclarece que:

Desde a invenção da fé, no sentido judeu-cristão da palavra, para Deus tudo é possível, o homem que tinha deixado o horizonte dos arquétipos e da repetição não pode mais defender-se contra aquele terror, exceto por intermédio da idéia de Deus (Elíade, p. 137).

Tocados pelo Espírito Santo, parece que, no ritual dos amortalhados, os indivíduos buscam reforçar sua reintegração ao cosmo, com toda a sua consciência. A impressão que se tem é que, para os devotos, o Divino e o humano se fundem num só ser, provocando uma onda energética. Durante vários momentos, notei que os participantes são envolvidos por uma força de pura magia e sinergia. Todos estão unidos numa só intenção. A fé inabalável no Divino (Pai, Filho e Espírito Santo). Em Anhembi, no sábado do Encontro das Canoas, as ruas ficam apinhadas de gente. A população de pouco mais de cinco mil habitantes, chega a triplicar com tantos turistas. Todas as bandeiras e andores indicam a grande apoteose das comemorações. A fila dos amortalhados é extensa, começa na margem do rio Tietê e dá volta pela cidade, seguindo até as proximidades da Igreja Matriz, o que perfaz uma distância superior a um quilômetro. A procissão da Irmandade dura mais de duas horas. O número de fiéis que se deita varia de ano para ano, explica o cabo Joaquim Ramos, que se emociona ao dizer que o volume de “promessas” vem crescendo anualmente. Segundo ele:

Todo ano o número de promessas vem aumentando e, neste ano de 2006, ultrapassou a casa de 1200 pessoas. Isso nos dá muito orgulho de tanta confiança que o povo tem para com a nossa Irmandade. Cada um deita para o Divino com um motivo. A maioria está agradecendo o Divino Espírito Santo e reforçando os pedidos para obter uma benção.

3.5 O milagre do Divino

Grande parte dos estudos sobre as Irmandades do Divino Espírito Santo aponta o evento dos milagres como o momento de maior importância para as

romarias e para a festa do Divino. Todos os autores demonstram que o devoto é o principal personagem de todos os acontecimentos. Pelos textos analisados e pelas entrevistas realizadas, percebemos que os devotos do Divino formam um grupo que vivencia a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas, que os une na mesma comunidade de fé e de moral, que, por sua vez, une todos que a ela aderem. Dentre as mais variadas histórias de cura, mencionadas pelos devotos que fazem pedidos a Deus, a adesão, a adoração e a crença no Divino ocorre por diversas razões, dentre elas a gratidão pela proteção ou amparo, pela boa saúde, pela paz e pela cura.

Assim, também, acontece na região do médio-Tietê, como o caso exemplar de Dona Ana Dirce Hernandes de Oliveira, esposa de Flávio Fernandes de Oliveira, residentes em Botucatu, que são, todos os anos, chamados para cozinhar nos almoços e pousos oferecidos às três Irmandades. Eles são tidos como especialistas no preparo da comida em fogão a lenha. Dona Dirce, quando por mim entrevistada, contou que “deita”⁷⁶ para o Divino, há quase vinte anos. Ela lembra:

Tudo começou, quando descobri que estava com um tumor no cérebro e fui internada e desenganada pelos médicos que disseram que se eu não operasse teria apenas seis meses de vida e se operasse, a chance seria de dez por cento. Eu, naquele desespero que ia morrer, pedi ao Divino que orientasse o que seria melhor para mim. Eu queria viver para criar os meus filhos. Só isso eu queria, e se Deus me desse a chance de criar os meus filhos adotaria uma criança, e enquanto fosse viva trabalharia em prol do Divino Espírito Santo. Nesse instante vi pousar na janela

⁷⁶ Deitar para o Divino, significa cumprir a promessa feita de deitar no chão para a Irmandade abençoar o corpo. O ato expressa um agradecimento pela graça obtida ou a busca de cura.

do quarto do hospital uma pombinha branca e senti um aperto muito forte no peito. Vi sair da pombinha uma luz que parecia me chamar para fora. Não tive dúvida, amarrei um lenço na cabeça e fugi do hospital naquela noite com a cabeça raspada. Isso já faz dezenove anos. Prá quem tinha só seis meses de vida! Adotei a criança, hoje ela está com dezenove anos, embora ele tenha um probleminha na cabeça, está comigo, ele é lindo, maravilhoso. Também o Flávio teve um monte de problemas de doença e outras coisas. Ele fez uma promessa de que, se ele não precisasse de cirurgia e continuasse bem, todo ano atenderia quem precisasse da nossa culinária e não falaria não a ninguém. Assim, é que a gente está nesta vida, nesse corre, corre, gostoso.

Rindo ao lembrar desse episódio, Dona Dirce acrescenta:

Naquele dia que fugi do hospital, ao chegar em casa, o Flávio quase desmaiou de susto. Minha mãe estava sentada na sala e começou a rezar e correu acender uma vela. Eu disse, a eles, que podiam fazer o que quiser, menos me mandar de volta para o hospital, porque não queria ser operada. O Flávio ligou para o meu médico e contou o que aconteceu. Ele ficou furioso com a minha fuga e disse que eu não teria chance de sobreviver. Mais eu rezava o dia inteiro esperando que o prazo de seis meses acabasse. Não queria que os meus filhos fossem a escola porque queria ficar com eles o tempo todo. Fizemos a promessa e passamos sete anos, fazendo encontro e deitando para o Divino. Virei fanática da Irmandade e não conseguia parar mais. Quando fez sete anos, levei a tomografia para o médico analisar e, como não acusava nada, ele achou que o laboratório havia trocado os exames. Pediu que fizesse novamente e não deu nada. O tumor desapareceu graças ao Divino Espírito Santo.

Atuando como difusora das bênçãos do Divino, após a graça recebida, a família Fernandes, por onde passa, atribui o milagre às Irmandades do Divino Espírito Santo. Dirce e o marido entram, assim, no circuito da reciprocidade, tão

bem tratada por Mauss (2003) e se orgulham em contar que, a partir de então, se oferecem para fazer almoços e jantas, para quem quiser receber os Irmãos do Divino de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas. Flávio deixa a mensagem de que é preciso ter fé em tudo àquilo que se acredita. Diz que trabalhou como maquinista de trem da Fepasa e que, ao aposentar-se, trabalhou num pequeno mercado da família, onde servia refeições e aprendeu a arte de cozinhar. Por isso, nos almoços e pousos do Divino, passou a ser uma espécie de cozinheiro oficial, que realiza seu trabalho com imenso prazer.

No circuito da reciprocidade, o casal relata que, foi formada uma equipe de mais de quinze voluntários, que ajudam no serviço gratuito da cozinha. Eles contam com uma estrutura completa para preparar a refeição e, inclusive, uma caminhonete para transportar os fogões à lenha, improvisados com tambores de aço, panelas, pratos, talheres, vasilhames e demais utensílios, necessários para cozer e servir.

Sabemos que, com o crescimento das cidades, a fragmentação do indivíduo e a incessante individualização assistidos nos tempos modernos, a cooperação entre vizinhos tornou-se escassa. Não se fala, hoje em dia, de ajudar o próximo, posto que, em muitas circunstâncias, o próximo, o próprio vizinho, é um desconhecido. A narrativa do casal vai contra esta perspectiva. Em suas atitudes, podemos verificar a contraposição à individualização, eles se confraternizam e trabalham gratuitamente em prol da coletividade como que partilhando os recursos e as forças que possuem. Refletem, com isto, a perspectiva da Irmandade do Divino Espírito Santo que, com seus rituais, celebra a comunhão.

Para ilustrar essa preocupação com o próximo e a sensação de que “não se está só no mundo”, tomemos o depoimento de dona Dirce, a respeito da adoção de um de seus filhos. Ela nos relata que, certo dia, uma mulher, sabendo de seu histórico de auxílio e colaboração, procurou-a oferecendo o filho que não tinha condições de criar. O casal, como era de se esperar, acolheu a criança e acabou adotando-a. Emocionada, relata:

O menino já está um adolescente. Ele é uma criança excepcional, tem problemas na cabeça, mas é uma dádiva de Deus. Acho que o problema que eu tive foi justamente para poder compreender este filho que Deus me deu.⁷⁷

Diria Geertz (1989) que a religião ensina como sofrer, ou ainda, a religião fornece os modos de sofrer.⁷⁸ Os relatos da família Fernandes, cujas atitudes retratam que o sofrimento é suplantado pelo amor ao próximo, pela força e pela fé, corroboram esta ótica.

Em nossa perspectiva, uma das formas de administrar o sofrimento é percebida na história do casal, que denota sua consciência da importância dos momentos festivos e sociais que as Irmandades do Divino Espírito Santo produzem para toda a comunidade, mas não restringem suas atitudes e sentimentos apenas a este momento festivo, vivenciam-no cotidianamente e reafirmam a percepção de que uma característica importante da religiosidade popular é a vivência da fé na sua plenitude, inclusive na realidade concreta e na vida cotidiana, porque

⁷⁷ Entrevista com Dirce Hernandes de Oliveira, realizada em um almoço da Irmandade de São João, no bairro rural de Santa Terezinha em Conchas.

⁷⁸ A respeito, vide Macedo (1989, p. 24), onde a autora trata de tal tema de maneira a contribuir com as reflexões das Ciências Sociais.

“a religiosidade popular está relacionada à cultura, ou seja, a tudo que proporciona vida ao povo e dá sentido às coisas. É uma forma de encarnação da religião na vida do dia-a-dia” (Matos, 2001, p. 132).

Um dos maiores desafios desta pesquisa foi compreender a importância das curas para os irmãos e para as Irmandades do Divino Espírito Santo, comprovadas por inúmeros relatos de fiéis que dizem terem sido agraciados com curas e outros benefícios através das Irmandades do Divino Espírito Santo. Os relatos de Dona Dirce abrandam nossas inquietações.

Além do caso emblemático de Dona Dirce, outros como o da menina Laís Simão da Silva, filha de João Luis Aparecido da Silva, que sofreu um grave acidente automobilístico, colaboram para entender a união que se estabelece por laços de crença e fé. A mãe, infelizmente, faleceu. A menina foi internada em estado grave com pouca chance de sobrevivência. Sobreviveu. Assim como nos dizeres de Macedo (1989, p. 24), *as justificativas da família dão aos homens a sensação de que o mundo pode ser controlado se for feito o que é certo, o que é fraterno*. As famílias Simão e Silva atribuem a sobrevivência da menina ao poder do Divino. Como suas famílias já mantinham relações com as três Irmandades do Divino Espírito Santo, os laços se estreitaram, o que corrobora para perpetuar o sentimento de restauração da ordem pelas graças do Divino.



A família Silva cumprindo sua promessa. Foto: Flávio Pécchio

São relatos como estes que nos levam a compreender a existência de um estoque de bens simbólicos, observados entre os valores da Irmandade e os preceitos da Igreja Católica. Sobre este aspecto, Brandão (1989), diz que:

Apesar dos esforços da Igreja para separar uma parte propriamente religiosa das outras, folclóricas ou das francamente profanas, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial de todas essas situações, dentro e fora do âmbito restrito dos ritos da Igreja (Brandão, p. 37).

Em nossas observações, tal qual o autor prenuncia, percebemos que, nas celebrações do Divino Espírito Santo do médio-Tietê, a religiosidade se manifesta concomitantemente com atividades ditas profanas, como a venda de materiais nas feiras montadas nas ruas e as comemorações com comida simples, mas farta. Os fiéis se reúnem para contar casos, para festejar, na acepção primeira do termo, sem que os preceitos da religiosidade sejam maculados. A união do

folclore, com o uso das vestimentas estilizadas e a representação que se dá com o ritual dos amortalhados são manifestações profanas, veiculadas no seio dos festejos do Divino, perpetuadas pela comunidade que incorpora o novo ao seu estilo de vida tradicional. Assim, conseguem manter sua cultura original. E, talvez, o maior símbolo da benesse, a consagração da confraternização e da partilha, presentes na festa, espraiam-se pela vida cotidiana dos fiéis, em atitudes de amor e respeito ao próximo, sempre pautadas pelas leis Divinas que, vivenciadas no amor e na fé, contribuem para a melhora da comunidade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tecemos uma reflexão sobre os aspectos conceituais e interpretativos do universo simbólico das Irmandades do Divino Espírito Santo do médio-Tietê. Porém, antes de nos embrenharmos na discussão final, precisamos dizer que participar desse espaço de intimidade com os devotos do Divino foi uma das grandes dádivas recebidas, ao estudar esta importante manifestação do catolicismo popular, com suas romarias e festas.

Conscientes de que *o catolicismo popular deriva tanto de uma matriz erudita, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva e anônima* (Zaluar. 1983, p. 32), percorremos os caminhos das Irmandades do Divino Espírito Santo de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas, onde colhemos material suficiente para que pudéssemos oferecer um olhar sobre os rituais que as Irmandades do Divino praticam e das vivências impressões dos envolvidos nos trabalhos, tanto de dentro das Irmandades, quanto de pessoas comuns, residentes nos municípios e visitantes presentes nas romarias e festas de reverência ao Divino Espírito Santo.

Para mim, enquanto pesquisador, constituiu-se um desafio manter-me distante e perceber o que se dá no âmbito do sagrado e do não-sagrado, uma vez que os irmãos contagiam todos os participantes das suas romarias e festas com sua fé, sua religiosidade e sua união. Estar ali e participar das conversas, das partilhas, das rezas e dos pernoites das viagens permitiu a criação de uma simbiose entre a perspectiva científica, antropológica e a perspectiva pessoal, apaixonada.

Durante os cafés, almoços e pousos, as verdadeiras histórias da família chamada Irmandade do Divino e os símbolos sagrados puderam ser percebidos e compreendidos. Um dos aspectos a salientar é o de que, em torno dos festivos encontros do povo com os irmãos, nas residências dos festeiros, os caipiras da roça do médio-Tietê educam seus filhos e lhes transmitem o saber das coisas sagradas e a experiência de vida, o que ocorre de geração em geração. Foi assim antigamente, é hoje e por certo, o será amanhã. Na voz de um dos romeiros entrevistados:

Todos parecem enfraquecidos com o poder da Bandeira do Divino. Balança todo mundo, o fiel fica com a perna mole quando está diante da pombinha que chegou e quando ela vai embora. Todo mundo chora de emoção e de alegria. Mas, todos sabem que, no ano que vem, os irmãos estarão de volta outra vez.

Os ensinamentos dão conta da dicotomia do universo: de um lado, o comportamento cultural, a esperança, a fé; de outro, a visão das coisas, a concretude da realidade objetiva e da dureza da vida.

Essa ambigüidade fundamental, na visão das coisas e no comportamento cultural, terá tendência a permanecer viva, de uma vida subterrânea, para emergir e se alojar, desta vez visivelmente, em qualquer nicho de legitimidade oferecido pelas manifestações religiosas aceitas pela hierarquia. A principal, desde então e até hoje, será a romaria (Sanchis. 1973, p. 10).

Este depoimento, tomado de exemplo, denota não apenas a fé, mas a convicção que os caipiras do médio-Tietê expressam na percepção de que o Divino afasta a dor. A dor de que tratam os fiéis representa a percepção de que os rituais sagrados das Irmandades os afastaram, momentaneamente, das

responsabilidades cotidianas, mas não demora voltar à dureza dos dias de trabalho e dos percalços a serem vencidos. A força imaginária do Divino esteve presente, representada pelos Irmãos do Divino, que deixam seu rastro espiritual ao ir embora. A presença dos romeiros, dos irmãos na residência dos senhores festeiros que cumprem suas promessas e pedidos é muito mais do que se juntar para rezar, cantar, festejar e comer; é um momento de reencontro com os antepassados, de vivência com a família e de dar lugar à santidade, à paz, à alegria. Nesse universo, todos são um, são todos Irmãos do Divino, as pessoas estão para o Divino, o Divino está para todas as pessoas.⁷⁹

Nos relatos dos romeiros e demais grupos que acompanham as romarias e as festas do Divino do médio-Tietê, porém, a visão da Igreja é partilhada pelos fiéis: nem imposta, nem dissimulada. A despeito do que se percebe na sociedade moderna, em que a religiosidade toma caminhos diversos e recebe influências da mídia, em nossa pesquisa percebemos a manutenção da tradição. Os fiéis, especialmente os integrantes das Irmandades do Divino Espírito Santo, seguem os ritos tradicionais, inclusive com a manutenção das canções e dos rituais que definem os momentos específicos da louvação ao Divino.

Apenas em algumas poucas passagens, notadamente no momento das comidas, os festejos tornam uma nuance mais modernizada e são incluídos, quando da presença de um público maior algumas cantigas atuais, influência do movimento carismático da Igreja Católica. É importante notar, porém, que esses momentos de atualização do ritual, por assim dizer, são apenas uma pequena

⁷⁹ Uma clara manifestação dos preceitos da religião que, para Pierre Bourdieu (1999): “Contribui para a imposição (dissimulação) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmo” (Bourdieu. pp. 33-34).

fração do desenvolvimento dos trabalhos e se dão, provavelmente, para que os fiéis vindos de outras cidades ou regiões identifiquem-se ainda mais com a notada noção de paz e tranqüilidade, impingida pelos Irmãos do Divino. A responsabilidade de inserir canções, popularizadas pelo catolicismo mais atual, é dos adultos, dos irmãos que, por certo, além de fazerem parte das Irmandades, também manifestam sua crença freqüentando as missas.

Na religiosidade popular aqui estudada, as romarias e festas do Divino, tornam-se centro das atenções dos fiéis seguidores, do povo das redondezas e, porque não dizer, deste pesquisador. Já o dissemos, nesta dissertação, que a empreitada da pesquisa foi movida pelo sentimento de curiosidade acadêmica, de sede de saber, mas também de vontade de compreender a sociedade do médio-Tietê e, por conseguinte, de boa parcela da população brasileira que se volta para a religiosidade na busca de amparo e de abrigo. Além disso, fomenta esta dissertação a curiosidade, a vontade, a necessidade de compreender como os males que assolam a vida terrena são amenizados pela crença expressa na festa do Divino que, segundo Rita Amaral,

(...) coloca dentro de sistema de ações de trocas e serviços, pessoas socialmente diferenciadas em posições também diversas e muitas vezes interdependentes. Pode-se mesmo dizer que é sobre estas trocas "*simbólicas de modos de participação*" que se constitui, na prática, a Festa do Divino. Ela instaura uma transformação não apenas na vida da sociedade local como também na vida pessoal

dos participantes, como de resto acontece com todas as festas, mais especialmente com as festas devocionais.⁸⁰

É o que podemos constatar com os exemplos que elencamos. A união do povo para a realização das festas do Divino, para a romaria, as visitas e a preparação das comidas representa uma fração da crença sendo exercida em prol da comunidade, em prol da melhora da qualidade de vida. Este aspecto é marcante durante os festejos, mas perduram em muitos desses seguidores durante todo o ano. Como exemplo desta perspectiva, encontramos em Dona Dirce e Seu Flávio, que têm, em casa, a presença constante da graça: a saúde da mulher e o filho adotivo que, mesmo necessitando de cuidados especiais, traz alegria ao lar, segundo diz, a própria Dona Dirce.

Para estes fiéis, o Divino e a religião, que restituiram a ordem ao caos da doença e das coisas, instalado no lar. Como são tidos como exemplo, a noção da religiosidade como caminho de acesso à ordem, repercute pedagogicamente no comportamento dos demais fiéis.

Outro aspecto que nos dispusemos a tratar nesta dissertação, foi a etnografia das vivências coletivas e sua visibilidade religiosa. Em nossa empreitada, percebemos que a ânsia da chegada das festividades, momento de agradecer graças alcançadas e pagar as promessas feitas, é também um marco da esperança de um novo período de benesses, de bonança. Nesse universo simbólico, Deus e homem parecem comunicar-se numa mesma linguagem, a linguagem do Sagrado e da Fé. Irmão, festeiros, parentes, amigos, convidados, vivenciam suas existências constelados a um imaginário povoados de seres que

⁸⁰ Amaral, Rita. *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"*. Disponível em publicação eletrônica na Internet via [WWW.URL:http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html](http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html). Capturado em 10/08/2007.

vivem em tempo e espaços especiais, tempos sagrados que não mudam nem se esgotam.

A unidade Irmãos do Divino, associada ao Divino Espírito Santo produz o conjunto produtor e reprodutor do “Sagrado total” da região do médio-Tietê, que são uma demonstração da capacidade de união do povo em prol do bem comum, do retorno no tempo e da busca de igualdade e de irmandade. Mesmo havendo uma grande organização hierárquica entre os Irmãos do Divino, a fraternidade não é, de forma alguma, excluída ou os cargos exercidos com autoridade policial.

A ordem, o respeito aos cargos e funções, à hierarquia é, no seio das Irmandades do Divino Espírito Santo, um ensinamento para os seus integrantes, um ensinamento de ordem social, não apenas religiosa. O próprio processo de elaboração da festa suscita, para a população estudada, a esperança da manutenção da ordem e da tradição, como resultado de um longo trabalho de organização e de empenho dos participantes.

Depreendi que a cultura das comunidades estudadas está impregnada de catolicismo popular que, segundo Monteiro (1974), se manifesta por meio de *práticas mágico-religiosas ligadas ao tratamento de moléstias, a recursos de auto-defesa e proteção, e às tradições das festas* (Monteiro, p. 81). Tanto os rituais de adoração ao Divino, quanto os de agradecimento das graças alcançadas corroboram para esta perspectiva: aqueles acometidos de moléstias vão ao Divino em busca da cura, os sãos procuram à manutenção da saúde e todos, indistintamente, pedem a paz, a harmonia e a alegria de viver como graça a ser alcançada.

Por fim, ao buscar resposta para os múltiplos sentidos do percurso de mediação do Divino, aceito as evidências que demonstram um ethos do caipira de ontem e de hoje, repleto de representações, de crenças e de manifestações de fé cristã. Importa salientar que a fé aqui não se apresenta como um dado de submissão ou de reverência apenas, ao contrário, a fé se manifesta, para eles, na vivência do Sagrado, em razão disto, vivem uma transformação em suas vidas.

A conclusão a que sou levado a crer é a de que as romarias e as festas das Irmandades do Divino Espírito Santo surgem no médio-Tietê, como meio de restauração da tradição, da ordem espiritual e social.

A romaria e a festa fazem com que os Irmãos do Divino tenham visibilidade, que sejam vistos pela sociedade como alguém importante, sábios, que sejam respeitados. Eles, os irmãos, devotos e fiéis, são romaria, festa, fé, religião, união. União em torno do Sagrado que é manifestado nos cafés, almoços, pousos e festa, na fé no Divino Espírito Santo e nos mitos que alimentam suas crenças. Para a gente simples do interior paulista, o Divino cuida, cura e restaura, com sua força protetora, as pessoas, as casas, as praças, as ruas. Para reforçar essa idéia, valemo-nos dos versos da canção preferida do poeta conchense Miro Alves:

Foi bonito o encontro
Do povo com os irmãos,
É o Divino Espírito Santo
Cumprindo a tradição.

Na frente vem a Bandeira
Os meninos e o folião,
Há muito e muitos anos
Trazendo a sua benção.

Divino, Divino
Nós vos adoramos tanto,
Divino, Divino,
Divino Espírito Santo.

Sobre a sua Bandeira
Vem abrindo as suas asas,
Vem pedindo um almoço
E um pouso em sua casa.

Trazendo a paz e a saúde
Aonde a pombinha passa,
Cumprindo a suas promessas
Alcançando as suas graças.

Divino, Divino
Nós vos adoramos tanto,
Divino, Divino,
Divino Espírito Santo.

O Divino e a Irmandade
Cumprindo a sua missão,
Eles voltam prá Capela
Remando o batelão.

A festa em sua chegada
É bonito de se ver,
O encontro das canoas
Nas águas do rio Tietê.

Divino, Divino
O quanto vos queremos bem,
Divino, Divino
Até o ano que vem.

Como retrata o poema, a romaria é um ritual absolutamente ligado à continuidade. Nos passos dos romeiros, nos caminhos percorridos, está a representação da esperança de continuidade. Sua presença nos festejos do Divino reforça, também, a perspectiva de um futuro que, embora possa apresentar alguns percalços, como os revividos nas caminhadas, serão de glória, como a festa do Divino que a ela sucede. No próximo ano, novamente, uma libertação das obrigações cotidianas, para abraçar um novo momento de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro: 1830-1900*. Ed. Record. Rio de Janeiro RJ, 1999.

ACHERBERG, Jeanne. *A Imaginação na Cura: Xamanismo e medicina moderna*. Tradução: Eugênio Marcondes de Moura. Ed. Summus. São Paulo SP, 1996.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *Orações e Rezas Populares*. Ed. Rigel. Porto Alegre RS, 2004.

ALMEIDA SANTOS, Acácio Sidnei. *A Dimensão Africana da morte resgatada nas Irmandades Negras, Candromblé e Culto de Babá Egun*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC/SP, 1996.

AMARAL, Rita. *Festas católicas brasileiras e os milagres do povo*. In: MARIANO, Ricardo e JUNGBLUT, Airton (orgs) Civitas, Revista de Ciências Sociais vol. 3 (1), junho/2003, pp.187-205.

ANDRADE, Julieta de. *Identidade cultural no Brasil*. Coleção Estudo de Casos. Ed. A9. vol. 1. São Paulo: 1999.

ATOS DOS APÓSTOLOS. *Pentecostes: a bíblia de Jerusalém*. (orgs) Gilberto Gorgulho da Silva, Ivo Storniolo e Ana Florz Anderson. Ed. Paulus. São Paulo: 1995.

AUGRAS, Monique. *A Dimensão Simbólica: O simbolismo nos testes psicológicos*. Ed. Vozes, 3ª edição. Petrópolis: 1998.

_____ *O duplo e a metamorfose*. Ed. Vozes. Petrópolis RJ, 1983.

AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil: aspectos históricos*. Ed. Vozes. Petrópolis: 1978.

_____ *Devoção ao Divino*: In: Revista Família Cristã (suplemento). Ed. Paulinas. São Paulo: edição nº 750, junho/1998, pp. 278-280.

BALANDIER, Georges. *A Desordem: Elogio do movimento*. Tradução: Suzana Martins. Ed. Bertrand. Rio de Janeiro: 1987.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder. Irmandades Leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais*. Ed. Ática. São Paulo: 1986.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e situações*. Ed. Ática. São Paulo: 1987.

_____ *Dialética da Colonização*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: 1992.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. Ed. Companhia das Letras, 4ª edição. São Paulo: 1994.

_____ *Cultura e Desenraizamento*, In: BOSI, Alfredo (org) *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. Ed. Ática S/A. São Paulo: 1987, p. 16-41

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. Ed. Perspectiva. São Paulo: 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na rua*. Ed. Papirus. Campinas: 1989.

_____ *O Divino, o Santo e a Senhora*. Funarte. Rio de Janeiro: 1978.

_____ *Cavalcadas de Pirenópolis*. Ed. Oriente. Goiânia: 1974.

_____ *Os Deuses do Povo: Um estudo sobre a religião popular*. Ed. Brasiliense S/A, 2ª edição. São Paulo: 1986.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna (Europa 1500-1800)*. Tradução: Denise Bottmann. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: 1989.

CALLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Tradução: Geminiano Cascais Franco Edições 70. Lisboa: 1979.

_____ *O Sagrado de Transgressão: A festa*, In: SANTOS, M. Helena Varela e LUCAS, Antônio M. Rolo (orgs) *Antropologia: Paisagens, Sábios e Selvagens*. Porto: Editora, s/d, pp. 432-442.

CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Tradução: Cláudio Novaes Pinto Coelho. Ed. Brasiliense S/A. São Paulo: 1983.

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1982.

CAMPRICHE, Roland. "De La Pertenencia e La Identificación Religiosa: El paradigma de la individualización de la religión hoy en día" *Religiones Latino Americanas*, 1: 73-85, ene/jun. México: 1991.

CARONE, Edgar. *Memórias da Fazenda Bela Aliança*. Ed. Oficina de Livros. Belo Horizonte: 1991.

CASCUDO, Luis Câmara. *O Divino (verbetes)* In: *Dicionário do Folclore Brasileiro*. INL, 1962, pp. 281-282.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: 1996.

CONTINS, Márcia. *Espaço, Religião e Etnicidade: Um estudo comparativo sobre as representações do Espírito Santo no Catolicismo Popular e no Pentecostalismo*. In: BIRMAM, Patrícia (org). *Religião e espaço público: movimentos religiosos no mundo contemporâneo*. Coleção de Antropologia: Attar Editorial. São Paulo: 2003, pp. 221-234.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a Família Patriarcal Brasileira*. In: ALMEIDA, Maria Suely Kotes, et alli. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*, Ed. Brasiliense. São Paulo: 1982.

DURKHEIM, Émile. *Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. Tradução: Joaquim Pereira Neto, revisão José Joaquim Sobral. Ed. Paulinas. São Paulo: 1989.

DUVIGNEAUD, Jean. *A Festa*, In: SANTOS, M. Helena Varela e LUCAS, Antônio M. Rolo (orgs) *Antropologia: Paisagens, Sábios e Selvagens*. Porto Editora, s/d, pp. 443-449.

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno: Arquétipos e repetição*. Tradução: José A. Ceschin. Ed. Mercuryo. São Paulo: 1992.

_____ *Tratado de História das Religiões*. Tradução: Fernando Tomaz e Natália Nunes. Ed. Martins Fontes. São Paulo: 1993.

_____ *Mito e Realidade*. Tradução: Pola Civelli. Ed. Perspectiva. São Paulo: 1989.

_____ *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Coleção Vida e Cultura. Edição "Livros do Brasil." Lisboa, [s/d].

FRAZER, James. *O Ramo de Ouro*. Ed. Guanabara Koogan S/A. Rio de Janeiro: 1982.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Ed. José Olimpio. Rio de Janeiro: 1987.

GARUTI, Aparecido. *Cururu: Retratos de uma Tradição*. Create Editora. Sorocaba: 2003.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Ed. Guanabara Koogan S/A. Rio de Janeiro: 1989.

_____ *O Saber Local: Novos ensaios em Antropologia Interpretativa*. Ed. Vozes. Petrópolis: 2001.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. Tradução: Martha Conceição Gambini. Ed. Paz e Terra e Unesp. São Paulo: 1990.

GODELIER, Maurice. *O Enigma do Dom*. Tradução: Eliana Aguiar. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *As festas do Divino Espírito Santo entre açorianos na Nova Inglaterra*. mimeo. IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 2001.

_____ *As festas do Divino Espírito Santo: Um estudo comparativo sobre categorias cosmológicas e rituais*. Projeto de Pesquisa apresentada ao CNPq, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Ed. Revista dos Tribunais Ltda. (Edições Vértice). São Paulo: 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. DP&A, 3ª edição. Rio de Janeiro: 1999.

HARDING, Susan. Convicted by the holy spirit: the rhetoric of fundamental Baptist conversion. In: *American Ethnologist*, v. 14:1, 1987.

HEERZ, Jaques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Pub. Dom Quixote. Lisboa: 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Companhia das Letras – Ed. Schwarcz Ltda. 3ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: 2001.

_____ *Monções*. Ed. Brasiliense, 3ª edição. São Paulo SP, 1990.

_____ *Raízes do Brasil*. Ed. José Olímpio. Rio de Janeiro: 1981.

JUNQUEIRA, Carmem Sylvia. *Doenças do Espírito*. In: Revista Olhar. Ano 03. 5-6, Jan-Dez/2001, CECH – Centro de Educação e Ciências Humanas – UFSCar- São Carlos SP: 2001, pp. 81-86.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Tradução: Mariano Ferreira. Ed. Vozes. Petrópolis: 1982.

LUYTEM, M. Joseph. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI Alfredo, (org) *Cultura Brasileira: Temas e situações*. Ed. Ática S/A. São Paulo: 1987, pp. 75-102.

MACEDO, Carmem Sinira. *Imagem do Eterno: Religiões no Brasil*. Coleção Polêmica, Ed. Moderna. São Paulo: 1989.

MARIZ, Cecília Loreto. *Catolicismos no Brasil Contemporâneo: Reavivamento e diversidade*. In: TEIXEIRA, Faustino e MENESES, Renata (orgs). *As religiões no Brasil, continuidade e rupturas*. Ed. Vozes. Petrópolis: 2006, pp. 53-68.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Vivência popular da fé católica/Leigos na Igreja: Irmandades, ermitões e recolhimentos*. In: Revista Família Cristã (suplemento). Ed. Paulinas. São Paulo: edições 782 e 783; março 2001, pp.132-137 e, pp. 148-153.

MAUSS, Marcel. *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*. In: Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Naves. Ed. Cosac Naify. São Paulo: 2003.

MEDEIROS, Bartolomeu T. F. *Entre almas, santos e entidade outras no Rio de Janeiro: Os mediadores*. PPGAS/Museu Nacional (URF) Tese de doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: 1995.

MELLO, Moraes Filho. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Ed. Itatiaia Ltda. Belo Horizonte: 1979.

MENEZES, Renata. *Saber Pedir: A etiqueta do pedido aos santos*. In: Revista Religião e Sociedade, nº 24 (1), 2004, pp. 46-64.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. Livraria Duas Cidades. São Paulo: 1974.

NATIVIDADE, Marcelo. *Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. EDUSP, ANPOCS, vol 21, nº 61, junho/2006, pp.115-132.

NEVES, Delma Pessanha. *As Curas Milagrosas e a Idealização da Ordem Social*. UFF. Niterói: 1984.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Proj. História São Paulo, 10 Dez, 1993.

ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto. In: *Religião e Espaço Público*. (org) BIRMAM, Patrícia. *Coleção de Antropologia: Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo*. Attar Editorial. São Paulo: 2003.

PASTA JR., José Antônio. *Cordel, Intelectuais e o Divino Espírito Santo: Notas sobre artes do povo e estética da representação*. In: BOSI, Alfredo (org.), *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. Ed. Ática S/A. São Paulo: 1987, pp. 58-74.

PAULA, Zuleika de. *Festa de Anhembi: Encontro e Amortalhados*. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas (Coleção Folclore nº15). São Paulo: 1978.

PELEGRINI, Américo Filho. *Calendário e Documentação de Folclore Paulista*. Instituto Musical de São Paulo. São Paulo: 1975.

PERNIOLA, Mário. *Pensando o Ritual: Sexualidade, morte e mundo*. Tradução: Maria do Rosário Toschi. Ed. Estúdio Nobel. São Paulo: 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, vol.2, nº 03, Ed. Revista dos Tribunais Ltda. (Edições Vértice). São Paulo: 1989.

_____ *Memória e Identidade Social*. Tradução: Monique Augrás. In: Estudos Históricos, vol. 5, nº 10, Ed. Revista dos Tribunais Ltda. (Edições Vértice). São Paulo: 1992, pp. 200-212.

RIBEIRO, Junior, João. *O que é Magia*. Ed. Brasiliense S/A. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: 1985.

SANTOS, Maria Helena Varela e LUCAS, Antônio M. Rolo. *Antropologia: Paisagens, Sábios e Selvagens*. Porto Editora, s/d, pp. 426-431.

SCARANO, Julieta. *Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII*. Companhia Ed. Nacional, 2ª edição. São Paulo: 1978.

SILVA, Edvalson Bezerra da. *A Festa do Divino*. In: Revista Globo Rural. Ed. Globo S/A. São Paulo: edição nº 188. junho/2001, p. 78.

SILVA, Rita de Cássia da. *Entre o Velho e o Novo: A festa do Divino Espírito Santo de Anhembi*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, São Paulo: PUC/SP, 2003.

SOARES, José Fernandes Ávila. *A Vivência do Divino na Tradição de um Povo*. Ed. Vozes. Petrópolis: 1986.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia*. Ed. Vozes. Petrópolis: 1996.

TUNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e anti-estrutura*. Ed. Vozes. Petrópolis: 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Tradução: Mariano Ferreira. Ed. Vozes. Petrópolis: 1978.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus: Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Zahar Editores S/A. Rio de Janeiro: 1983.

ANEXOS

I – Patente de admissão



II – Estatuto

ESTATUTOS DA IRMANDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

NATUREZA: — A “Irmandade do Divino Espírito Santo” com sede na Igreja Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Anhembi, é uma associação de caráter religioso, sob a orientação, do Revmo. Sr. Pároco, ou de outro sacerdote designado, a qual se regerá pelos presentes Estatutos aprovados pela Autoridade Diocesana.

FINS: — A “Irmandade do Divino Espírito Santo” tem por fins: — a) Desenvolver entre seus membros a prática da vida cristã facilitando-lhes os meios de se instruírem a respeito das verdades e dos deveres da religião católica; b) tributar e promover culto especial de adoração a seu excelso Padroeiro: o Divino Espírito Santo, e sufragar as almas do Purgatório. c) Exercer um apostolado cristão na família, educando os filhos, e trazendo à prática de seus deveres de católicos os empregados e adjuntos.

DIRETORIA: — Na direção da “Irmandade do Divino Espírito Santo” estará uma Diretoria composta dos seguintes membros, escolhidos por aclamação ou eleitos por escrutínio em assembléia geral: — Um Assistente Eclesiástico; Um Diretor; — Um vice diretor; Um Secretário; — Um Tesoureiro; — Um Procurador ou cabo em cada bairro, a juízo do Diretor.

DOCUMENTAÇÃO: — Terá a Irmandade um livro de Inscrição e chamada dos sócios ao cuidado do Diretor; um livro de Atas ao cuidado do Secretário; e um livro de Receita e Despesa ao cuidado do irmão Tesoureiro.

COMPETE AO ASSISTENTE ECLESIASTICO: — Presidir todos os atos da Irmandade; dar as instruções religiosas e os conselhos que julgar conveniente; aprovar a entrada de um novo membro; aplicar penas, depois de consultada a Diretoria; aprovar as despesas da Irmandade.

COMPETE AO DIRETOR: — Substituir o Assistente Eclesiástico, na ausência deste às reuniões; avisar previamente os associados sobre todos os atos da irmandade; fazer as chamadas nas reuniões; exercer caridosa vigilância para que não seja desvirtuada a finalidade da Irmandade, e para que haja interesse pelo bom andamento da mesma. O Vice-Diretor substituirá o Diretor na sua ausência.

COMPETE AO SECRETÁRIO: — Lavrar as Atas de todas as reuniões, dando conta dos principais acontecimentos que têm relação com a Irmandade.

COMPETE AO TESOUREIRO: — Escriturar todo o movimento financeiro da Irmandade e apresentar em reunião mensal o balancete; fazer que todos contribuam pontualmente com as mensalidades; depositar em caixa os saldos verificados no mês e retirar as importâncias necessárias para as despesas aprovadas pela Diretoria.

DOS ASSOCIADOS: Sendo a “Irmandade do Divino Espírito Santo” uma associação religiosa, somente poderão fazer parte da mesma as pessoas que professam praticamente a Religião Católica, Apostólica Romana, sendo de bons costumes, e não pertencerem a sociedades secretas ou seitas condenadas pela Igreja Católica. Não podem fazer parte dela as pessoas ligadas só pelo contrato civil, ou não se recomendarem pela sua conduta cristã. Em regra geral pode pertencer à Irmandade toda pessoa que se comprometa a observar os presentes Estatutos. Todavia antes de os novos sócios serem inscritos definitivamente na Irmandade, o Assistente Eclesiástico tomará dos candidatos as informações que julgar necessárias com a Diretoria e os demais sócios.

DAS OBRIGAÇÕES: — Todos os irmãos devem cumprir fielmente com os deveres de bons Católicos. Além das obrigações que lhes impõe a vida cristã, assistirão incorporados:

- 1.º — à Missa mensal da Irmandade;
- 2.º — às reuniões mensais;

3.º — à Comunhão geral da Irmandade no Dia da festa do Padroeiro, num Domingo do mês de N. S. do Rosário ou de Novembro;

4.º — Os irmãos acompanharão a todas as procissões;

5.º — Pagará a esportula estipulada anualmente pela Diretoria.

VANTAGENS DA IRMANDADE: — Os irmãos gozarão por estes meios de uma proteção especial do Divino Padroeiro.

A Irmandade prestará aos irmãos os socorros materiais e espirituais que estiverem ao seu alcance. Ficam isentos de benefícios materiais os que provavelmente tiverem recursos.

Todos os irmãos, previamente avisados pelo Sr. Diretor, acompanharão o sepultamento de um irmão falecido.

No dia e hora marcada e Igreja convencionada, reunir-se-ão para a recitação do terço em sufrágio da alma do falecido.

Uma vez por ano rezar-se-á uma Missa por intenção dos irmãos vivos e, no mês de Novembro uma Missa em sufrágio dos irmãos falecidos. A Irmandade mandará rezar também uma Missa pelo irmão falecido, dentro de trinta dias depois da morte.

CONSELHOS: — Os irmãos devem ser católicos exemplares, fervorosos nas orações, zelosos na audição da Santa Missa, solícitos na recepção dos Santos Sacramentos. Os Estatutos aconselham aos irmãos a recepção da Santa Comunhão nos Domingos das reuniões mensais, e nas festas de N. Senhor e sua amada Mãe Maria Santíssima. Entre os irmãos deve reinar a maior harmonia, espírito de obediência e cordialidade, lembrando-se sempre que são irmãos, filhos do mesmo Pai que está no Céu. Nas divergências consultarão o Diretor espiritual que resolverá como julgar mais conveniente, de acordo com as leis da caridade e os Estatutos da Irmandade.

DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES: — A recepção solene de novos irmãos far-se-á com toda solenidade

possível, uma vez por ano, na época determinada pela Diretoria.

O diretor avisará os irmãos para todos os atos extraordinários da Irmandade. Aquele que por motivo justo estiver impedido de assistir aos atos da Irmandade, justificará a sua falta perante a Diretoria.

Paga-se a contribuição na ocasião da reunião mensal. Na mesma ocasião, a contribuição será lançada no livro competente. Em cada reunião apresentar-se-á o relatório do movimento da caixa no passado mês.

A caixa da Irmandade auxiliará a Igreja de Anhembi nas despesas pela vinda do sacerdote.

Compete à Diretoria da Irmandade organizar e realizar as festas aprovadas pelo Assistente Eclesiástico, e nelas seguir, quer na parte espiritual como na material, a orientação dada pela autoridade Diocesana.

A Irmandade do Divino Espírito Santo auxiliará por todos os meios ao seu alcance a Obra das Vocações Sacerdotais, e a Semana Missionária, no mês de Outubro.

As eleições deverão ser confirmadas pelo Sr. Bispo Diocesano por si ou por seu representante.

A Irmandade do Divino Espírito Santo, enviará anualmente todos os livros de Secretaria à Cúria Diocesana afim de serem por ela visados e rubricados.

No caso de dissolução da Irmandade, o patrimônio dela passará à Igreja de Anhembi que o aplicará a finalidade conveniente.

Estes Estatutos só serão reformáveis mediante autorização por escrito do Sr. Bispo Diocesano, e as reformas só serão válidas depois de por ele aprovadas.

Tendo examinado os presentes Estatutos da Irmandade do Divino Espírito Santo, de Anhembi, havemos por bem aprová-las e recomendar a observância dos mesmos.

*Botucatu, 26 de Fevereiro de 1943
† Luiz, Bispo Diocesano*

III – Regulamento para viagem da irmandade do Divino São João

REGULAMENTO PARA A VIAGEM DA IRMANDADE DO DIVINO 2004

- 01- Todos os irmãos viajarão com uniforme e divisas tradicionais e iguais com exceção do Diretor, que irá com divisa branca; e o Vice com divisa branca e vermelha.
- 02- Todos os cabos, além da divisa normal, usarão, também uma divisa vermelha no braço esquerdo e serão auxiliares diretos do Diretor.
- 03- Todos os irmãos serão obrigados a participar das rezas e também das orações da manhã e a noite.
- 04- Só será permitido que os irmãos conversem com mulheres em caso de necessidade, mesmo assim por pouco tempo.
- 05- Somente será permitida a entrada em pomares e outras instalações quando houver autorização do proprietário.
- 06- Todos os irmãos devem sempre manter filas.
- 07- Não será permitido que, para não se sacrificar, o irmão peça para alguém levar sua mala em veículo para os locais do pouso ou almoço.
- 08- Formar fila nas entradas para refeições e também para tomar caminhões.
- 09- Não é permitido fumar e nem conversar quando o folião estiver cantando, nem na hora do terço e também nas filas.
- 10- Não fumar e nem se afastar do lugar da mesa antes de rezar.
- 11- Não procurar lugar para dormir sem terminar as obrigações.
- 12- Não será permitido aos irmãos tomar bebida alcoólica durante a viagem.
- 13- Não será permitido viajar o irmão, que estiver amasiado ou que foi casado somente no civil.
- 14- Só será permitido viajar menor de idade com um responsável e com autorização dos pais.
- 15- Não poderá viajar dois irmãos que não se conversam entre si. (estiverem de mal)
- 16- Viajar consciente que a viagem é uma penitência e não um divertimento, aceitando as dificuldades, como um dom do Divino Espírito Santo.
- 17- Não será mais permitido qualquer membro desta irmandade chegar antecipado nos cafés, almoços ou pousos, sem autorização do Diretor, ficando aberto exceção somente para os cabos.
- 18- É proibido o uso de brincos. Óculos escuros somente para os irmãos portadores de deficiência Visual (Olhos).

Atenção: O Irmão que deixar de cumprir este regulamento, poderá sofrer punições aplicadas pelo Diretor.

Uma Boa Viagem a todos e que o Divino Espírito Santo os acompanhe

A Diretoria

IV– Relação de pousos da irmandade de Anhembi, ano de 2006.

Irmandade do Divino Espírito Santo

Anhembi-SP

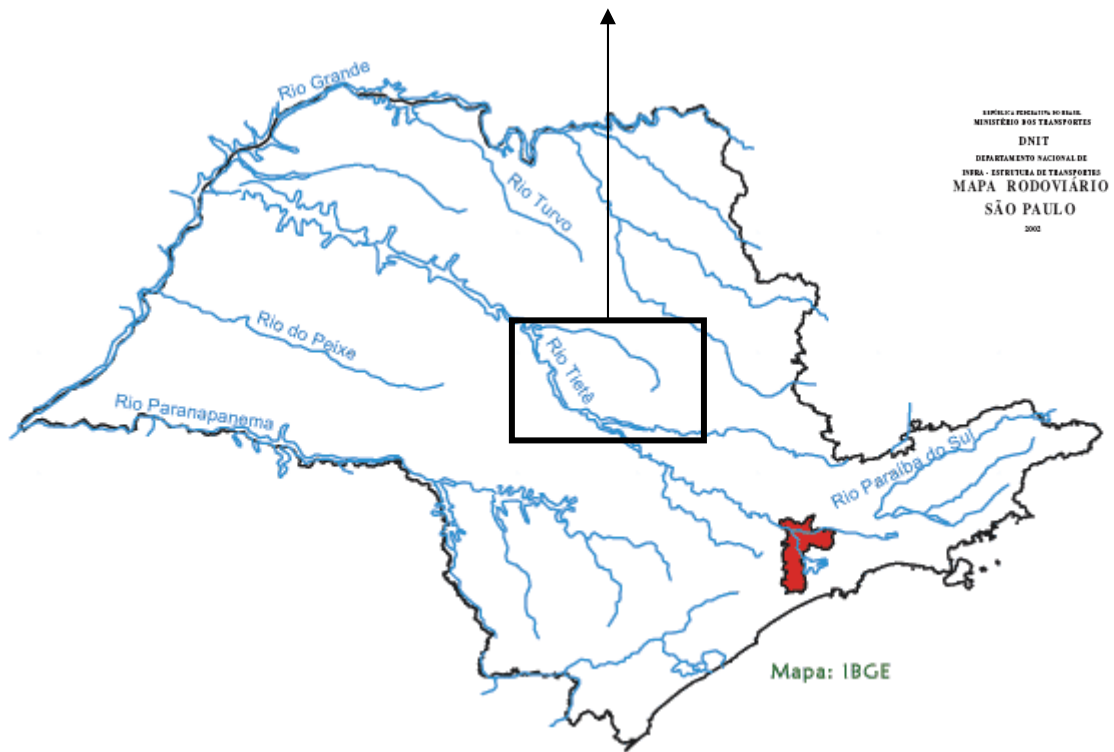
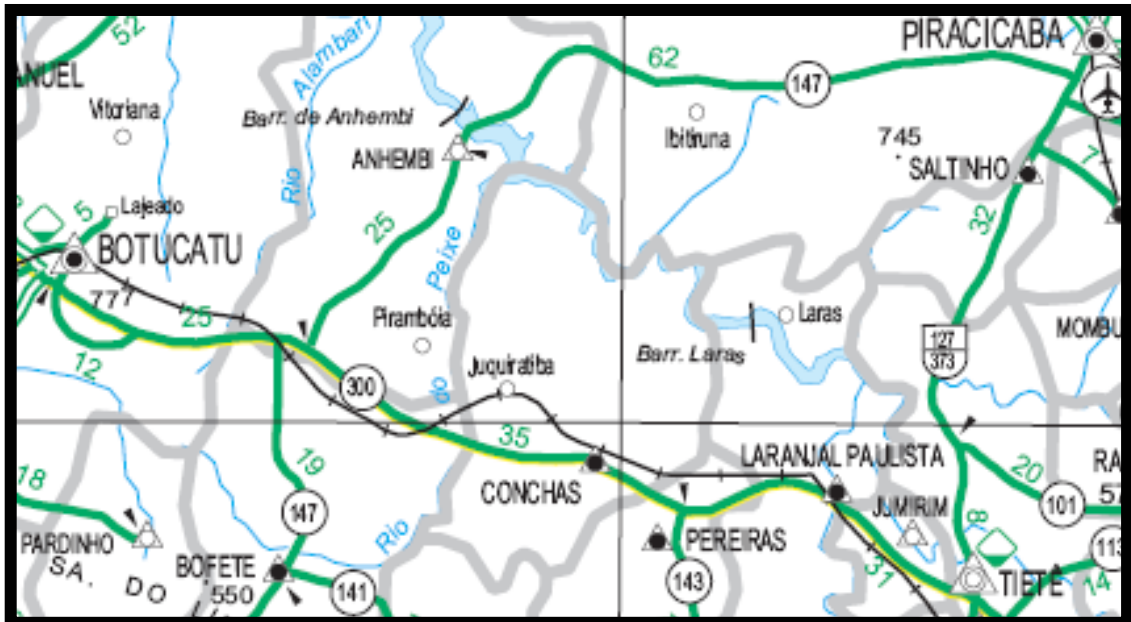
Relação dos Pousos e Almoços do Divino Espírito Santo - 2006.

Embarque dia 20 de maio de 2006.

20/05- sab.	Almoço	Ana Cláudia Muniz Pires	Casa do Divino – Anhembi
	Pouso	José Pacheco, Eraldo Prado, Sérgio Fogaca, José Maria e Jairo de Oliveira.	Chácara Pacheco – Anhembi
21/05- dom.	Almoço	Maria Olinda Portilho	Casa do Divino – Anhembi
	Pouso	Lázaro Calcidoni	Sítio São Pedro - Bairro Moquéim- Anhembi
22/05- 2ª f.	Almoço	José Eduardo Ferracine e família	Casa do Divino – Anhembi
	Pouso	Amando Carro e outros	Sítio São José – Botucatu
23/05- 3ª f.	Almoço	Lázaro Francisco Vieira (Fião)	César Neto - Botucatu
	Pouso	Sidnei Casarin e família	Sítio Saltinho- Bairro Ribeirão Claro- Anhembi
24/05- 4ª f.	Almoço	Jorge Benedito Vieira e família	Bairro Mimi – Conchas
	Pouso	Juliana A P. Camargo-in memorian	Juquiratiba
25/05- 5ª f.	Almoço	Alicio Gonzaga	Bairro Poli - Juquiratiba
	Pouso	Clélia e família	Bairro Bom Retiro - Conchas
26/05- 6ª f.	Almoço	José Evangelista	Sítio N. Sra. Conceição- Carangola- Anhembi.
	Pouso	Capela São José Operário	Bairro da Mina - Botucatu
27/05- sab.	Almoço	Nair Vieira Montanari - in memonian	Pardinho
	Pouso	Família Rodrigues e Silvio Soto	Bairro dos Cardosos - Conchas
28/05- dom.	Almoço	Joel Mariano Pinto e família	Conchas
	Pouso	Iterlindo Amaro (Ito) e família	Bairro Amaro – Conchas
29/05- 2ª f.	Almoço	Cozinheiros e amigos	Casa do Divino - Anhembi

Desembarque dia 29 de maio de 2006.

V – A região do médio-Tietê



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
DNIT
DEPARTAMENTO NACIONAL DE
INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES
MAPA RODOVIÁRIO
SÃO PAULO
2002

VI – As canções da folia do Divino das Irmandades de Anhembi e de São João de Conhas

Encontro

Ai rico encontro nós tivemos ai lai
Ai nesta tão bonita hora ai lai,
Mais se encontrou o Esperito Santo
Com as image na charola, ai lai, ai lai.

Ai rico encontro nós tivemos ai lai
Com esse nosso Redentor ai lai,
Mais se encontrou o Esperito Santo
Com as image no andor, ai lai, ai lai.

Ai rico encontro nós tivemos ai lai
Com este nosso Verdadero ai lai,
Mais se encontrou o Esperito Santo
Com a pombinha da Bandêra, ai lai, ai lai.

Ai rico encontro nós tivemos ai lai
Mais nesta hora tão bonita ai lai,
Mais se encontrou o Esperito Santo
Com glorioso São Benedito, ai lai, ai lai.

Ai rico encontro nós tivemos ai lai
Com as image reunida ai lai,
Mais se encontrou o Esperito Santo
Com a Senhora Aparecida, ai lai, ai lai.

Ai se encontrou-se encontrou-se ai ali
Mais quem devia se encontrar ai lai,
Mais se encontro-se essas image
Que as vertude são iguais, ai lai, ai lai.

Ai já sarvemo o rico encontro ai lai
Com as image que está alí ai lai,
Mais já fizemo a obrigação ai lai,
Agora podemo seguir, ai lai, ai lai.

Pedido de pouso

O de fora pediu licença
Mais o de dentro: quem será?
É o Devino Espírito Santo
Mais que veio lhe visitar, ai...

Ai no entrar da porta adentro
A sua casa floresceu,
Ai veio prá lhe dar a bença
Mais este verdadêro Deus, ai...

Ai no entrar na sua casa
Mais se avistou se um sarci-déo,
Para sarvá o seu artar
O Devino desceu do céu, ai...

Devino Esperito Santo
Ele tem essa promessa,
De fazer sua viagem
Prá depois fazer a festa, ai...

Essa viagem é tão santa
E foi por um grande pedido,
Foi por um grande milagre
Foi feito no tempo antigo, ai...

Foi feito no tempo antigo
Feito na grande Capela,
Prá acabar com a epidemia
Da triste febre amarela, ai...

Ai Deus vos sarve o seu artar
Mais com toda preparação,
Mais Deus vos sarve santo e santa
E todo quanto nele estão, ai...

Ai Deus vos sarve as suas image
Que está sentada alí no artar,
Ai Deus vos sarve santo e santa
Mais esta pombinha rear, ai...

Mais esta pombinha rear
Mais é uma pomba de valor,
Sentadinha alí no artar
No meio de um jard-flor, ai...

Ai Deus vos sarve as rica flor
Mais que alí estão ai colocada,
Ai quem preparô este artar
É por ter mão abençoada, ai...

Ai Deus vos sarve o belo arco
Foi feito de caracol,
Parece a porta do céu
Perto do raio de sol, ai...

Por olhar mais neste artar
Como está tão preparado,
Ai Deus vos sarve santo e santa
O meu Senhor crucificado, ai...

O meu Senhor crucificado
Mais eu aqui venho pedir,
A sarvação prá nossas armas
E a graça para vos servir, ai...

Ai prepararo este artar
Mais de renda, fita e flor,
Mais que trabalho vois tivero
Prá receber este Senhor, ai...

Ai prepararo este artar
Com prazer e alegria,
Mais onde está o Menino Deus
O Filho da Virgem Maria? ai...

Ai já sarvemo o rico artar
Mais que é a nossa obrigação,
Vamo saudá o dono da casa
E todo que nela estão, ai...

Ai Deus lhe deu uma alegre tarde
Que o Devino veio dar,
Veio saber da sua saúde
E sua família como estar? ai...

Ai viva o cravo e viva a rosa
E viva a flor que floresceu,
Ai e viva o dono da casa
Que a Bandêra arrecebeu, ai...

Mais como ficou mais tão ornada
A Bandêra na sua mão,
Ai veio prá lhe dar a bença
Mais este Pai da sarvação, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais este nosso Pai da Guia,
Mais veio prá lhe abençoá
E voissuncê e sua família, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais está Pombinha sagrada,
É por saber que é bom senhor
Lhe percorrou sua morada, ai...

A Bandêra entrou prá porta
E a pombinha prá janela,
Abençoar esta morada
E todo quanto morar nela, ai...

O meu senhor dono da casa
Ai Descurpe do atrevimento,
Mas eu aqui venho pedir
Mais seu maior conhecimento, ai...

Mais o Devino vem viajando
Esprimentando os coração,
Mais veio lhe pedir pousada
E uma janta pros ermãos, ai...

Mais eu aqui venho pedir
Mais em louvor do Rei da Glória,
Mais se o senhor puder nos dar
Prá mais arguém que vem de fora, ai...

Mais eu aqui venho pedir
Mais em louvor do meu Devino,
Um cantinho da sua casa
Para dormir com meus menino, ai...

Eu aqui venho pedir
Em louvor do Redentor,
Se o senhor puder nos dar
Prá o fulião e deretor, ai...

A Pombinha vem voando
Cortando vento pelo ar,
Ela vem pedir descanso
No cantinho do seu artar, ai...

O meu senhor dono da casa
Mais se nos causo puder ser,
É de hoje até amanhã
Até o dia amanhecer, ai...

Pedido de almoço

O de fora pediu licença
Mais o de dentro: quem será?
É o Devino Espírito Santo
Mais que veio lhe visitar, ai...

Ai no entrar da porta adentro
A sua casa floresceu,
Ai veio prá lhe dar a bença
Mais este verdadêro Deus, ai...

Ai no entrar na sua casa
Mais se avistou se um sarci-déo,
Para sarvá o seu artar
O Devino desceu do céu, ai...

Devino Esperito Santo
Ele tem essa promessa,
De fazer sua viagem
Prá depois fazer a festa, ai...

Essa viagem é tão santa
E foi por um grande pedido,
Foi por um grande milagre
Foi feito no tempo antigo, ai...

Foi feito no tempo antigo
Feito na grande Capela,
Prá acabar com a epidemia
Da triste febre amarela, ai...

Ai Deus vos sarve o seu artar
Mais com toda preparação,
Mais Deus vos sarve santo e santa
E todo quanto nele estão, ai...

Ai Deus vos sarve as suas image
Que está sentada ali no artar,
Ai Deus vos sarve santo e santa
Mais esta pombinha rear, ai...

Mais esta pombinha rear
Mais é uma pomba de valor,
Ai sentadinha alí no artar
No meio de um jard-flor, ai...

Ai Deus vos sarve as rica flor
Mais que alí estão ai colocadas,
Quem preparô este artar
É por ter mão abençoada, ai...

Ai Deus vos sarve o belo arco
Foi feito de caracol,
Parece a porta do céu
Perto do raio de sol, ai...

Por olhar mais neste artar
Como está tão preparado,
Ai Deus vos sarve santo e santa
O meu Senhor crucificado, ai...

O meu Senhor crucificado
Mais eu aqui venho pedir,
A sarvação prá nossa armas
E a graça para vos servir, ai...

Ai prepararo este artar
Mais de renda, fita e flor,
Mais que trabalho vóis tivero
Prá receber este Senhor, ai...

Ai prepararo este artar
Com prazer e alegria,
Mais onde está o Menino Deus
O Filho da Virgem Maria? ai...

Ai já sarvemo o rico artar
Mais que é de nossa obrigação,
Vamo saudá o dono da casa
E todo quanto nela estão, ai...

Ai Deus lhe deu um belo dia
Que o Devino veio dar,
Veio saber de sua saúde
E de sua família com estar, ai...

Ai viva o cravo e viva a rosa
E viva a flor que afloresceu,
Ai viva o dono da casa
Que a Bandêra arrecebeu, ai...

Como ficou mais tão ornada
A Bandêra na sua mão,
Ai veio prá lhe dar a bença
Mais este Pai da sarvação, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais este nosso Pai da Guia,
Mais veio prá lhe abençoá
E a voissuncê e sua família, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais está Pombinha sagrada,
É por saber que é bom senhor
Lhe percorrou sua morada, ai...

A Bandêra entrou prá porta
E a pombinha prá janela,
Abençoar esta morada
E todo quanto morar nela, ai...

O meu senhor dono da casa
Ai descurpe do atrevimento,
Mas eu aqui venho pedir
Mais sem maior conhecimento, ai...

Mais o Devino vem viajando
Esprimentando os coração,
Mais veio lhe pedir um almoço
Para armoçar com os meus ermãos, ai...

Mais eu aqui venho pedir
Mais em louvor do Rei da Glória,
Mais se o senhor puder nos dar
Prá mais arguém que vem de fora, ai...

O meu senhor dono da casa
O senhor queira descurpar,
Mais veja que hora são essa
E nós temo sem armoçar, ai...

O meu senhor dono da casa
O senhor tenha dó de nós,
Mais veja que hora são essa
E veja que a fome dói, ai...

Agradecimento do pouso

Bendito e louvado seja
Mais que o dia já amanheceu,
Vamo nós tomá a benção
Mais deste verdadeiro Deus, ai...

O meu senhor dono da casa
Licença queira nos dar,
As nossa hora estão chegada
E nós percisa viajar, ai...

Ai Deus lhe pague a sua janta
Mais dado com toda franqueza,
E quando vóis subir ao céu ai
Os anjo que lhe ponha a mesa, ai...

Ai Deus lhe pague e Deus lhe ajude
E do trabalho de fazer ai,
O Devino Esperito Santo
É quem lhe há de agradecer, ai...

Ai Deus lhe pague a sua janta
Mais e também da sobremesa
O Devino Esperito Santo
Que lhe pague a sua despesa, ai...

Ai Deus lhe pague das toalha
Mais e dos prato e das colher ai,
Mais Deus lhe pague o meu senhore
E a sua dona mulher, ai...

Ai Deus lhe pague o meu senhore
Mais e também nobre servente,
Mais a de ser abençoado
Mais do Devino Sacramento, ai...

Ai Deus lhe pague e Deus lhe ajude
Senhora dona cozinheira,
Mais há de ser abençoada
Mais desta Pomba verdadêra, ai...

Ai Deus lhe pague da pousada
Mais deste seu bom agasalho,
O Devino Esperito Santo
É quem lhe paga o seu trabalho, ai...

Ai Deus lhe pague a sua cama
Da fronha e dos travessêro,
Mais há quem há de dar eu pago
É este Nosso Verdadêro, ai...

Ai Deus lhe pague do café ai
Que vóis deu hoje bem cedinho,
Mais há quem há de dar eu pago
É esta a rica Pombinha, ai...

Ai Deus lhe pague do café
Mais e também da sobremesa,
O Devino Esperito Santo
É quem lhe pague sua despesa, ai...

Mais se despeçam da Bandêra ai lai
Que o Devino vai s' imhora ai lai,
Mais ele vai correr ao mundo
E vai para ganhar esmola, ai, lai, ai...

O Devino Esperito Santo ai lai
Mais é tão rico e é tão nobre ai lai,
É Senhor de tanta riqueza ai lai
E pede esmola como pobre, ai lai, ai lai...

Ai vamo agradecer a esmola
Mais muito bem agradecido,
E na hora que vóis lhe deram
Lá no céu foi recebido, ai...

A esmola que vóis lhe deram
O meu Devino está bem vendo,
Mais ói que os anjo lá no céu
Mais ele tão ai-lhe escrevendo, ai...

A esmola que vóis lhe deram
Dado de bom coração,
Mais há quem há de dar eu pago
É este Pai da sarvação, ai...

Ai, lai, lai senhor dono da promessa
Ai, lai, lai sossegai seu coração,
Ai, lai, lai sua promessa está cumprida
Ai, lai, lai com este Pai da sarvação, ai lai...

Lari larai vamo agradecer a esmola
Lari larai das senhora e dos senhore,
Lari larai mais quem há de dar eu pago
Lari larai mais este nosso Redentor, ai lai, ai...

Ai vamo agradecer a esmola
Mais foi de tudo mais quem deu ai,
Mais há quem há de dar eu pago, lá no céu
Glorioso São Vicente seja nossa guia,
Padre, Filho, Espírito Santo e a Virgem Maria ...

Ai vamo agradecer a esmola
Do primêro e do derradêro,
Mais há quem há de dar eu pago
É este nosso Pai verdadêro.

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
Senhora da Conceição, ai...

Mais o Devino se despede ai lai
Mais das image do artar ai lai,
Mais se despede e vai s' imbora ai lai
E vai sentino de deixar ai lai, ai lai.

O meu nobre deretor ai lai
Homem de bom coração ai lai,
O senhor pegue a Bandêra ai lai
Mais e convide os ermãos ai lai, ai lai.

Ai vamo dar por despedida ai lai
Mais como deu Cristo em Belém ai lai,
E vóissuncê ficai com Deus ai
E nós com Deus imo também ai, lai, ai lai.

Despedida (entrega) da Bandeira

O de fora pediu licença
Mais o de dentro: quem será?
É o Devino Espírito Santo
Mais que veio lhe visitar, ai...

Ai no entrar da porta adentro
A sua casa floresceu,
Ai veio prá lhe dar a bença
Mais este verdadêro Deus, ai...

Ai no entrar na sua casa

Mais se avistou se um sarci-déo,
Para sarvá o seu artar
O Devino desceu do céu, ai...

Deus vos sarve o seu artar
Mais com toda preparação,
Mais Deus vos sarve santo e santa
E todo quanto nele estão, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais este nosso Pai da Guia,
Mais veio prá lhe abençoá
A vóissuncê e sua família, ai...

Ai dentro da sua casa está
Mais esta Pombinha sagrada,
É por saber que é bom senhor
Lhe percorrou sua morada, ai...

A Bandêra entrou prá porta
E a Pombinha prá janela,
Abençoar essa morada
E todo quanto morar nela, ai...

Ai, lai, lai o Devino se despede
Ai, lai, lai é de todo os ermãos,
Ai, lai, lai vamo dar por despedida
Ai, lai, lai deste Pai da sarvação, ai lai.

Ai, lai, lai o Devino se despede
Ai, lai, lai é da caixa e dos menino,
Ai, lai, lai Devino Esperito Santo
Ai, lai, lai estamos se despedino, ai lai.

Ai, lai, lai o Devino se despede
Ai, lai, lai do contra-mestre e do fulião,
Ai, lai, lai vamo dar por despedida
Ai, lai, lai deste Pai da sarvação, ai lai.

Ai, lai, lai o Devino se despede
Ai, lai, lai deste nosso deretor,
Ai, lai, lai vamo dar por despedida
Ai, lai, lai deste nosso Redentor, ai lai.

Ai, lai, lai vamo agradecer a esmola
Ai, lai, lai é de todo os ermãos,
Ai, lai, lai mais quem há de dar eu pago,
Ai, lai, lai este Pai da sarvação, ai lai.

A esmola que vóis lhe deram
O meu Devino está bem vendo,
Mais ói que os anjos lá no céu
Mais eles estão ai-lhe escrevendo, ai...

Lari larai vamos agradecer esmola
Lari larai das senhoras e dos senhore ai,
Lari larai mais quem há de dar eu pago
Lari larai mais este nosso Redentor, ai lai, ai...

Ai vamo agradecer a esmola
Mais foi de tudo mais quem deu ai,
Mais há quem há de dar eu pago, lá no céu
Glorioso São Vicente seja nossa guia,
Padre, Filho, Espírito Santo e a Virgem Maria ai...

Ai vamo agradecer a esmola
Do primêro e do derradêro,
Mais há quem há de dar eu pago
É este nosso Pai verdadêro.

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
Senhora da Conceição, ai...

Ai vamo dar por despedida ai lai
Mais como deu Cristo em Belém ai lai,
E vóissuncê ficai com Deus ai
E nós com Deus imo também ai, lai, ai...

Ai vamo dar por despedida ai lai
Mais como o santo São José ai lai,
Que nos dê vida e saúde
Mais pro ano se Deus quisé, ai, lai, ai...